

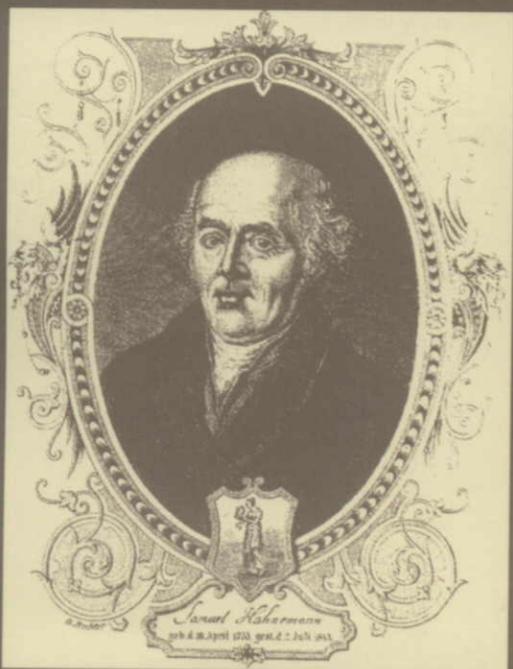
Concepção

VITALISTA

de

S. Hahnemann

Marcus Zulian Teixeira



apoio

Associação Paulista de Homeopatia

**CONCEPÇÃO VITALISTA DE
S. HAHNEMANN**

S. Hahnemann

Marcus Zulian Teixeira

Especialista em Homeopatia pelo Conselho Federal de Medicina

Coordenador do Curso de Especialização da A.P.H.

Membro do Corpo Docente da A.P.H.

CIP - Brasil Catalogação
Câmara Brasileira do Livro

Copyright Robe Editorial

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema retrieval ou transmitida de qualquer modo por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita pelos editores.

1997

PRODUÇÃO EDITORIAL

Direção Geral:

J. Roberto M. Belmude

Revisão Científica:

Marcus Zulian Teixeira

Produção e Arte:

Robe Editora

Capa:

J. Roberto M. Belmude

Todos os direitos para a língua portuguesa são reservados pela

*“Quando as forças vitais do corpo estão em mútua harmonia,
isso significa que a cura é possível.”*
*“Quando as forças vitais do corpo estão em mútuo desacordo,
diz-se que a doença é difícil de curar.”*

Huang Ti Nei Ching Su Wên

*“Mantém a alma sensível e o corpo animal numa unidade,
para que não possam separar-se.
Controla a força vital, a fim de que te transformes
novamente numa criança recém-nascida.”*

Tao Té Ching - Lao Tsé

*“Quem um ser vivo conhecer procura
Começa logo por tirar-lhe a vida;
As partes depois tem, mas já lhe falta
O espírito que as liga e as anima.”*

Fausto - Goethe

***À Homeopatia,
Ciência, Filosofia e Arte de curar,
que há duzentos anos enaltece a Medicina.***

***À Associação Paulista de Homeopatia,
propulsora do conhecimento homeopático,
pelos seus sessenta anos de existência.***

À minha esposa Eliane e meu filho Pedro.



APRESENTAÇÃO

S. Hahnemann

APRESENTAÇÃO

S. Hahnemann

Samuel Hahnemann é citado, indiscriminadamente, como gerador de vários pensamentos que ele próprio jamais verbalizou e dos quais afastava-se linearmente em suas publicações.

Para alguns homeopatas, ele é o criador da medicina espiritual. Segundo estes, o medicamento homeopático direcionaria o espírito para a finalidade maior da existência. Para outros, o medicamento homeopático atuaria nos órgãos enfermos e, portanto, teria a capacidade de estimular a drenagem dos mesmos. Para outros, ainda segundo Hahnemann, o homem teria um medicamento que o curaria sempre e definitivamente.

Enfim, todos, invariavelmente, pautam suas concepções sobre partes isoladas da obra do mestre, tentando justificar e embasar suas convicções. E mais, posicionam-se como se tivessem compreendido Hahnemann, o suficiente, para colocar suas interpretações e posicionamentos como se fossem palavras dele.

Este tipo de conduta, dita científica, tem sido bastante comum em nossos dias. A diversidade de informações e a falta de profundidade nas teses apresentadas têm gerado distorções nas idéias centrais que embasam a ciência homeopática. Estas atitudes, seguidamente, levam o iniciante e também o praticante mais experiente deste sistema médico a terem problemas de incompreensão de partes importantes, ou da totalidade da obra homeopática.

Para avaliar com propriedade o vitalismo de Hahnemann, surge através de Marcus Zulian Teixeira este trabalho intitulado "Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann", que, ao citar cuidadosa e exaustivamente trechos das partes mais importantes de seus escritos, mostra, com clareza, o seu pensamento a respeito da estrutura do homem, o que deste homem poderia ser compreendido por nós e até onde deveríamos atuar como médicos, para restaurar a saúde do mesmo.

Pode parecer a muitos que estas questões não têm a menor importância, pois o medicamento homeopático age no organismo apesar de qualquer teoria que se faça a

respeito de seu *locus* de ação. Entretanto, enganam-se os que pensam desta forma. Nossos resultados, enquanto médicos, assentam-se sobre o que pretendemos curar ou modificar nos nossos enfermos e isto está intimamente relacionado àqueles conceitos. Sendo assim, se pretendemos, com o medicamento, atuar na espiritualidade do doente, não nos satisfazemos apenas com a melhoria de sua saúde física. Isto significa um enfoque diverso da tentativa de restabelecer o equilíbrio da energia vital, conforme propunha Hahnemann.

O autor desta obra (que certamente será de grande utilidade, tanto para os iniciantes quanto para os que já exercem a Homeopatia reavaliarem os reais objetivos de suas prescrições) mostra com muita propriedade e fidelidade o pensamento de Hahnemann, naquilo que é a pedra angular de sua teoria vitalista.

O criador da Homeopatia compreendia o homem como sendo um ser constituído de corpo, energia vital e espírito racional. Sabia ele, em sua genialidade, que um medicamento jamais alteraria os desígnios espirituais, já que estes, segundo suas crenças, estariam condicionados à racionalidade inteligente, legada ao homem através da divindade. Somente reequilibrando a energia vital é que o medicamento devolveria ao ser humano um organismo são, sensível e livre para servir a causa deste espírito que poderia conduzi-lo a qualquer fim. Portanto, somos médicos do complexo formado pelo corpo e a energia vital. Seria muita pretensão de nossa parte acreditarmos que para um espírito evoluir necessitaria das benéncias medicamentosas do *simillimum* e que em caso contrário, estaria o homem fadado a não se realizar enquanto ser espiritual.

Na verdade, a proposta do sábio de Meissen era muito lógica e simples: devolver ao organismo as condições de normalidade, para que este pudesse determinar a si uma trajetória liberta das artimanhas dos mecanismos defensivos patológicos. Esta questão não nos exime da responsabilidade de contribuirmos com a evolução de nossos pacientes porém, dá-nos a medida exata do que podemos alcançar com o medicamento e daquilo que é função de outras atitudes terapêuticas ou da educação moral, ética e religiosa de uma pessoa. O medicamento homeopático, portanto, facilitaria a interação do indivíduo com seu ambiente cosmo-sóciocultural. Entretanto, isto ficaria na dependência do contexto ético e moral admitido como padrão de normalidade.

Esta perspectiva aproxima-nos muito mais da ciência médica e torna nosso trabalho compreensível e factível.

Desta forma, a obra de Marcus Zulian Teixeira contribui muito para reforçar a autenticidade do que se divulga como sendo o pensamento de Hahnemann, trazendo considerações importantes a respeito de suas crenças e opiniões em relação a outros grandes pensadores do mundo ocidental e oriental, ratificando o quanto ele se inteirou em matéria de conhecimento para embasar esta ciência médica, que com tanta dificuldade tem atravessado as agruras do preconceito humano e do direcionamento parcial da ciência.

Dra. Ângela Augusta Lanner Vietra
Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira

PREFÁCIO

S. Hahnemann

"No princípio era o Verbo... É o pensamento que tudo cria e produz? Seria preciso pôr: no princípio era a Força... O espírito vem em meu auxílio! Vejo de súbito a solução e escrevo com segurança: no princípio era a Ação." (Goethe)

A apresentação de um livro de filosofia homeopática que não caia na teodicéia é difícil nos dias atuais, o que felizmente não ocorreu com esta obra.

Segundo *Pedro Lain Entralgo*, o termo **vitalismo** designa a atribuição aos seres vivos de um modo de ser qualitativamente distinto dos vários em que pode apresentar-se a matéria inerte ou inanimada e essencialmente irredutível, portanto, aos esquemas mediante os quais o homem de ciência explica a constituição e as propriedades desta última.

As concepções de *Hahnemann*, para *Sylvio Braga e Costa*, têm notável unidade; podemos dizer que a base biológica de todas elas é o **vitalismo**. Negada essa noção, todos os princípios do mestre ficam sem fundamento lógico.

Ainda segundo este último autor, a força vital não é uma entidade, pois não se pode concebê-la sem o organismo: sem ela, é um corpo morto. Ironicamente, em latim, a palavra *corpus* quer dizer cadáver! Na sinonímia de força vital, os

diversos autores utilizam os termos energia vital, princípio vital, sopro vital, consenso orgânico, *vis medicatrix naturae*, etc.

Aqueles que acreditam estar a *genesis* da moléstia localizada na alma ou no espírito são chamados de **espiritualistas**; se estiver na força vital, **vitalistas** e, finalmente, se estiver no corpo, **materialistas**.

Este livro do *Dr. Marcus Zulian* é dedicado aos vitalistas.

Dr. Félix Barbosa de Almeida
Presidente da Associação Paulista de Homeopatia

SUMÁRIO

S. Hahnemann

Introdução	13
CAP. I - Força Vital e <i>Vis Medicatrix</i>	15
CAP. II - Força Vital Instintiva, Automática, Conservadora	25
CAP. III - Força Vital Orgânica - Composto Substancial Corpo Físico - Princípio Vital.	29
CAP. IV - Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível, Espiritual	35
CAP. V - Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas	41
CAP. VI - Força Vital e Enfermidade	49
CAP. VII - Força Vital e Cura	53
CAP. VIII - Força Vital Irrracional difere do Espírito Racional	59
CAP. IX - Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo	67
CAP. X - Espírito, Alma e Mente	73
CAP. XI - Unidade Físico-vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais	83
CAP. XII - Saúde e Moral	89
CAP. XIII - Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas	97
CAP. XIV - Concepção Filosófica de Hahnemann	105
1) Visão Espiritualista	105

2) Hahnemann e Confúcio	107
3) Filosofia Natural	108
4) Hahnemann e Reimarus	112
CAP. XV - Conclusões	119
Referências Bibliográficas	125
Comentários	129

Introdução

S. Hahnemann

Para a Homeopatia, toda doença é fruto de uma disritmia da força vital, princípio imaterial que permeia os seres vivos e é responsável pela homeostase do organismo humano. Isto ocorre porque antes do corpo material ser afetado, já ocorreu uma alteração no corpo energético.

Devido a Homeopatia atuar diretamente sobre a energia vital, provocando uma reação da mesma no sentido de restaurar o equilíbrio perdido, faz-se necessário entendermos o que vem a ser este princípio vital, a fim de compreendermos o caminho de cura e as possibilidades do mesmo.

Na busca da compreensão da natureza da força vital hahnemanniana, muitas concepções surgiram, orientando *a posteriori* conceitos filosóficos que abarcam desde a própria natureza imaterial do homem (*vis medicatrix naturae*, princípio vital, mente, alma, espírito, etc.), até o entendimento do binômio saúde-doença.

Alguns conceitos errôneos, como a analogia entre força vital e alma, criam a falsa noção de que a Homeopatia, por atuar no reequilíbrio da força vital, poderia atingir níveis profundos do espírito ou da personalidade humana,

modificando-os. Confusões teórico-práticas que possuem sua origem em definições mal-elaboradas.

Ao analisarmos a obra de Hahnemann, certamente encontraremos um pensamento comum sobre o referido tema, reiterado nos mais variados aspectos doutrinários, que deverá nortear o ideal do discípulo fiel, isento de preconceitos e disposto a comungar com as idéias do Mestre.

Na maioria de seus ensinamentos é notória a capacidade de síntese e clareza dos mesmos, fazendo-nos desconfiar de erros interpretativos de nossa parte, caso encontremos sérias contradições em seus escritos. Como popularmente dizemos, Hahnemann *não dava ponto sem nó*.

Não encontrando semelhança entre a obra de Hahnemann e alguns conceitos trazidos por quem se diz seu seguidor, dispusémo-nos a estudar minuciosamente o assunto e relatá-lo no referido trabalho, sem o intuito de criticar tal ou qual autor, mas, unicamente, na busca de uma compreensão doutrinária mais clara.

Veremos que, ao introduzir uma idéia, Hahnemann repetia-a inúmeras vezes, como se quisesse deixar clara sua posição e acredito ser este o verdadeiro parâmetro, para que dissipemos dúvidas existentes. Podemos assumir uma postura pessoal quanto ao que acreditamos e aceitamos, que pode consistir em exercício intelectual positivo ao movimento homeopático, mas não induzamos o pensamento do estudioso no rumo de noções individualistas.

Juntamente com a natureza imaterial do homem, buscamos entender a concepção filosófica de Hahnemann, assuntos de extrema importância caso tentemos delinear um modelo antropológico que embase a doutrina homeopática.

Para evitar falhas de interpretação, as citações das obras de Hahnemann foram transcritas literalmente dos textos consultados, facilitando a constatação dos que se proponham a revê-los. A repetição de termos semelhantes, por vezes cansativa, visa transmitir ao leitor a freqüência de utilização dos mesmos, demonstrando o cerne do pensamento hahnemanniano.

CAP. I

Força Vital e *Vis Medicatrix*

S. Hahnemann

O entendimento deste primeiro item, provavelmente dispensaria o estudo de boa parte dos demais, mas, como dissemos anteriormente, o pensamento claro e lógico de Hahnemann reitera, ao longo de toda a sua obra, os conceitos em que acreditava. Quando escreve repetidamente sobre um tema, anula qualquer dúvida que possa pairar em nossas mentes fantasiosas.

Inicialmente, veremos a concepção hahnemanniana da *vis medicatrix naturae* (*caminho natural de cura*), ou seja, a reação natural defensiva do organismo, entregue a si mesmo, como meio de cura para algumas enfermidades passageiras, *de duração apenas breve*, como algumas doenças agudas e outras doenças medicamentosas. Critica o sistema de Brown, que dizia haver uma única *força fundamental, a vida*, e que esta força nada fazia a não ser diminuir ou aumentar, esgotar-se ou acumular-se nas enfermidades, as quais deveriam ser entendidas sob o ponto de vista *da debilidade ou do excesso de força*.

"A Benéfica Natureza e a juventude, auxiliadas por um regime apropriado, curarão as doenças de causas muito mais profundamente localizadas que apenas deficiência ou excesso de excitabilidade, algo que o observador isento de preconceitos presencia

diariamente; isto deve ser desautorizado ou negado por Brown, a fim de dar apoio a seu sistema escolástico.” (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801; The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 350*)

“A maior parte das enfermidades para as quais se convoca a presença de um médico são afecções agudas, ou seja, transtornos da saúde que demoram um curto período para retornar à saúde ou conduzir à morte. Se o paciente sucumbe, seu médico acompanha modestamente o fêretro; se chega a curar-se, é preciso que a natureza tenha tido força suficiente para triunfar sobre a enfermidade e sobre a ação dos medicamentos, que se exerce geralmente em sentido inverso de como deveria ser. Pois a natureza tem esta força com freqüência, e no maior número dos casos.” (*Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 93*)

Quanto à natureza da força vital ou *força natural*, Hahnemann é claro ao compará-la com a *vis medicatrix naturae*, “*força curativa da natureza*”, conceito de cura hipocrático pelos movimentos naturais do organismo vivo.

Profundo admirador de Hipócrates, demonstra seu respeito ao *Médico de Cos*, enaltecendo sua capacidade de *observador escrupuloso da Natureza*, descrevendo as enfermidades exatamente como elas eram, sem nada ajuntar, sem fantasiar, sem se permitir nenhum devaneio.

“Jamais se fez mais pela arte de curar que à época de Hipócrates. Este observador escrupuloso estudava a natureza dentro da própria natureza. Descrevia as enfermidades exatamente sem ajuntar-lhes nada, sem dar-lhes coloridos, sem permitir-se nenhum raciocínio. Nenhum médico superou seu talento para a observação pura. Todavia, faltava um só ramo da medicina a este favorito da natureza, com o qual teria possuído a arte por inteira; o conhecimento dos remédios e seu emprego. Mas tampouco afetava ter este conhecimento: até confessava que carecia dele não prescrevendo nenhum medicamento e contentando-se em submeter o regime a algumas regras.” (*Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 103*)

Em *A Medicina da Experiência*, Hahnemann nos traz a idéia de *vis medicatrix*, sem usar o termo força vital, que só foi incorporado à doutrina mais tarde. Neste escrito, fala da incapacidade dos *recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo* em vencer as enfermidades, pois este papel cabe ao espírito exercendo sua *nobre prerrogativa* em manter a saúde.

“Assim mesmo, permite à inumerável turba de enfermidades que ataquem nossa constituição delicada, que a transtornem, que a ponham em perigo de morte e de destruição, sabendo muito bem que o que há de animal em nós rara vez é capaz de afugentar o inimigo, sem sofrer muito pelos esforços que esta tarefa lhe impõe, ou ainda sem sucumbir a eles. Mas era preciso que os recursos medicatrizes do organis-

mo abandonado a si mesmo fossem débeis, limitados e insuficientes, a fim de que nosso espírito se visse também obrigado a exercer sua nobre prerrogativa numa circunstância em que se trata do mais precioso dos bens terrestres, a saúde e a vida. O Pai do gênero humano não queria que nós atuássemos como atua a natureza, queria que fizéssemos mais que a natureza orgânica, porém não do mesmo modo, nem com seus meios. (...) Não permite que nos sirvamos como a natureza dos movimentos chamados crises para curar uma multidão de febres; não está em nosso poder o imitar os suores críticos, as urinas críticas, os abscessos críticos, as epistaxes críticas. (...) Nós não podemos, nem devemos imitá-la, posto que há meios infinitamente mais fáceis, mais rápidos e mais seguros que nosso espírito está destinado a criar para as exigências da mais necessária e mais respeitável das ciências: a medicina." (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 45)

Criticando o tratamento alopático de sua época, tanto para doenças agudas como crônicas, que evoluiriam mais seguramente se abandonadas a si mesmas, à *vis medicatrix naturae* ou força vital, defende um tratamento mais rápido e mais completo que os empregados até então, como verdadeiro método de cura.

"As doenças de aparecimento repentino desaparecem, com ou sem medicamento, evidentemente em virtude da vitalidade do organismo; estas doenças agudas, se tratadas com medicamentos, devem ceder muito mais rapidamente e de modo muito mais completo do que se fossem deixadas à própria sorte, para que possamos nos referir a isto como cura." (Matéria Médica Pura, 1811; vol. I, p. 272)

"Nas afecções crônicas é muito mais seguro não usar qualquer espécie de medicamento e confiar inteiramente nas forças vitais, do que ser tratado pelo tratamento alopático prejudicial e destruidor." (Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XXII, suplemento 204)

No Prefácio à quarta edição do **Organon** discorre sobre a *vis medicatrix*, acreditada pela escola tradicional como a *incomparável arte de curar, fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si*.

"Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravariamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças (*vis medicatrix*). Mas o caso está longe disso! (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Na mesma referência, deixa clara a identidade da *vis medicatrix* com a força vital, *instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, mantendo as condições do organismo em equilíbrio desde que o mesmo esteja saudável* e causando transtornos revolucionários, quando a saúde é perturbada.

(...) Essa natureza (vis medicatrix), cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar; a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforce-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Continuando, fala da inutilidade das tentativas de auxiliar a força vital nos seus esforços cegos, prática vigente dos médicos de sua época.

“Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, (...) em outras palavras, não teriam envidado esforços para descobrir uma arte de curar”. (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

“Mas como o que tem sido até aqui chamado “arte de curar” é mera (imperfeita) imitação dos esforços e operações infelizes, inúteis e não raramente nocivos da instintiva e irrefletida força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença (...).” (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Alguns homeopatas utilizam-se do parágrafo anterior para inferirem que a força vital desta citação não se refere à *vis medicatrix*, justificando-se através da frase *“irrefletida força vital (erradamente chamada natureza)”*, como se o *“erradamente chamada natureza”* referisse-se à *vis medicatrix*. Este é o perigo de utilizarmos frases soltas, separadas do contexto geral, para justificarmos uma posição pessoal.

Quando Hahnemann diz *“erradamente chamada natureza”*, está claro que sua crítica se volta à postura médica da época que, assim como Hipócrates,

considerava a *avis medicatrix* (força vital) como a mais perfeita e sábia manifestação da Natureza, ou a própria Natureza, obra máxima do Criador, conforme ele discorre nesta citação: “*Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível*”. (grifo nosso)

Aclarando a questão, citemos a conceituação da *vis medicatrix* segundo Hipócrates, trazida por Leduar de Assis Rocha em sua obra **Aforismos**:

“O fato é que Hipócrates criou o seu próprio sistema médico, incorporando-o à escola que fundou - a Escola de Cós - sistema batizado por Galeno de **dogmatismo** e a que muitos poderiam chamar de **humoralismo**, mas que o historiador médico Cumston preferiu chamar de **naturismo**, porque tal sistema médico tem por diretriz o poder curativo da natureza, entendendo Hipócrates por **natureza** uma força que penetrava a economia inteira e dirigia todos os fenômenos na saúde e na doença; o **naturismo** foi, desta forma, (conclui Cumston), criado no dia em que Hipócrates descobriu esse grande fato que domina todos os outros nas operações ou nas funções da vida; englobando toda a ciência e toda a prática médica à coexistência de um poder que forma, conserva e cura, poder que é inerente ao próprio organismo, graças ao qual ele sente, reage, desenvolve-se, preserva-se e combate todas as causas mórbidas e os efeitos que produzem. Tão simples que nos parece, hoje, esta descoberta, arremata Cumston, é a mais importante das que se fizeram em torno do conhecimento do corpo humano.” (Aforismos, p. 20)

“Hipócrates é assim o divisor de águas, de que dizia, em página luminosa, o prof. Clementino Fraga: - Na intimidade orgânica a coluna mestra da defesa, garantida pelos mecanismos protetores, é a *vis medicatrix*, que o mais velho de todos nós, nosso santo mestre Hipócrates, já percebera no mistério das reações vitais, guardiã da defesa individual!” (Aforismos, p. 27)

O mesmo encontramos na obra **Homeopatia e Vitalismo**:

“Hipócrates - desenvolvendo os conceitos dos que o precederam - entendeu a *physis* (natureza) como sendo **o médico das enfermidades, fazendo sem auxílio o que convém**. (...) Esta *vis medicatrix* operava em todos os seres como uma servidora, favorecendo nos indivíduos enfermos as eliminações, as substituições mórbidas, a recuperação e a regeneração das lesões. A medicina hipocrática entendia que o médico deveria limitar-se a agir como um **servidor da natureza**”. (Homeopatia e Vitalismo, p. 31)

Comentando a evolução de um paciente, Hahnemann relata os efeitos prejudiciais que os *poderes da natureza* (força vital irracional) foram gradualmente forçados no produzir a nível interno, na tentativa de restabelecer o equilíbrio orgânico.

“Sua (do paciente impotente-RH) recuperação muito difícil localiza-se muito mais profundamente, quer dizer, está no aleijamento orgânico e nos efeitos materiais que os poderes da natureza foram gradualmente forçados a produzir no nível interno, nas partes mais delicadas do organismo, naquelas que são essenciais ao movimento e à sensação, em nome de protegê-la e preservá-la contra os ataques violentos dos remédios alopáticos(...). Estas mudanças materiais e internas, no nível orgânico, produzidas pela força vital para salvar e preservar a vida dos tratamentos adiados e dos remédios errados e prejudiciais, impedem a livre e desimpedida movimentação dos membros por muito tempo depois que a força vital tiver conseguido dissolver e remover tais alterações”. (Carta ao Dr. Schrëter de Lemberg, 01/01/1829; Samuel Hahnemann: *bis life and work*)

Na Introdução à sexta edição do **Organon**, Hahnemann relata exemplos das **derivações** empregadas pelos médicos da escola dominante, imitando os esforços impróprios da *vis medicatrix* ou *força vital abandonada a si mesma* na tentativa de eliminar o distúrbio na saúde já instalado.

*“Mas os novos adeptos da antiga escola não mais querem ser vistos como praticantes da expulsão das substâncias morbíficas materiais em seus tratamentos. Eles explicam as numerosas e diversas evacuações como um método **derivativo** pelo qual a natureza do organismo doente, empenhando-se em ajudar-se, dá seu exemplo ao eliminar a febre pela transpiração e pela urina, ao suprimir a pleurisia pelo sangramento do nariz, os suores e escarros mucosos e outras doenças pelo vômito, diarréias e hemorragias; as doenças articulares pelas ulcerações nas pernas, as inflamações de garganta pela salivagem, etc., ou por meio de metástases e de abscessos que a natureza faz surgir em partes do corpo distantes daquela que está afetada. Acreditavam, assim, no tratamento da maior parte das doenças, estar fazendo o melhor ao **imitar** a natureza, também trilhando desvios, como procede a força vital abandonada a si mesma, provocando indiretamente ou mesmo mantendo evacuações por estímulos heterogêneos mais fortes, distantes do foco da doença e normalmente também conservando, nos órgãos menos semelhantes, estruturas mórbidas, a fim de, simultaneamente, **deslocar** para lá o mal. Essa assim chamada **derivação** foi e continuou sendo o principal método de tratamento da escola dominante.”* (*Organon*, 6ª ed.; Introdução, pp. 38, 39; IHFL, 1996)

Reiterando a identidade entre *vis medicatrix naturae* e força vital, Hahnemann compara várias vezes a *natureza bruta e instintiva* com a força vital sujeita unicamente às leis orgânicas e *incapaz de agir segundo a razão e a reflexão*, diferenciando nitidamente a *força vital desprovida de razão do espírito inteligente e racional*.

“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão.(...) Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sicose), a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar, não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo, deixando-os, antes, propagar-se, até que a morte, muitas vezes, após um longo e triste período de vida, feche os olhos ao sofredor.” (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 40 a 42; IHFL, 1996)

Daí o inconformismo de Hahnemann ao ver a velha escola, que se dizia racional, imitando e assumindo a força vital irracional, *condutora cega*, como o grande modelo a ser seguido. Denominava o *raciocínio lógico* e a *livre reflexão* (princípio inteligente) como o maior dom de Deus conferido aos homens.

“Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única non plus ultra, a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão?” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 42; IHFL, 1996)

O parágrafo abaixo fala da prática dos médicos da velha escola, que além de imitar os *esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma (força vital)*, atuavam nas conseqüências dos mesmos, favorecendo as eliminações em geral (método empregado atualmente por práticas “naturalistas”), pensando com isto estarem agindo de conformidade com a natureza (*dulce natura*), honrando-se com o título de ministros da natureza (*ministri naturae*).

“Assim, enquanto a maioria dos médicos da velha escola em geral, imitando os esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma, punham em prática, a seu bel-prazer, semelhantes derivações supostamente proveitosas (quando alguma indicação idealizada por sua mente os levava a isto), outros, que se compenetravam de um objetivo ainda mais alto, punham-se diligentemente a favorecer os

esforços de auto-ajuda que a força vital logo evidenciava nos casos de doença e que consistem de evacuações e metástases antagonistas, ativando ainda mais tais derivações e evacuações, a fim de auxiliá-la, acreditando, com esse procedimento prejudicial, agir como duce natura (tendo por guia a natureza), podendo honrar-se com o título ministri naturae (servidores da natureza).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 44; IHFL, 1996)

Utilizando a denominação “força bruta automática da natureza” para designar a força vital, reúne num só termo a *vis medicatrix naturae* a força vital.

“A alopatia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente, considerando-os de modo errôneo, genuinamente salutares(...). Quando a força vital, nas doenças crônicas, parecia aplacar este ou aquele incômodo sintoma do estado interior, através de uma erupção cutânea úmida, por exemplo, lá ia o servidor da força bruta natural (minister naturae) aplicar sobre a superfície supurante um emplastro de cantáridas ou um exutório (trovisco), a fim de duce natura retirar da pele ainda mais a umidade, favorecendo e apoiando assim, o intuito da natureza, a cura (por meio da retirada da matéria morbífica do corpo)”. (Organon, 6ª ed.; Introdução, ps. 45, 46; IHFL, 1996)

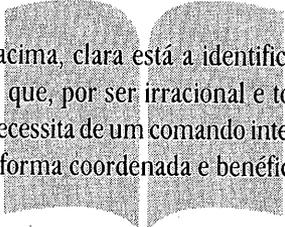
A citação a seguir exemplifica os métodos empregados pelos *minister naturae* para auxiliar a *força vital do organismo desprovida de inteligência (vis medicatrix naturae)* em seus esforços curativos, estimulando as evacuações e os esforços derivativos em geral.

“Na mesma ilusão de querer favorecer a força vital em seus esforços curativos, o minister naturae, quando a força doente da natureza comprimia o sangue nas veias do reto e do ânus (hemorróida cega), aplicava sanguessugas(...). Em quase todos os casos em que a força vital doente, para aplacar um padecimento interno perigoso, procurava expelir sangue por meio de vômito, da expectoração, etc., apressava-se o médico da velha escola, duce natura, a prestar auxílio a tais esforços supostamente salutares da natureza, fazendo escoar abundantemente o sangue das veias(...). Em caso de náuseas crônicas frequentes, pensando estar auxiliando a intenção da natureza, provocava fortes evacuações gástricas e habilmente causava vômitos(...). Por vezes, para acalmar a doença interna, a força vital provocava abscessos frios nas glândulas exteriores e ele crê auxiliar as intenções da natureza como seu devotado servidor, ao aplicar na inflamação toda sorte de fricções abrasivas e emplastros, a fim de abrir a pústula madura por meio da incisão(...). E, como ele, muitas vezes, observara em casos de doenças crônicas breves melhoras de grandes sofrimentos, por meio de suores noturnos espontâneos ou de várias evacuações líquidas, acreditava, então, estar em condições de seguir estes sinais da natureza (duce natura) e dever favorecê-

los por meio da produção e manutenção de tratamentos sudoríficos completos ou do emprego, durante anos, de laxativos chamados suaves, a fim de favorecer e multiplicar, segundo seu raciocínio, aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência)". (Organon, 6ª ed.; Introdução, ps. 46, 47; IHFL, 1996)

Na mesma linha do pensamento anterior, diz constituírem os esforços de expulsão realizados pela força vital doente a própria doença.

"Em virtude dessa opinião preconcebida, embora sem fundamento, prossegue o médico da velha escola sua contribuição aos esforços de expulsão realizados pela força vital doente, multiplicando tais derivações e evacuações do paciente, **nunca** atingindo um fim proveitoso, mas **somente** levando à ruína, sem dar-se conta de que todos os males locais, evacuações e esforços derivativos aparentes, empreendidos e mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão, com o fito de avaliar o sofrimento crônico original, constituem, justamente, a própria doença". (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 48; IHFL, 1996)



Em vista das citações acima, clara está a identificação da *vis medicatrix naturae* com a força vital, que, por ser irracional e totalmente sujeita às leis orgânicas do corpo físico, necessita de um comando inteligente para atuar, frente às alterações da saúde, de forma coordenada e benéfica.

CAP. II

Força Vital Instintiva, Automática, Conservadora

S. Hahnemann

No escrito menor *Valor dos Sistemas em Medicina*, Hahnemann fala da propriedade da força vital de unir e animar as partes do corpo humano, afastando-o da natureza material através de ações automáticas (não-inteligentes), sendo difícil representar a força vital como *um ser aparte* do corpo físico vivo.

"(...) O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte". (Valor dos Sistemas em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

A reação do organismo vivo às leis que governam a matéria morta ocorre através do *antagonismo vital*, que permite através de seu *poder automático* reagir às agressões que desarranjem seu equilíbrio global. O termo "*espiritual*", que surge pela primeira vez no referido texto, deveria assumir o significado de "*não-material*" nas traduções da época, como veremos a seguir.

"(...) Não, nosso organismo vivo não se comporta passivamente, ele não está sujeito às leis que governam a matéria morta; ele reage por antagonismo vital, de modo a entregar-

se como um indivíduo vivo global a seu desarranjo mórbido e permitir que este se extinga no seu interior quando uma afecção mais forte com um modo semelhante, produzida nele por um medicamento homeopático, toma posse dele. Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expelle de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante". (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, pp. 68, 69)

A seguir, Hahnemann descreve as propriedades da força vital (*vis medicatrix*), como *instintiva, irracional, irrefletida*, destituindo-a de qualquer atributo de inteligência, e *sujeita às leis orgânicas do nosso corpo*, relacionando-a ao corpo físico como uma unidade inseparável. Sua capacidade instintiva e automática de manter as funções e sensações do organismo em condições perfeitas, só ocorre na condição de saúde, sendo que ela não possui a capacidade de restaurar o equilíbrio perdido, pela ausência da razão, quando sua integridade for prejudicada por influências nocivas externas.

"(...) Essa natureza (vis medicatrix), cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar; a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou que mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforce-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. (...) Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não-rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente (...)." (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Quando confrontamos a energia do medicamento homeopático semelhante à energia vital desequilibrada, provocamos uma reação vital instintiva, tornando-a mais forte e poderosa contra o distúrbio original. Este processo ocorre de forma automática, resultado da interação entre duas energias de mesma natureza e de tipos semelhantes.

"Mas se nós, médicos, formos capazes de mostrar e de opôr a esta força vital instintiva seu inimigo morbífico aumentado, por assim dizer, pela ação dos

medicamentos homeopáticos(...), aos poucos obrigamos e compelimos esta força vital instintiva a aumentar gradualmente suas energias, cada vez mais, e, finalmente, a alcançar um tal nível que se torne bem mais poderosa do que a doença original.” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838; p. 29)

Condizendo com os atributos “*irracional e irrefletida*”, Hahnemann caracteriza a energia vital bruta em *automática (força bruta automática da natureza), desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério.*

“(…) imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão, ajuda as partes e órgãos não-afetados, impingindo-lhes uma dor mais forte, ou como é mais freqüente, compelindo à evacuação com esgotamento das forças e humores (...).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 42, 43; IHFL, 1996)

“(…), tais procedimentos da força vital enérgica porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura, (...).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 45; IHFL, 1996)

“(…), sem meditar como é irracional querer imitar e incentivar esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional, que se incorporou em nosso organismo a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso; não, porém, a fim de curar-se a si mesma nas doenças. Se ela possuísse essa exemplar capacidade, nunca permitiria que o organismo adoecesse.” (Organon, 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

Como outro atributo, temos a **capacidade conservadora** da força vital que, através de mudanças morbosas nos órgãos (metástases), procura *apartar o perigo das partes indispensáveis à vida*, afastando de nosso organismo as ameaças hostis (medicamentosas ou não).

“(…) Efetivamente, a força vital conservadora, que está sempre atuando em nós, jamais deixa de procurar separar o prejuízo que estes freqüentes ataques ocasionam à própria vida por meio das mudanças morbosas que determina nos órgãos. Exalta a atividade de um, que ela torna mais sensível e doloroso, diminui a do outro, que se torna insensível e se ingurgita; tira a irritabilidade de certas partes, e até as paraliza; em uma palavra, provoca tantas mudanças morbosas no físico e no moral do corpo, quantas sejam necessárias para afastar o perigo a que a vida está exposta, pelos ataques hostis das doses continuamente renovadas do medicamento, ou seja, que fomenta em silêncio uma multidão de desorganizações e de organizações patológicas, que são outras tantas desordens internas e externas permanentes em adiante.(...) Do mesmo modo, a força vital incessantemente ocupada na conservação do nosso organismo (...).” (A Alopátia, 1831; Opúsculos de Hahnemann, p. 198)

“(…) porque se é certo que somente a força vital conservadora pode dar origem em nós a mudanças orgânicas duradouras para preservar a vida (...).” (A Alopátia, 1831; Opúsculos de Hahnemann, p. 200)

“(...) Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura, sendo meras e paliativas suspensões efêmeras do padecimento interno com desperdício de uma grande parte de humores e força,(...). A Alopátia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente”. (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 45; IHFL, 1996)

“(...) mesmo que esse meio livre localmente o corpo da úlcera maligna, o mal fundamental desse modo não será em nada diminuído, tornando-se necessário que a força vital, conservadora da vida, transfira o foco do grande mal interior para um local ainda mais importante (como o faz em todas as metástases) produzindo desse modo cegueira, surdez, loucura, asma sufocante, hidropsia, apoplexia, etc.” (Organon, 6ª ed.; § 205, nota; IHFL)

O corpo físico, sem a força vital conservadora, deixa de ser uma unidade viva, atingindo a morte e retornando às leis materiais da decomposição.

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação (* Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)”. (Organon, 6ª ed.; § 10; IHFL)*

Através das propriedades acima descritas, vemos que a força vital instintiva e automática, possui o papel de manter o organismo em equilíbrio, desde que impere o estado de saúde, não conseguindo o mesmo quando dele se afasta. Nestas tentativas de conservar a vida em equilíbrio, por não possuir o atributo da inteligência, causa sérios danos ao organismo. O organismo físico, sem a força vital, é incapaz de qualquer sensação ou atividade, não possuindo nem mesmo a capacidade de autoconservação, ocorrendo a morte e a decomposição.

CAP. III

Força Vital Orgânica - Composto Substancial Corpo Físico - Princípio Vital

S. Hahnemann

Como vimos anteriormente, Hahnemann atribuiu à força vital a capacidade de unir e animar as partes do corpo humano através de ações automáticas, afastando-as da matéria inanimada. Deste modo, o corpo físico e a força vital são encarados como uma unidade substancial.

"(...) O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte". (Valor dos Sistemas em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

A distinção entre princípio vital (vitalidade) e princípio inteligente ou espírito (*força intelectual*), é nítida desde o início de suas obras, permanecendo até a sexta edição do **Organon** como veremos adiante. Em **Valor dos Sistemas em Medicina**, Hahnemann diferencia nitidamente a unidade corpo físico-força vital (*vitalidade do corpo organizado*) do espírito racional que o dirige (*força intelectual que atua dentro dele*).

"Nenhum mortal conhece o substratum da vitalidade, ou a disposição íntima a priori do organismo vivo. Nenhum mortal pode aprofundar semelhante objeto, nem

ainda sequer descobrir sua sombra(...). Durante os dois mil anos em que os homens têm se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento a priori da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Habnemann, p. 135)

Ao atribuir à alteração mórbida da força vital a causa das doenças (*sensibilidades e funções vitais alteradas*), a qual promove mudanças nas *propriedades das partes materiais componentes do corpo*, fala-nos dos distúrbios na unidade corpo físico força vital (*condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo*). Nas perturbações dinâmicas ou imateriais (*semelhante à espiritual*) encontramos as causas das doenças, que desarranjam os *órgãos de mais alta hierarquia e da força vital*. Ao imaginarmos os “*órgãos da força vital*”, pensamos numa réplica energética dos órgãos e do corpo físico, que acompanha toda a materialidade orgânica, assim como a matéria nuclear do átomo (prótons, nêutrons, etc.) é envolvida pela imaterialidade das camadas de elétrons. À *atividade alterada (funções anormais) de cada órgão*, relaciona o *desarranjo da força vital e à sensação alterada (inquietaude, dores)*, relaciona o *desarranjo dos “órgãos de mais alta hierarquia”*, que, como veremos adiante, são análogos ao conceito de *órgãos psíquicos ou mentais (mente)*.

(...) doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais(...), uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual.(...) As causas excitantes das doenças agem, melhor dizendo, por meio de suas propriedades essenciais no estado de nossa vida (em nossa saúde), apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietaude, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente.” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Inferindo ao organismo vivo o poder automático e irracional de expelir um desarranjo dinâmico, correlaciona-o à unidade orgânico-vital. Aqui o termo *espiritual* assume conotação de dinâmico, imaterial, como dito anteriormente,

pois a energia do medicamento homeopático (semelhante ao desequilíbrio da força vital orgânica) nada tem de espiritual, no sentido do *espírito dotado de razão*. Dizendo que *algo parecido acontece na mente humana*, vemos um processo semelhante ocorrendo em outra instância do ser humano, diferente da unidade físico-vital.

“Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expõe de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; ou, em outras palavras, considerando a unidade da vida, não pode sofrer ao mesmo tempo dois desarranjos gerais semelhantes, mas deve descartar a afecção dinâmica primária (doença), sempre que é atuado por um segundo poder dinâmico (medicamento) mais capaz de desarranjá-lo(...). Algo parecido acontece na mente humana.” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 69)

Hahnemann correlaciona diretamente o corpo físico com a força vital, dizendo que *meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo*. Une de forma clara e simples a força vital à constituição orgânica.

“(…) Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo(...). A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita”. (Organon, Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Abordando a cura das doenças através dos medicamentos homeopáticos, explica que, *por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica*, só está destinado a preservar um corpo saudável, não conseguindo opor uma força maior ao inimigo mórbido invasor.

“(…) É a força vital orgânica do nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças.(...) Por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica destinada a preservar uma saúde não perturbada - opõe somente uma débil resistência ao inimigo mórbido invasor (...). Esta força, para que não provoque danos a si própria, não é capaz, nem criada e nem destinada a

resistência maior (overpowering).” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838; pp. 28,29*)

Na Introdução à sexta edição do **Organon**, refere-se inúmeras vezes à relação restrita da força vital com o corpo físico, dizendo estar *assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, apenas seguindo uma disposição física do nosso organismo e não sendo capaz de atuar segundo a razão, o raciocínio e a reflexão.*

“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão.” (*Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 40, 41; IHFL, 1996*)

“Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão”. (*Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 49; IHFL, 1996*)

Chega a comparar os esforços insuficientes de auto defesa da força vital à alopatia, por atuarem *segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual.*

“(...) Tal auto-defesa da força vital, combatendo uma doença aguda apenas segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual, é, na maior parte das vezes, uma espécie de alopatia(...). Em uma palavra: todo processo de auto-defesa do organismo, nas doenças que o afetam, mostra ao observador nada além de sofrimento, nada que ele possa ou deva imitar, a fim de exercer a verdadeira arte de cura.” (*Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 41, nota 18; IHFL, 1996*)

No décimo parágrafo do **Organon**, deixa explícita a **unidade substancial entre corpo físico e força vital**, que é reforçada no décimo quinto parágrafo da mesma obra.

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação (* Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior; apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)”.* (*Organon, 6ª ed.; § 10; IHFL*)

“O sofrimento da Dynamis de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade. Sendo, porém, o

organismo o instrumento material da vida, ele é tampouco concebível sem a animação pela Dynamis instintiva, sua sensora e regularizadora, tanto quanto a força vital sem o organismo; conseqüentemente, ambos constituem uma unidade, embora, em pensamento, nós a separemos em dois conceitos, a fim de facilitar sua compreensão.” (Organon, 6ª ed.; § 15; IHFL)

Este último parágrafo é citado erroneamente como exemplo do vitalismo hahnemanniano embasado no pensamento aristotélico-tomista, inferindo-se que o mesmo justifique o composto substancial entre o corpo físico e a alma, prerrogativa básica da concepção monista. **A unidade que aqui existe, assim como em toda a obra de Hahnemann, é do corpo físico com a força vital, instintiva, irracional, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão (atributos estes do espírito ou princípio inteligente humano)**, ou ainda se o preferirem, unidade do corpo físico com a *vis medicatrix naturae*. Adiantando-nos aos fatos, para Hahnemann, o espírito humano possui identidade própria e diferencia-se da unidade corpo físico força vital.

Citamos outros parágrafos do **Organon**, aonde a mesma concepção orgânico-vital é transmitida, com o intuito de demonstrar incontestemente o pensamento de Hahnemann sobre o assunto em questão, cientes de estarmos sendo repetitivos.

“(…) esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional que se incorporou em nosso organismo a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso”. (Organon, 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

“(…) Contudo, a afecção local nada mais é do que uma parte da doença geral, mas que, parcialmente aumentada pela força vital orgânica, foi transferida para um local (externo) menos perigoso do organismo, a fim de amenizar o padecimento interno.” (Organon, 6ª ed.; § 201; IHFL)

“(…) A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante porém mais forte, privando-o de tal modo da sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o.” (Organon, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

CAP. IV

Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível, Espiritual

S. Hahnemann

Ao iniciarmos este tópico, faz-se necessário alguns esclarecimentos, que muito auxiliarão à compreensão futura.

Devido à discordância de alguns tradutores, justificável por diferenças da língua alemã na época de Hahnemann e nos dias atuais, associadas a traduções de traduções em diversas línguas, o termo “espiritual” pode assumir conotações diversas como veremos a seguir.

Segundo justificativa citada no *Organon* traduzido pelo I.H.F.L., obra criteriosa e executada com extremo rigor, o termo “*geistartig*” não é usado no alemão atual. *Hahnemann usou-o com muita frequência, querendo dizer “de tipo não-material”, para diferenciar a força vital do corpo, segundo a concepção de matéria que podia ter na época. O termo espiritual pode ter conotação religiosa, eclesiástica e outras, não sendo o mais adequado para o texto.*

Na obra **Homeopatia e Vitalismo**, encontramos explicação semelhante:

“Estas forças, segundo Hahnemann, seriam representadas por sua imaterialidade (immaterellen), fundamentada na expressão original geistartige utilizada no parágrafo 9 do Organon que Boericke traduziu por spiritual vital force ou força vital espiritual. Também no parágrafo 15 do Organon encontramos uma outra palavra, geistartigen, traduzida por Dudgeon como spirit-like o que se aproximaria em português a como espírito.” (Homeopatia e Vitalismo, p. 91)

Analizando o termo “espiritual” encontrado em algumas traduções, observamos que ele é utilizado com o significado de “imaterial”, segundo o contexto geral. Assim o é na referência abaixo, aonde se emprega o termo *espiritual* para designar uma propriedade do medicamento homeopático, que como já dissemos, em nada se relaciona às propriedades do espírito humano inteligente, a não ser com a imponderabilidade do mesmo. Além disso, a analogia com a vitalidade instintiva e irracional descarta qualquer propriedade racional.

“Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a mesma vitalidade, que se refaz sobre o organismo.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 78)

Discorrendo sobre a *vida humana*, Hahnemann diz que a substância material do organismo vivo, *em suas combinações vitais*, não segue as mesmas leis que regem as substâncias inanimadas, sendo reguladas por *leis peculiares à vitalidade*, que não estão sujeitas aos parâmetros da química e da física.

“Os princípios pelos quais explicamos outras condições são inaplicáveis à explicação da vida humana - assim como à sua dupla condição: saúde e doença. (...) A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalecem somente entre as substâncias inorgânicas. As substâncias materiais das quais se compõe nosso organismo já não seguem, em suas combinações vitais, as leis às quais se submetem as substâncias na sua condição inanimada; elas são reguladas pelas leis peculiares tão somente à vitalidade, elas são animadas e vitalizadas, assim como o sistema como um todo é animado e vitalizado. Neste domínio reina onipotente um poder fundamental e sem nome, o qual abole toda a tendência que têm as partes do corpo a obedecer às leis da gravitação, do momento, da vis inertiae (força da inércia), da fermentação, da putrefação, etc., e as mantém na condição de sensibilidade e atividade necessária à preservação do ser vivo como um todo, uma condição quase espiritualmente dinâmica.” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, pp. 65, 66)

A doença consiste numa alteração das sensibilidades e funções vitais, sem qualquer *consideração química ou mecânica*, causada por influências morbíficas *invisíveis e imateriais, dinâmicas, como espirituais, que desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, causando sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais)* dos órgãos físicos, com *alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais*.

“Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades

e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual. Além disso, a influência dos agentes morbíficos nocivos, (...) é geralmente tão invisível e tão imaterial, que é impossível que possa mecanicamente causar distúrbio ou desarranjar as partes componentes de nosso corpo, em sua forma e substância, (...). As causas excitantes das doenças agem, (...), apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir desse estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente. Assim, deve ocorrer necessariamente, como consequência, a alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais - a inevitável consequência do caráter vital alterado, que agora difere do estado de saúde. (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Sendo as doenças alterações dinâmicas, imateriais do princípio vital orgânico, que se refletem no físico através de um conjunto de sintomas (*sensações e funções alteradas*), *nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado*. Mais uma vez, as *sensações e funções alteradas* são exemplificadas como sintomas observáveis pelos nossos sentidos físicos.

“Por isso, é óbvio que as doenças desencadeadas pela influência dos agentes morbíficos podem ser originalmente apenas desarranjos dinâmicos (causados quase apenas por um processo espiritual) do caráter vital de nosso organismo. Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo que nós chamamos doenças, uma vez que eles são nada mais que *sensações e funções alteradas*, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação. Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, *nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado*, e deve guiar nossos passos (escolher conjeturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e, de mais a mais, um crime e traição contra a humanidade)”. (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Do mesmo modo, os medicamentos homeopáticos curam as doenças, através do mesmo poder dinâmico (imaterial, como

espiritual) de alterar o caráter vital, dinâmico (automático, imaterial, *de um modo espiritual*) de nosso organismo.

“Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos) que temos a nosso serviço efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções”. (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

“Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expete de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; (...) logo, apenas a menor dose dele é necessária e útil para a cura, isto é, para alterar o organismo doente em direção à doença medicamentosa semelhante; e uma dose maior não é necessária para este propósito, porque o poder espiritual do medicamento nestas circunstâncias não atinge seu objetivo por meio de quantidade, mas por potencialidade e qualidade (aptidão dinâmica, homeopaticidade)”. (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 69)

Novamente encontramos a citação do termo *espiritual* sendo utilizado para designar a energia dinâmica, invisível e imaterial dos medicamentos homeopáticos, **não sendo admissível a natureza inteligente e racional do significado metafísico.**

“(…) Vejam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do homem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca manifesto pura e verdadeiramente senão pelos seus efeitos no homem são”. (Organon, Prefácio à Segunda Edição, 1818)

Da mesma forma, para adjetivar o princípio vital imaterial, automático, instintivo e incapaz de qualquer atividade racional e reflexiva. O termo correto seria, como dissemos no início deste capítulo, “não-material”.

“O fundo ou essência fundamental deste princípio vital espiritual, conferido a nós homens pelo Criador infinitamente misericordioso, é incrivelmente grande, se nós médicos, entendermos de que modo manter sua integridade nos períodos de saúde, encaminhando os homens para um modo de vida saudável, e de que modo invocá-lo e intensificá-lo na doença, através de um tratamento puramente homeopático.” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838)

Enfatizando o raciocínio anterior, como imaginar a atuação *espiritual* (inteligente) de uma dinamização homeopática sobre a nossa fibra irritável e sensível,

se sabemos da forma de reação automática, irracional, instintiva do nosso princípio vital sob influência da mesma?

“Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, isto é, sobre nossa fibra irritável e sensível.” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume, 1839)

O miasma da Psora, como uma manifestação “meio-imaterial”, atua como um parasita na constituição “meio-física” e “meio-dinâmica” (imaterial) da unidade orgânico-vital humana.

“Daí parece ter decorrido que este miasma meio-espiritual (Psora), o qual como um parasita busca enraizar sua vida hostil no organismo humano e a continuar ali sua existência (...).” (Doenças Crônicas, 1828; Os Medicamentos, p. 179)

Nos parágrafos a seguir, encontramos duas denominações para a força não-material (dinâmica) que anima o corpo físico: **“força vital”**, para designar a energia ou a força em si mesma, e **“princípio vital”** ou **“Dynamis”**, para designar uma unidade desta força que envolve todo o organismo, como um **“ser imaterial”** (como se fosse um **“corpo vital”**).

“(…) Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital).” (Organon, Prefácio à 6ª ed.; p.21; IHFL, 1996)

“(…) Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena.” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 34; IHFL, 1996)

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como Dynamis, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções”. (Organon, 6ª ed.; § 9; IHFL)

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação; somente o ser imaterial (princípio vital, força vital), que anima o organismo no estado saudável ou doente, lhe confere toda sensação e estimula suas funções vitais.” (Organon, 6ª ed.; § 10; IHFL)

“Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente

a toda alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da Dynamis interna, revelando toda a doença.” (Organon, 6ª ed.; § 12; IHFL)

“(…) como algo separado do conjunto vivo do organismo e da Dynamis que o anima, internamente oculta”. (Organon, 6ª ed.; § 13; IHFL)

“(…) a fim de, com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos.” (Organon, 6ª ed.; § 290; IHFL)

Explicando a *influência dinâmica e a força dinâmica*, caracterizando tais efeitos de **dinâmicos, virtuais**, fica clara a concepção hahnemanniana de oposição ao que é *material e mecânico*, comparando-os à força de um ímã que atrai um pedaço de ferro, como uma força invisível que dispensa qualquer meio material para atuar; *uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea*.

“Quando o homem adoecer é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica* de um agente morbífero, hostil à vida;(…) (* O que é influência dinâmica, força dinâmica?(…) Somente o Homem culto, afeito à comparação e à abstração, tem capacidade para formar uma espécie de idéia transcendental que baste para manter longe de seus pensamentos tudo o que é material e mecânico na concepção de tais conceitos; ele chama tais efeitos de **dinâmicos, virtuais**, isto é, efeitos que resultam de um poder e ação absolutos, específicos, puros de uma substância sobre a outra. Assim, por exemplo, a ação dinâmica das influências morbíficas no Homem sadio, bem como a força **dinâmica** dos medicamentos sobre o princípio vital, a fim de tornar o Homem novamente sadio, nada mais é do que contágio, não sendo absolutamente material nem absolutamente mecânica, assemelhando-se à força de um ímã quando atrai poderosamente um pedaço de ferro ou aço que esteja próximo. (…) Essa força invisível dispensa qualquer meio auxiliar mecânico (material), qualquer gancho ou alavanca, para atrair o ferro; ela o atrai e age sobre ele ou sobre uma agulha de aço por meio de uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea, própria, isto é, comunicando **dinamicamente** à agulha de aço a força magnética de maneira igualmente invisível, dinâmica).” (Organon, 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

Analizando os textos acima, clara está a noção de uma força imaterial, incorpórea, invisível, **sem qualquer ligação com o modelo materialista-mecanicista**, reagindo com forças semelhantes, seja no contágio morboso, seja na atuação das potências medicamentosas. O termo espiritual, conforme observamos, demonstra a **imaterialidade** em questão, não denotando qualquer sentido metafísico nas referidas citações.

CAP. V

Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas

S. Hahnemann

Desde o início de seus escritos, Hahnemann, como observador isento de preconceitos, nota a atuação de outras forças no corpo enfermo. Cita como tal, *a força heróica do magnetismo animal, influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro*, comparando sua atuação às doses mínimas dos medicamentos homeopáticos. O mesmo ocorrendo com a *aplicação de uma barra de ferro imantada e do contato com outros metais*.

“A sensibilidade de um corpo muito enfermo para as estimulações medicinais está elevada em muitos casos a tal ponto, que se vê que atuam sobre este corpo, e que começam a excitar-lhe, potências cuja existência quase chegamos a negar porque não produzem nenhum efeito sobre o homem são, nem em algumas enfermidades que não têm relação com elas. Citarei aqui, como exemplo, a força heróica do magnetismo animal, desta influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro, que se exerce em certos modos de contato ou quase-contato, e produz uma excitação tão enérgica sobre as pessoas em que uma constituição delicada e uma grande sensibilidade tornam-nas muito dispostas, tanto às emoções vivas quanto aos movimentos que resultam de uma irritabilidade muscular muito desenvolvida. Esta força animal não se mostra em nada entre pessoas robustas e sãs, não porque não exista, senão porque é muito mais débil para poder ou dever manifestar-se entre pessoas sãs, enquanto muitas vezes atua com demasiada intensidade nos

estados morbosos da sensibilidade e da irritabilidade, como igualmente o fazem doses mínimas de outros medicamentos curativos num sujeito muito enfermo. O mesmo ocorre com a aplicação de uma barra de ferro imantado e do contato com outros metais, cujos efeitos medicinais são absolutamente insensíveis no corpo dotado de saúde.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, pp. 76, 77)

Continuando, fala da *potência medicinal do calor e do frio*, com a diferença de não ser *tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos*, devendo ser usada em grande intensidade para que surta um efeito rápido. Juntamente com a eletricidade, o magnetismo animal, a ação das barras imantadas e o contato com metais, pertence à *categoria das excitações medicinais mais difusíveis*, não sendo detidas pela epiderme.

“Só a potência medicinal do calor e do frio parece que não é tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos. Quando se empregam estes dois agentes como remédios positivos, a mais pequena dose possível não basta para produzir efeito. É preciso que os dois sejam usados em altas doses, ou seja, que tenham uma grande intensidade, caso se queira que sua ação saudável ocorra rapidamente.(...) O calor e o frio pertencem, com a eletricidade, à categoria das excitações medicinais dinâmicas mais difusíveis. A epiderme não pode, nem diminuir, nem deter sua ação, provavelmente porque esta membrana lbes serve em certo modo de condutor e de veículo. O mesmo sucede, sem dúvida, a respeito do magnetismo animal, da ação medicinal das barras imantadas, e em geral da potência exercida pela aplicação dos metais no exterior. O galvanismo parece que penetra com um pouco menos de facilidade através da epiderme.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, pp. 81, 82)

Em *Doenças Crônicas*, Hahnemann ensina o *toque mesmérico calmante* para aliviar processos intensos de irritação após a administração seguida e sem critério de vários remédios antipsóricos, aonde *medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos*, podendo até agravar o quadro em questão.

“Depois o paciente naturalmente entra num tal estado de irritação que, como dizemos, medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos e de tal modo que o poder de resposta no paciente corre perigo de acender bruscamente e expirar à menor dose subsequente de medicamento. Num caso assim, não há qualquer benefício adicional a ser extraído do medicamento, mas pode mostrar-se útil um toque mesmérico calmante efetuado desde o alto da cabeça (onde ambas as mãos espalmadas deverão repousar durante um minuto aproximadamente) e lentamente deslizando para baixo sobre o corpo, passando pela garganta, ombros, braços, mãos, joelhos e pernas, até chegar aos pés e artelhos. Isto pode ser repetido se necessário.” (Doenças Crônicas, 1828; Miasmas, p. 164)

Ao discorrer sobre a atuação das *forças dinâmicas do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo sobre nosso princípio vital*, refere serem estas tão poderosas e homeopáticas como os próprios medicamentos. *Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático.*

“A força dinâmica do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo não age menos poderosamente sobre nosso princípio vital e não é menos homeopática do que os medicamentos propriamente ditos, os quais suprimem doenças mediante sua ingestão, fricção na pele ou inalação, havendo doenças, especialmente as que se relacionam à sensibilidade e irritabilidade, aos desvios da sensação e aos movimentos musculares involuntários, que podem ser curadas por ela. Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletro-magnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático. Quando muito, empregou-se até agora a eletricidade e o galvanismo somente de modo paliativo, para grande prejuízo dos doentes. Os efeitos positivos e puros de ambos no corpo humano sadio foram, até hoje, ainda pouco testados.”(Organon, 6ª ed.; § 287; IHFL)

Os parágrafos 288 e 289 do **Organon**, discorrem detalhadamente sobre o **magnetismo animal** ou **mesmerismo**, dizendo diferir *da natureza de todos os outros medicamentos*. Caracteriza-o como uma *força curativa*, muito negada e difamada, esse *maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem*, aonde *a força vital do mesmerizador sadio aflui dinamicamente para o indivíduo doente, substituindo* no doente *a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo*, ou **dispersando** a força vital acumulada em demasia, responsável por inúmeros padecimentos nervosos. Com este “*passé magnético*” operado por **magnetizadores animais dotados de grande força natural, que são poucos entre os Homens**, são operados, *por vezes, aparentes milagres*. Fala da importância do controle do desejo sexual nestas pessoas, pois assim sendo, *a grande qualidade de sutis fluidos vitais, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma*, pode ser transmitida aos doentes através do poderoso contato.

“Nesse ponto, acho ainda necessário fazer menção ao chamado **magnetismo animal**, ou melhor, **mesmerismo** (como deveria ser chamado, graças a Mesmer, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e difamada ao longo de um século inteiro, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante

o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato, ou mesmo sem ele e mesmo a uma certa distância, a força vital do mesmerizador sadio, dotado com essa força, afluí dinamicamente para um outro indivíduo, agindo de diversas maneiras: enquanto substitui no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo, em outros, onde a força vital se acumulou em demasia, causando e mantendo indescritíveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo principalmente o distúrbio mórbido do princípio vital do doente e substituindo pela força vital normal do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por exemplo, velbas úlceras, amaurose, paralisias parciais, etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos dotados de grande força natural pertencem a essa categoria. Mas a ação da força humana comunicada a todo o organismo se evidencia de modo mais brilhante na reanimação de algumas pessoas que permaneceram algum tempo em morte aparente, mediante a vontade muito poderosa e muito acolhedora de um indivíduo em pleno gozo de sua força vital*, um tipo de reanimação do qual a história aponta vários exemplos. Se o mesmerista de um outro sexo é capaz, ao mesmo tempo, de um benévolo entusiasmo (mesmo degenerando na beatice, fanatismo, misticismo ou sentimentalismo altruísta), então, ele estará ainda mais em condições, mediante essa conduta filantrópica e abnegada, de, não somente, dirigir a força de sua bondade predominante exclusivamente ao objeto carente de sua ajuda, mas também como que ali concentrá-la, assim operando, por vezes, aparentes milagres. (* Especialmente uma dessas pessoas que são poucas entre os Homens e que, além de uma grande bondade e perfeita força física, possui o desejo sexual muito moderado ou nulo e nas quais, portanto, a grande qualidade de sutis fluidos vitais, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma, está prestes a transmitir-se a outras pessoas, através do poderoso contato. Conheci alguns magnetizadores com grande poder que possuíam todas essas características peculiares.)” (Organon, 6ª ed.; § 288; IHFL)

Ensinando detalhadamente a prática do mesmerismo, mostra a admiração que possuía pelo método em questão. Divide o mesmerismo em *positivo* e *negativo*, ocorrendo no primeiro tipo um *afluxo dinâmico de maior ou menor força vital ao paciente*, enquanto no segundo temos uma ação contrária, ocorrendo uma *descarga da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não-debilitadas*. Exemplifica com minúcias a forma de aplicação do *mesmerismo negativo*, com exemplos práticos de curas, alertando para o perigo da utilização do *mesmerismo positivo*, quando utilizado de forma abusiva e reprovável, em indivíduos *de nervos débeis*, para despertar o *sonambulismo* e a *clarividência* (faculdades mediúnicas). Diz ser o *tecido de seda* um isolante da força vital, reforçando a idéia desta possuir uma natureza

imaterial semelhante a outras formas de energias conhecidas, as quais são isoladas igualmente pela seda.

“Todos os tipos mencionados de prática do mesmerismo baseiam-se num afluxo dinâmico de maior ou menor força vital no paciente, sendo conhecidos, por isso, como mesmerismo positivo. Contudo, uma prática oposta do mesmerismo merece ser chamada de **mesmerismo negativo**, pois age de modo contrário. A essa categoria pertencem os passes que são empregados para despertar do sono sonambúlico, bem como todos os processos manuais que foram catalogados sob o nome de **acalmar** e **ventilar**. Essa **descarga**, através do mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas, se faz de modo mais certo e mais simples, efetuando-se um movimento rápido do alto da cabeça até a ponta dos pés com a palma da mão direita estendida paralelamente a uma distância de cerca de uma polegada do corpo**. Quanto mais rápido for esse passe, tanto mais forte será a descarga. Assim, por exemplo, por ocasião da morte aparente de uma senhora, até então sadia, ocasionada pela suspensão repentina da menstruação, em virtude de um intenso abalo psíquico, a força vital acumulada provavelmente na região precordial, através de tais passes negativos rápidos, é descarregada e retoma o equilíbrio em todo o organismo, reanimando-se imediatamente. (* Apresso-me em lembrar aqui, que quando me referi à força curativa segura e enérgica do mesmerismo positivo, não me reportava a seu abuso altamente reprovável em que, mediante passes desta espécie, repetidos a cada meia hora, de hora em hora ou mesmo diariamente, produz-se, em doentes de nervos débeis, esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos - um estado profundamente antinatural e perigoso, por meio do qual muitas vezes se tentou, em vão, curar doenças crônicas. ** Que a uma pessoa a ser magnetizada positiva ou negativamente não é permitido absolutamente vestir seda em qualquer parte do corpo é uma regra já conhecida; menos conhecido, entretanto, é o fato de que, se o próprio mesmerizador estiver sobre um tecido de seda, poderá transmitir sua força vital ao doente de modo mais completo do que se mantiver seus pés apenas no chão.)”* (Organon, 6ª ed.; § 289; IHFL)

Associa-se o efeito benéfico da *massagem*, reanimando o princípio vital em indivíduos debilitados, ao *mesmerismo positivo*.

“A essa categoria pertence também, em parte, a chamada massagem feita por uma pessoa vigorosa e benévola em um indivíduo que foi doente crônico, que, embora curado, encontra-se em lenta convalescença, sofrendo ainda de enfraquecimento, digestão débil e insônia. Ele segura separadamente os músculos dos membros do doente, peito e costas, comprimindo-os e, como que batendo moderadamente, a fim de, com esse procedimento reanimar o princípio vital, de

modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica é, naturalmente, elemento principal nesse procedimento, de que não se deve abusar em pacientes ainda portadores de um psiquismo sensível.” (Organon, 6ª ed.; § 290; IHFL)

Diz serem os banhos de água pura meios de auxílio homeopaticamente úteis na convalescença de enfermos, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Conforme a temperatura dos mesmos, atuam homeopaticamente, sendo os banhos mornos utilizados para descarregar a irritabilidade nervosa (força vital) acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, e os banhos frios, na convalescença de pessoas com calor vital deficiente, mediante imersões instantâneas e repetidas, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida.

“Os banhos de água pura se prestam, em parte como paliativos, em parte como meios de auxílio homeopaticamente úteis na restauração da saúde em males agudos, bem como na convalescença de doentes crônicos recém-curados, devendo-se levar em conta a condição dos convalescentes e a temperatura dos banhos, a duração e a repetição dos mesmos. Eles proporcionam, contudo, ainda quando bem aplicados, apenas mudanças físicas benéficas no organismo doente, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Os banhos mornos de 25º até 27ºR servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos mostrem-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10º a 6ºR na convalescença de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas e repetidas** após, com mais freqüência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida. (Organon, 6ª ed.; § 291; IHFL)

Neste capítulo vimos a importância que Hahnemann dava ao magnetismo animal ou mesmerismo, chegando a comparar sua atuação com a dos medicamentos homeopáticos, apesar de agirem de um modo diferente destes. Atuando de forma contrária ao desequilíbrio vital, no mesmerismo positivo ocorre um influxo de força vital do mesmerizador para o doente carente da mesma, aumentando com isto o seu tônus vital deficiente, e no mesmerismo negativo, temos uma descarga da energia vital acumulada em excesso em determinadas partes do organismo.

Reiterando a idéia de uma força vital com semelhanças a outras formas de energia atualmente conhecidas pela Física, e não com características extremamente sutis como deveria ser no caso de pensarmos em algo “espiritual” (no sentido metafísico do termo), Hahnemann tece comparações com o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo, o galvanismo, etc. O mesmo se aplica ao pensarmos numa força vital que se difunde do mesmerizador para o doente, passando de um para o outro, e sendo contida por substâncias isolantes. Jamais poderíamos aplicar isto ao espírito inteligente que em nós reside.

CAP. VI

Força Vital e Enfermidade

S. Hahnemann

Segundo Hahnemann, *jamaiz nos é permitido ver as mudanças interiores (invisíveis) que são a base ou a origem das enfermidades*, podendo-se conhecê-las, somente, através dos sintomas exteriores, únicos necessários para se efetivar a cura deste desequilíbrio sutil.

“Os médicos perderam dois mil anos em investigar as mudanças invisíveis que o interior do corpo sofre nas enfermidades, a causa primária destas e sua essência íntima, porque acreditavam que não podiam curá-las sem ter estes conhecimentos que é impossível adquirir.(...) Se jamaiz nos é permitido ver as mudanças interiores do corpo que são a base ou a origem das enfermidades, o conhecimento das causas exteriores que produziram estas últimas tem alguma utilidade.(...) A essência íntima de cada enfermidade, de cada caso morboso em separado se manifesta, em tanto quanto necessitamos conhecê-la para curá-la, por meio de sintomas cujo conjunto, intensidade individual, conexões e sucessão estuda o verdadeiro observador.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, pp. 48 a 52)

Estando a origem da maioria das enfermidades numa *causa imaterial e dinâmica*, é esta que irá desarranjar o equilíbrio imaterial e dinâmico da força vital.

“(...) As enfermidades podem dividir-se em duas classes sob o ponto de vista prático, em enfermidades que dependem de uma causa visível, material, e aquelas

cuja causa é imaterial, dinâmica. (...) O que deve ocupar-nos neste caso, é a cura das enfermidades da segunda classe, que compreende a inumerável multidão de outras afecções que se chamam mais particularmente enfermidades agudas, semiagudas e crônicas, com todas as incomodidades e indisposições que dependem de uma causa imaterial e dinâmica.” (Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades, 1809; Opúsculos de Hahnemann, pp. 164, 165)

A alteração da saúde, chamada de doença, *consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica, através da qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo*, expressando-se por sintomas manifestos externamente.

“Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma conseqüência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual. (...) Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo que nós chamamos doenças, uma vez que são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação.” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Nenhuma doença humana repousa sobre qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não-materiais (dinâmicas) da força não-material que anima o corpo humano.

“(...) Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital).” (Organon, Prefácio à 6ª ed.; p. 21; IHFL, 1996)

“(...) Visto, pois, que sendo a maioria, a grande maioria mesmo das doenças, de origem dinâmica (não material) e de natureza dinâmica (não material) e sua causa também não podendo ser reconhecível materialmente (...).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 24, 25; IHFL, 1996)

“(...) desfazer-se dessa idéia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais

nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principal e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não material).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 27; IHFL, 1996)

“(…) as doenças não podem, para agradar àquelas tolas hipóteses alicerçadas sobre o nada, deixar de constituir **desarranjos dinâmicos (não materiais) de nossa vida de tipo não material nas sensações e funções, isto é, desarranjos imateriais de nosso estado de saúde.** As causas de nossas doenças não podem ser materiais, pois uma mera substância material estranha introduzida nos vasos sanguíneos, embora nos pareça inofensiva, é imediatamente repelida pela força vital como um veneno, ou, quando isso não ocorre, sobrevém a morte. Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena.” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 33; IHFL, 1996)

O distúrbio interior da força vital, manifesta-se no exterior através da **totalidade dos sintomas**, sendo através desta a única forma de escolhermos o medicamento correto.

“(…) desse modo, a totalidade destes seus sintomas, **este quadro do ser interior da doença que se reflete no exterior, isto é, do padecimento da força vital, deve ser o principal** ou o único através do qual a doença dá a conhecer o meio de cura de que ela necessita, o único que pode determinar a escolha do meio de auxílio adequado - em suma, a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, senão a coisa principal, a única que ele, em cada caso de doença, precisa conhecer e **afastar** através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde.” (Organon, 6ª ed.; § 7; IHFL)

Toda doença, segundo a Homeopatia, ocorre apenas porque a força vital, de caráter dinâmico, imaterial, **presente em todo o organismo**, foi afetada por uma influência dinâmica, imaterial, morbífica.

“Quando o Homem adoce é somente porque, originalmente, esta força de tipo não-material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morbífero, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções (...).” (Organon, 6ª ed.; § 11; IHFL)

“Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da Dynamis interna, revelando toda a doença.” (Organon, 6ª ed.; § 12; IHFL)

“Por conseguinte, a doença (que não compete o processo mecânico da cirurgia) não ocorre de forma alguma segundo consideram os alopatas: como algo separado do conjunto vivo do organismo e da Dynamis que o anima, internamente oculta”. (Organon, 6ª ed.; § 13; IHFL)

“O sofrimento da Dynamis de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade.” (Organon, 6ª ed.; § 15; IHFL)

No parágrafo abaixo, temos a idéia hahnemanniana de transmissão das doenças, aonde *um poder hostil, de tipo não material, como uma espécie de contágio, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo, torturando-o como um espírito maligno.*

*“A doença natural nunca deve ser considerada como **matéria** nociva situada em um ponto qualquer interno ou externo do indivíduo, mas como algo produzido por um poder hostil, de tipo não material que, como uma espécie de contágio, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo e, como um espírito maligno, tortura-o, compelindo-o a produzir certos padecimentos e desordens no curso da vida, aos quais se dá o nome de doenças (sintomas).” (Organon, 6ª ed.; § 148; IHFL)*

Nada de material deve ser removido do corpo como agente causador de doenças, agravando o quadro do doente se isto for feito.

“Visto que as doenças, de um modo geral, são apenas ataques dinâmicos sobre o princípio vital, não estando em sua base qualquer princípio material, qualquer matéria peccans(...), não há, também, nestes casos, nada material a remover, nada a retirar, cauterizar, nada a ligar ou cortar, sem fazer com que o doente se torne cada vez mais doente e mais difícil de curar, do que ele era antes de serem tocadas as manifestações exteriores destes três grandes miasmas. (Organon, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Toda doença natural ocorre pela perturbação da força vital imaterial que anima o corpo físico, através de influências dinâmicas morbosas de mesmo caráter. Para Hahnemann, existia *uma espécie de contágio imaterial* para que isto ocorresse, ficando clara esta concepção ao explicar como os miasmas tomam conta do organismo vivo através das terminações nervosas, conforme veremos adiante. Esta distonia vital manifesta-se aos nossos sentidos através da totalidade sintomática, objetivo a ser perseguido por todo homeopata que busque a verdadeira cura das enfermidades.

CAP. VII

Força Vital e Cura

S. Hahnemann

A ação dinâmica e imaterial dos medicamentos era uma certeza que Hahnemann tinha desde o início de sua prática homeopática.

“Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a própria vitalidade, que se refaz sobre o organismo.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 78)

A energia positiva e pura dos medicamentos, que atua sobre o corpo doente restabelecendo o equilíbrio perdido, expressa-se nas modificações e sensações que produzem no organismo do homem são (sintomas morbosos).

“Tu deves, pensava eu, observar o modo como os medicamentos atuam sobre o corpo do homem, quando se encontra no estado tranqüilo da saúde. As mudanças que determinam então não ocorrem em vão, e certamente devem significar alguma coisa; porque se não fosse assim para que ocorreriam?! Quicá seja esta a única língua em que podem expressar ao observador o objeto da sua existência; quicá as modificações e sensações que produzem no organismo do homem são, no qual não se vê afogada sua voz pela dos sintomas morbosos, é o único modo com que podem revelar ao observador, sem preocupações, sua tendência especial, a energia positiva e pura em virtude da qual atuam sobre o corpo, ou seja, destroem a harmonia que constitui a saúde, e a restabelecem quando foi perturbada pela enfermidade!” (Carta

a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 122, 123)

Utilizando-se do princípio da semelhança hipocrático (*similia similibus*), Hahnemann nos traz a idéia de que os medicamentos *efetua a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções*. Deste pensamento surgiu a “experimentação no homem são”, alicerce de toda a Homeopatia, aonde são anotadas e catalogadas nas Matérias Médicas as alterações de qualquer ordem produzidas pelo medicamento experimentado no indivíduo sadio, único guia a se utilizar quando surgirem os mesmos sintomas no indivíduo doente. A mesma propriedade dinâmica que produz os sintomas mórbidos na pessoa sadia é a que cura os sintomas semelhantes no enfermo.

“Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos), que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções, pelo que elas são capazes de afetar também o indivíduo sadio, de produzir nele mudanças dinâmicas e certos sintomas mórbidos, cujo conhecimento, como veremos, fornece-nos as mais confiáveis informações em relação aos estados mórbidos que podem com certeza ser curados por tal ou qual medicamento em particular. Por isso não existe no mundo nenhum poder de efetuar uma mudança no organismo humano de um caráter tal que a doença se submetea a ele, a não ser um agente capaz de desarranjar de modo absoluto (dinâmico) a saúde humana e conseqüentemente capaz de alterar morbidamente o seu estado de saúde.(...) Ora, como a propriedade de curar doenças e também a de afetar morbidamente os sadios é encontrada em combinação inseparável em todos os medicamentos, e como ambas propriedades evidentemente dimanam da mesma origem, isto é, da capacidade de dinamicamente desarranjar a saúde humana, por este motivo é impossível que eles atuem segundo uma lei natural do doente - diferente em relação àquela segundo a qual atua no sadio; segue-se que deve ser a mesma propriedade do medicamento que tanto cura a doença no doente como produz os sintomas mórbidos no sadio(...). (* O resultado diferente nestes dois casos é devido somente à diferença do objeto que deve ser alterado).” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)*

A força vital perturbada, causa das doenças, só pode se restabelecer através da energia vital dos medicamentos homeopáticos, que, funcionando como um modelo indutor da reação vital, conduzem-na ao equilíbrio perdido: **é a força**

vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória.

“Somente a homeopatia sabe e ensina que a cura deve ser efetuada por meio de toda a força ainda existente no paciente, quando o medicamento perfeitamente homeopático ao caso presente da doença, é administrado nas doses apropriadas, faz com que esta força exerça sua propriedade curativa. Uma das mais inestimáveis vantagens da homeopatia é a de instigar tanto quanto possível essa força vital, que é indispensável à cura, no decurso do tratamento.” (‘A Meus Verdadeiros Discípulos’; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XVI, suplemento 133)

“Segundo já demonstrei em outra parte, é inegável que nossa força vital sem a assistência de remédios ativos, produtos da arte humana, não consegue sobrepujar sequer as mais tênues doenças agudas (se não sucumbe a elas) e recuperar uma certa espécie de saúde, sem o sacrifício de uma porção (em geral extensa) das partes fluidas e sólidas do organismo, através de uma assim chamada crise. O modo como nossa força vital efetua isto permanecer-nos-á para sempre desconhecido; mas com muita certeza, esta força não pode vencer nem mesmo estas doenças de maneira direta, e tampouco sem tais sacrifícios. (...) É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças.” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838; pp. 28, 29)

Através do processo de dinamização dos medicamentos (diluições e succussões), alicerces da farmacotécnica homeopática, são despertadas as propriedades dinâmicas e imateriais latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual (imaterial) em nossa vida, sobre nossa fibra irritável e sensível.

“Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível.” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume, 1839)

A força vital instintiva, desprovida de razão e intelecto, mas provida de energia automática, não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma

nas doenças, mas ao ser confrontada com a energia do medicamento homeopático semelhante ao seu próprio desequilíbrio, encontra o estímulo necessário para reagir automaticamente contra a enfermidade, restabelecendo sua integridade.

“Não! aquela força magnífica inata no Homem, destinada a conduzir a vida da maneira mais perfeita durante sua saúde, (...) não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças, nem para exercer uma arte de curar digna de imitação. Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática - quando perturbada pela doença, deixando-a de tal modo afetada pelo medicamento e elevando-a mesmo a um tal grau, que a afecção mórbida não mais possa atuar sobre ela, deixando-a livre, para ocupar-se apenas com a afecção medicamentosa semelhante à doença natural e até um pouco mais forte, mas que a força vital, dirigindo agora contra ela toda sua energia, em breve domina, tornando-se, com isso, livre e apta a retornar ao estado normal de saúde e à sua própria disposição: a estimulação e a manutenção da saúde no organismo, sem haver sofrido com tal transformação qualquer agressão dolorosa ou debilitante. Tal procedimento nos ensina a arte de curar homeopática.” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 50; IHFL, 1996)

“(...) Por outro lado, contudo, o desaparecimento de todo fenômeno mórbido, isto é, de toda alteração considerável que se afasta do processo vital saudável, por meio da cura, certamente implica e pressupõe, necessariamente, o restabelecimento da integridade do princípio vital e, conseqüentemente, o retorno da saúde a todo o organismo.” (Organon, 6ª ed.; § 12; IHFL)

O medicamento homeopático funciona como uma doença artificial, semelhante à doença natural, que, segundo Hahnemann, tomaria o lugar desta e a extinguiria do princípio vital, por ser mais forte que a mesma.

“Como toda doença (não unicamente cirúrgica) consiste somente em uma alteração mórbida dinâmica particular de nossa força vital (princípio vital) em nossas sensações e atividades, assim, na cura homeopática, este princípio vital, dinamicamente alterado pela doença natural, é atingido por uma afecção da doença artificial semelhante, um pouco mais forte, através da administração de uma potência medicamentosa escolhida exatamente segundo a semelhança dos sintomas. Com isso, extingue-se e se desvanece a sensação da afecção da doença natural (mais fraca) dinâmica, que, a partir de então, não mais existe para o princípio vital, ocupado e governado agora somente pela afecção artificial mais forte que atua, contudo, por pouco tempo, deixando o paciente livre e curado. A Dynamis, assim liberada pode, então, reconduzir a vida em condições de saúde.” (Organon, 6ª ed.; § 29; IHFL)

Todo medicamento causa uma perturbação na força vital, chamada de **ação primária** (sintomas surgidos na experimentação com o homem sadio). *A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia*, atividade automática, instintiva e de conservação, *chamada ação secundária ou reação*. Seguindo o princípio da semelhança na escolha do medicamento homeopático, direcionaremos a força vital, na ação secundária, a desalojar o seu desequilíbrio inato, **que lhe é imperceptível pela ausência de razão e reflexão**.

“Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama ação primária. Embora produto da força vital e do poder medicamentoso, faz parte, principalmente, deste último: A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada ação secundária ou reação.” (Organon, 6ª ed.; § 63; IHFL)

“(…) A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante porém mais forte, privando-o de tal modo desta sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o.” (Organon, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Na cura das doenças pelo medicamento homeopático, realizamos um confronto da força dinâmica orgânica desequilibrada com a energia medicamentosa de tipo semelhante, mas um pouco mais forte, promovendo com isto uma reação vital do organismo contra o distúrbio morboso que lhe é próprio, mas imperceptível. A força vital irracional, que tem como função manter o organismo em harmonia apenas no estado de saúde, não tem discernimento para perceber um desequilíbrio que se lhe incorporou no estado de doença. Simplificando, é como se mostrássemos à força vital a natureza da sua distonia, que ela não consegue enxergar por ser destituída de raciocínio e reflexão, direcionando a reação vital contra a enfermidade em si.

Pela analogia qualitativa da força vital orgânica com a energia do medicamento homeopático, obtida através do processo de dinamização, aonde se libera a energia interna de qualquer substância da Natureza, podemos dizer que a força vital apresenta caráter semelhante à energia contida nestas.

CAP. VIII

Força Vital Irrracional difere do Espírito Racional

S. Hahnemann

Neste tópico, esperamos esclarecer qualquer dúvida que ainda possa existir a respeito da diferença entre a força vital e o espírito.

Na citação abaixo, Hahnemann elucida a característica do espírito humano, *faísca da divindade*, em satisfazer todas as suas necessidades através da inteligência que herdou de Deus, que o diferencia dos demais reinos da Natureza. Deste modo, possui condições de buscar *auxílios mais eficazes* contra as enfermidades, do que aqueles que possui na sua simples constituição orgânico-vital.

"Porém a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com que satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem-estar, e criar os imensos recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível cobertura os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza. (...) Era necessário que os esforços próprios ao corpo para afastar as enfermidades fossem muito limitados, a fim de que o espírito humano sentisse melhor a necessidade de buscar auxílios mais eficazes que aqueles cuja origem tenha julgado a propósito o Criador colocar na simples organização." (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 44)

Com grande exaltação, Hahnemann enaltece a Criação humana, com o *sopro divino que lhe penetra e lhe anima* (espírito inteligente), capaz de criar meios para *aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades*.

“Blasfemia, idéia humilhante, exclamava golpeando-me a fronte! Que não houvera podido, a sabedoria infinita do Espírito que anima o universo, produzir meios de aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades, as quais não obstante permitiu que pudessem afligir os homens! A soberana bondade paternal daquele que nenhum nome poderia designar de um modo digno, (...) seria capaz de um ato tirânico, e não houvesse querido que o homem feito à sua imagem pudesse com o sopro divino que lhe penetra e lhe anima encontrar na imensidade das coisas criadas, meios a propósito para livrar seus irmãos de padecimentos muitas vezes piores que a própria morte! (Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 121)

Em **Valor dos Sistemas em Medicina**, analisa separadamente o corpo físico com sua essência íntima (vitalidade), responsável pela manutenção do estado de saúde corporal, e o espírito inteligente, responsável pelo desenvolvimento e enobrecimento (evolução) do ser humano.

“Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações de vida; e notavelmente quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo. Em um e outro caso o objeto sobre o qual se opera não pode ser julgado nem tratado sujeitando-se aos princípios físicos ou químicos, como o ferro do forjador, a madeira do carpinteiro, as cores do tintureiro. Assim pois, o médico e o instrutor não podem se dispensar, antes de se porem a operar sobre o corpo e o espírito do homem, de ter um conhecimento prévio de seu objeto, que lhes dirija de certo modo como a mão até o fim de seus trabalhos. (...) Tão pouco poderiam tirar nenhum partido dos sonhos metafísicos e místicos que folgados presumidos hão imaginado sobre a essência íntima do organismo sobre a vida, a excitabilidade, a sensibilidade e a nutrição do corpo, sobre a natureza do espírito considerado como coisa absoluta.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 133, 134)

Ao se referir à *alma humana*, nega qualquer discussão ou sistematização transcendental sobre a natureza íntima da mesma, dizendo não ser *dado aos mortais conhecer a priori a essência do espírito humano*. Dizendo que o *instrutor sábio está bem persuadido desta verdade*, orienta-nos a adquirir os conhecimentos do espírito através do que a *alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, a psicologia experimental*. **Fica evidente sua postura de negação, a respeito de qualquer modelo metafísico que tente explicar a natureza íntima do homem.**

“Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana, seria apropriado para ajudar ao instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Podia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não-eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc., que saíram do cérebro enfermo dos sofistas de todos os tempos; mas o que estas sutilezas transcendentais lhe ministrariam de útil e aplicável, não compensaria o trabalho que se aplicou em estudá-las. Não é dado aos mortais conhecer a priori a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim poupa-se no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele, se atém a ele a posteriori, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

Ao falar sobre a *força fundamental* (força vital), que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, que as anima e as impele a tão surpreendentes ações automáticas, nega qualquer conhecimento mais profundo da mesma, dizendo que *nenhum mortal conhece o substratum da vitalidade, ou a disposição íntima a priori do organismo*. Novamente nega qualquer conceituação metafísica que tente se aprofundar no conhecimento da força vital. A unidade corpo físico-força vital é reforçada em todo o texto.

“No mesmo caso encontra-se o médico. O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e as impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte; não fazemos mais que entrevê-la de longe, porém escapa a todas nossas investigações, a todas nossas percepções. Nenhum mortal conhece o substratum da vitalidade, ou a disposição íntima a priori do organismo vivo. Nenhum mortal pode aprofundar no conhecimento de semelhante objeto, nem ainda sequer descobrir sua sombra: as línguas humanas embora falem em prosa, ou em verso, só expressam em relação a este ponto quimeras ou galimatias.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 134, 135)

No parágrafo a seguir, Hahnemann é claro quanto à inutilidade das especulações metafísicas e quanto à dualidade entre a *vitalidade do corpo organizado* e a *força intelectual* (espírito, alma) que atua dentro dele. Assim como na citação do início deste capítulo, “o sopro divino que lhe penetra e lhe anima”, o predicado abaixo citado, “que atua dentro dele”, nos orienta quanto à natureza externa e separada do espírito em relação à unidade orgânico-vital (dualismo).

“Durante os dois mil anos em que os homens têm se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o mais pequeno passo no conhecimento a priori da vitalidade

do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 135)

Estando-nos negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, temos na “psicologia experimental” (psicologia empírica) o método para conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude, através da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem. Exemplifica esta postura com Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, só necessitando conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Creio não haver dúvidas sobre o que ele chamava de “psicologia empírica” e da sua admiração por Sócrates, que juntamente com Mesmer, ele toma como exemplos de condutas práticas, além da homeopática, para curar as enfermidades.

“O moralista sabe que, estando-lhe negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. (...) Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco lhe teria servido de nada sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 138, 139)

Contrapondo-se à força vital bruta, instintiva e automática, mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças, agindo única e

exclusivamente sobre leis orgânicas do corpo, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão, temos a grandeza do espírito humano, manifesta através do intelecto, da livre reflexão e do raciocínio.

“Só as doenças crônicas são a pedra de toque da verdadeira arte de curar, porque elas não podem se curar por si. Esta é a “verdadeira arte de curar”, aquele trabalho de reflexão, atributo dos poderes mais elevados do intelecto humano, do julgamento equilibrado e da razão, selecionando e determinando à base de princípios, a fim de efetuar uma alteração na força vital automática e energética, mas irracional, instintiva e destituída de inteligência, nos casos em que a mesma tiver se desviado por meio da doença, assumindo uma atuação anormal, e, com a ajuda de uma afecção semelhante produzida por um remédio homeopático escolhido criteriosamente, excitar no organismo uma doença medicinal um pouco mais intensa que a natural, de modo que a afecção mórbida natural não possa mais interferir sobre a força vital.” (Matéria Médica Pura, 3ª ed., vol. I, p. 272, 1830)

*“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão.(...) Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sícose), **a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar**, não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo”. (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 42; IHFL, 1996)*

“Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única non plus ultra, a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão?(...) imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão”. (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 42, 43; IHFL, 1996)

“(…) Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura (...).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 45; IHFL, 1996)

"(...) aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência) voltados à cura geral do sofrimento crônico (...)." (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 47; IHFL, 1996)

"(...) mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão (...)." (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 48; IHFL, 1996)

*"Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão, não foi conferida a nós, Homens, para que devêssemos considerá-la como a melhor e única curadora de doenças, (...) evitando, com isso, de maneira cômoda, o dispêndio de raciocínio, de reflexão, de juízo crítico necessários à descoberta e à concretização da mais nobre das artes humanas: a verdadeira arte de curar, fazendo passar tal cópia ruim da auto-ajuda pouco eficaz da força bruta da natureza por arte de curar, por **arte racional de curar!**(...) Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática". (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 49, 50; IHFL, 1996)*

"(...) Como queriam eles suprimir o incrível número de doenças crônicas com seus tratamentos indiretos que não passavam de perigosas imitações de auto-ajuda da força vital desprovida de razão, esforços estes que não estão destinados a servir de modelo para a cura?" (Organon, 6ª ed.; Introdução, pp. 55, 56; IHFL, 1996)

A **dualidade corpo e alma** é expressa nos parágrafos abaixo.

*"O observador imparcial, conhecedor da ineficácia das formulações metafísicas que sua experiência não pode comprovar, até mesmo o mais perspicaz, não percebe, em cada caso individual da doença, senão alterações do corpo e da alma, reconhecíveis exteriormente através dos sentidos, **sinais mórbidos, acidentes, sintomas**, isto é, desvios das anteriores condições de saúde do doente atual, que ele próprio sente, que as pessoas que o rodeiam percebem e que o médico nele observa." (Organon, 6ª ed.; § 6; IHFL)*

"(...) pois somente a escolha acertada do medicamento pode restabelecer, de maneira rápida e duradoura, o maior dos bens da Terra: a saúde do corpo e da alma." (Organon, 6ª ed.; § 120; IHFL)

Finalizando com o parágrafo nove do *Organon*, reforçamos a dualidade entre o conjunto irracional físico-vital, material-imaterial, e o *espírito racional que nele habita*, como vimos anteriormente. O princípio inteligente tem como "morada" o organismo vivo, constituído pela unidade corpo físico-princípio vital, dele se utilizando para sua evolução e seu aperfeiçoamento, em busca dos altos fins de sua existência.

"No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como Dynamis, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência." (Organon, 6ª ed.; § 9; IHFL)

CAP. IX

Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo

S. Hahnemann

Fazendo uma analogia ao “Prâna” dos hindús, que através da respiração e dos exercícios corporais (Yoga) é restabelecido e equilibrado, relaciona a vitalidade ao oxigênio, ao sangue, ao éter e aos nervos.

“A Química produziu ar vital puro e, quando o fisiologista e o observador clínico perceberam seu poder peculiar de manter e aumentar a energia vital, (...) o ar vital, que é o segundo componente da atmosfera, como o elemento apropriado para se encher os pulmões?” (Ensaio sobre um novo princípio para se averiguar os poderes curativos das drogas, 1796; The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 249)

“(...) Ao ar livre, especialmente quando junto com exercícios corporais, existe a possibilidade de um meio indispensável para a recuperação da vitalidade de nosso sangue e do éter que possa existir em nossos nervos; pabulum vitae (alimento vital) tão incomparável que não poderia ser substituído por quaisquer outros medicamentos no mundo inteiro.” (Cartas a um Paciente, entre 1703 e 1805; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. VII, suplemento 37)

“(...) Broussais só precisava reduzir cada vez mais e mais a força vital do doente! Quanto mais frequentes eram as sangrias, quanto mais sanguessugas e ventosas chupavam o sumo vital (pois, segundo ele, em quase todos os padecimentos, o sangue inocente e insubstituível devia ser o culpado), mais o doente perdia força para sentir dores ou para a agravação de seu estado através de queixas e gestos violentos. O doente parece, então, tanto mais calmo quanto mais estiver enfraquecido (...). Cada

vez menos no domínio de sua consciência, já não mais percebe que a morte forçosamente irá suceder a essa diminuição e esgotamento da força vital, **tantas vezes reiterados** e seus parentes ficam tão entorpecidos por algum alívio do doente nas últimas horas pela perda de sangue e banhos mornos que se admiram como ele pôde nesse justo momento finar-se inesperadamente em sua mãos." (Organon, 6ª ed.; § 60, nota; IHFL)

"(...) das sangrias* vertendo sangue aos borbotões, das sanguessugas, dos exutórios, etc., pelo que, por um lado, é impiedosamente enfraquecida a força vital e, por outro, quando já não sucumbe, é anormalmente afetada, pouco a pouco (pelo abuso de cada meio de modo peculiar) de tal maneira que, a fim de preservar a vida contra tais ataques hostis e destrutivos, tem que transformar o organismo, seja retirando a excitabilidade e a sensibilidade de alguma de suas partes, seja elevando-as excessivamente ou causando dilatação ou contração, relaxamento ou endurecimento e mesmo sua total destruição(...). [* Entre todos os métodos que foram inventados para o socorro às doenças, nenhum foi mais alopático, mais irracional e mais inadequado do que o tratamento enfraquecedor de Broussais, mediante sangrias e dieta de fome, há muitos anos difundido em grande parte da Terra. (...) Nenhum indivíduo, nenhum doente jamais tem sangue ou energia em demasia; pelo contrário, a cada doente faltam forças, pois, de outro modo, seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento da doença." (Organon, 6ª ed.; § 74; IHFL)

"Nunca é necessário ou útil diminuir a quantidade de sangue, que sempre significa um rebaixamento da força vital e da vitalidade, as quais regem de maneira mais integral quanto menos tiverem sido importunadas com interferências." (Carta ao Dr. Dunsford, 1834; Samuel Hahnemann: his life and work)

"Hahnemann diz: É a força vital que cura as doenças; pois o defunto não precisa mais de medicamentos. Se aceitarmos isto, devemos preservar a força vital, não devemos verter sangue, esvaziar o paciente, pois no sangue reside a força vital." ("Folhas de Recordação" do Dr. Johann Josef Roth, 1836; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XXIII, suplemento 215)

Neste capítulo, veremos também a relação que Hahnemann faz da força vital com as fibras nervosas, reforçando a ligação daquela com o organismo físico.

"Sabe, Arcesilas, que há controvérsias atualmente sobre se o mercúrio pode ou não excitar uma mudança na energia, a motilidade e a sensibilidade da fibra". (Das Fórmulas em Medicina, 1800; Opúsculos de Hahnemann, p. 14)

Ao descrever o modo de ação do medicamento homeopático, relata a necessidade do mesmo entrar em contato com a *fibra vivente e sensível*, para a partir deste contato irradiar-se para todo o organismo. Diz que a *epiderme, que recobre a superfície do corpo, é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível*.

“Quase a única condição que se necessita para que o efeito se desenvolva inteiramente e produza a cura, é que o medicamento conveniente entre em contato com a fibra vivente e sensível; mas pouco importa a exigüidade da dose que atua com este objetivo sobre as partes sensíveis do corpo vivo.(...) Já foi dito que quase a única condição da ação do medicamento é que entre em contato com a fibra vivente e sensível. Esta propriedade dinâmica tem tal alcance, que é indiferente ao resultado que o contato se verifique em tal ou qual parte, contanto que esteja despojada da epiderme.(...) A epiderme que recobre a superfície do corpo é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível que ela cobre, mas este obstáculo não é invencível. Os medicamentos atuam também através da epiderme, porém o fazem com menos força.(...) As fricções quase não contribuem a favorecer a ação dos medicamentos, a não ser tornando a pele mais sensível, e a fibra mais susceptível de ser impressionada pela potência medicinal específica, que desde aquela se irradia a todo o organismo.(...) A virtude específica dos medicamentos é a mesma, seja empregada no exterior ou no interior, entrando em contato com a fibra sensível pelo exterior ou pelo interior do corpo.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Habnemann, pp. 79,80)

Ao discorrer sobre a *infecção com miasmas* (contágio) a que todos estamos sujeitos, diz que ela ocorre no momento em que *o fluído mórbido entra em contato com o nervo exposto*, acrescentando que, *nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso)*. Nesta citação torna-se evidente a relação entre força vital e sistema nervoso.

“A infecção com miasmas das doenças agudas, bem como das crônicas acima citadas acontece sem dúvida num único momento, que é o momento mais favorável a uma infecção. Quando a variola ou a variola bovina pegam, isto acontece no momento em que, na vacinação, o fluído mórbido do arranhão sangrante da pele entra em contato com o nervo exposto; nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso), no mesmo instante.(...) Dentre as muitas pessoas mordidas por cães raivosos(...), seja lá quem for a pessoa na qual o veneno aja, isto se deu no momento em que a pessoa foi mordida e o veneno comunicou-se então com os nervos mais próximos e, portanto, sem contradições, com o sistema completo de nervos”. (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, pp. 66 a 68)

Ao relatar o *contágio específico dos miasmas* venéreos (Sycosis e Syphillis), que ocorre *no coito impuro*, diz que a fricção das partes genitais, *ricas em nervos e recobertas por uma fina cutícula*, facilitam para que ocorra a transmissão. Ao se referir à infecção pelo miasma da sarna (Psora),

altamente contagioso, diz ocorrer apenas pelo contato com a pele em geral: *o nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente subreptícia penetrado.* Na disseminação do miasma através do *nervo, de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo* e ao organismo como um todo, temos uma relação direta do sistema nervoso com a força vital.

“No coito impuro acontece o contágio específico, no local que é tocado e friccionado, mais provavelmente no momento mesmo em que se dá o coito. (...) No entanto, a doença da sarna é, além disso, o mais contagioso de todos os miasmas crônicos, muito mais infeccioso que os outros dois miasmas crônicos, a doença do cancro venéreo e a doença da verruga do figo. Com estas duas últimas, para que se efetue a infecção, é preciso um certo grau de fricção nas partes mais macias do corpo, as quais são as mais ricas em nervos e as recobertas pela mais fina cutícula, como nos órgãos genitais, a menos que o miasma entre em contato com um local ferido. Mas o miasma da sarna só precisa tocar a pele em geral, especialmente em crianças pequenas. (...) O nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente subreptícia penetrado de tal modo por este excitante específico que se viu obrigado a se apropriar gradualmente deste miasma até que se completasse a mudança da totalidade do ser da pessoa em alguém absolutamente psórico, assim também atingindo o seu desfecho, o desenvolvimento interno da Psora. Somente quando o organismo inteiro sente-se transformado por esta doença miasmática crônica peculiar é que a força vital adoecida tenta aliviar e abrandar a moléstia interna pelo estabelecimento de um sintoma local adequado sobre a pele, as vesículas de sarna.” (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, pp. 69 a 72)

Na citação adiante, discorrendo sobre o ataque das altas doses de medicamentos sobre a *fibra sensível e irritável*, diz que *é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência destes ataques*, ocorrendo que *a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas*, resultando em *malformações e degenerações adventícias*. Vemos aqui a conotação material das fibras sensíveis e irritáveis (nervos), também chamadas de *órgãos sensíveis*.

“(...) Por meio destes ataques indiretos, contínuos e respeitos à fibra sensível, irritável, perpretados por estas imprudentes potências-doença medicamentosas que

são administradas em grandes doses repetidas e freqüentemente, é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis que são desapidadamente atacados, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência daqueles ataques, deste modo defendendo e escudando o organismo contra uma destruição geral. (...) Por um lado, a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas; deste modo, emergem artificialmente organismos, malformações e degenerações adventícias". (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 151)

A força vital está presente em todas as partes do organismo, tanto nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis, sugerindo serem estas as fibras nervosas do nosso organismo. Isto torna-se mais claro, quando mais adiante Hahnemann denomina a força vital de "*força nervosa*".

"Não! aquela força magnífica inata no Homem, destinada a conduzir a vida de maneira mais perfeita durante sua saúde, simultaneamente presente em todas as partes do organismo, nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis". (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 50; IHFL, 1996)

"O que a força vital faz nestas chamadas crises e como ela as realiza permanece oculto para nós, assim como todo o processo interno da economia orgânica da vida. (...) pois, então, a força nervosa, agredida de maneira dinâmica parece, por assim dizer, descarregar-se por meio de produtos materiais." (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 41, nota 18; IHFL, 1996)

Nos textos abaixo, a concepção anterior é reforçada, dizendo que o poder dinâmico e imaterial dos medicamentos homeopáticos atua através da "*fibra sensitiva viva*" sobre o princípio vital. Mais adiante, fala das *forças modificadoras de tipo não material* dos medicamentos homeopáticos, que agem sobre *nossa força vital de tipo não material* e são percebidas através da *sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo*.

"(...) As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, apenas são medicamentos na medida em que possuam o poder (cada qual um próprio, específico) de alterar, através de uma influência dinâmica, de tipo não-material (por meio da fibra sensitiva viva) sobre o princípio vital de tipo não material, que governa a vida." (Organon, 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

"(...) Do mesmo modo, todas estas afecções mórbidas (as doenças) não podem ser afastadas dela pelos artistas da cura senão através das forças modificadoras de tipo não material (dinâmicas, virtuais) dos medicamentos apropriados agindo sobre nossa força vital de tipo não material e sendo percebidas através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo. (Organon, 6ª ed.; § 16; IHFL)

“Um glóbulo assim preparado (50 milesimal), colocado seco sobre a língua, é uma das menores doses para um caso moderado e recente de doença, no qual somente poucos nervos são atingidos pelo medicamento.” (Organon, 6ª ed.; § 272; IHFL)

Discorrendo sobre a prática dos banhos terapêuticos, diz que os banhos mornos servem para *despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa*, ou para dispersar a irritabilidade nervosa acumulada em alguns órgãos, e, os banhos frios, atuam como restauradores do *tônus da fibra exaurida (calor vital deficiente)*.

*“(…) Os banhos mornos de 25º até 27ºR servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos, mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10º a 6ºR na convalescência de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas** e **repetidas** após, com mais frequência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida. (Organon, 6ª ed.; § 291; IHFL)*

Nas citações anteriores vemos uma relação das fibras nervosas com a força vital, sendo que aquelas funcionam como meio de propagação de qualquer influência dinâmica para a unidade corpo físico-força vital, como um substrato material-energético por onde a força vital é influenciada e através do qual reage.

CAP. X

Espírito, Alma e Mente

S. Hahnemann

Os termos alma e espírito são usados como sinônimos por Hahnemann.

“Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana, seria apropriado para ajudar o instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Poderia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc. (...) Não é dado aos mortais conhecer a priori a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim poupa-se no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto lhe exige, atém-se a ele a posteriori, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

“O moralista sabe que estando-lhe negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada poderia servir-lhe, só necessita, além da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, (...) Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto (conduzir os homens ao caminho da virtude) entregar-se a especulações ontológicas

acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma." (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 138, 139)

"(...) O enfermo expele ondas de bile, tem vômitos sobre vômitos: acredita estar próximo a exalar a alma, parece que se estende sobre seus olhos o véu da morte, e um suor frio inunda todo o seu corpo." (Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades, 1809; Opúsculos de Hahnemann, p. 160)

Abordando as causas excitantes das doenças, que agem dinamicamente, imaterialmente, Hahnemann fala do desarranjo dos órgãos de mais alta hierarquia e da força vital. O que seriam estes "órgãos de mais alta hierarquia"? Seriam os "órgãos mentais ou psíquicos", a "mente"?

"(...) As causas excitantes das doenças agem, (...) apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente." (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Referindo-se à **mente humana**, compara a *vida psíquica* à vida orgânica, dizendo que a *unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo*, extinguindo-se a mais fraca e permanecendo a mais forte, assim como a unidade orgânica não pode ser afetada por duas influências dinâmicas semelhantes. Aqui parece termos um outro conjunto, funcionando como uma unidade independente da orgânica, chamada "órgãos de mais alta hierarquia" ou mente humana, sendo afetada por paixões e emoções.

"Algo parecido acontece na mente humana*. [* (...) a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio homeopático que extingue a primeira. (...) Da mesma forma que ocorre na vida psíquica ocorre na orgânica.]" (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, pp. 69, 71)

Nas citações adiante, os termos alma e espírito são usados como sinônimos, estando a mente correlacionada (subordinada) a eles, mas com uma

conotação orgânica, diferente dos mesmos. Temos na mente uma outra entidade, assim como o são o espírito (alma) e a unidade orgânica.

"(...) são causados pela Psora(...) doenças da mente e da alma, desde a imbecilidade até o êxtase, desde a melancolia até a insanidade raivosa(...) os transtornos e enfermidades do corpo e da alma que, em suas manifestas queixas, diferem tão radicalmente e que, em diferentes pacientes, parecem tão díspares (se não pertencerem às duas doenças venéreas, Syphillis e Sycosis), são apenas manifestações parciais do antigo miasma da lepra (leprosy) e da sarna (itch)". (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, p. 40)

"Distúrbios da mente e do espírito de todos os tipos (melancolia, insanidade, ansiedade, depressão, disposição chorosa, ataques de medo, ataques de paixão, susto, falta de vontade de trabalhar, sensibilidade excessiva, rápida mudança na disposição, etc.)." (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, pp. 110 a 112)

A seguir, a *mente* é chamada claramente pelo termo *órgãos mentais*, assumindo, como dissemos anteriormente, uma conotação orgânica, mais material. Entenderemos o significado do termo "*órgãos de mais alta hierarquia*" atribuído aos *órgãos mentais ou mente*, quando Hahnemann correlaciona aos distúrbios mentais e emocionais a maior importância no *despertar da Psora*, mãe de todas as doenças, e na *agravação dos transtornos crônicos já existentes*: *"A mais freqüente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais freqüente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades."*

"(...) Uma psora internamente adormecida que ainda permite ao favorito de um príncipe viver com a aparência de uma saúde quase perfeita, rapidamente desabrocha num transtorno corporal crônico, ou desvia seus órgãos mentais até à insanidade, quando, por uma reviravolta de seu destino, é lançado para longe de seu brilhante pináculo, ficando exposto ao desprezo e à pobreza. A súbita morte de um filho provoca na mãe carinhosa já com saúde precária, uma supuração incurável nos pulmões ou um câncer no seio. Uma donzela jovem e afetuosa, já histérica, é conduzida à melancolia por um desapontamento amoroso. Como é difícil fazer alguma coisa para aliviar tais desgraças, quão raramente o consegue o melhor dos tratamentos antipsóricos! A mais freqüente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais freqüente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e as contrariedades." (Doenças Crônicas, 1828; Psora, pp. 148, 149)

Mais uma vez, a *mente (espírito)* assume a posição de uma outra entidade, diferenciada do corpo orgânico.

“Com a grande escrupulosidade que deve ser demonstrada na restauração de uma vida humana ameaçada pela doença, o homeopata deve, mais do que em qualquer outra coisa, se quiser agir de modo a ser digno de seu título, investigar primeiramente o estado total do paciente, a causa interna até onde possa ser recordada e a causa da continuação do transtorno, seu modo de vida, a qualidade de sua mente, seu espírito e de seu corpo, juntamente com todos os seus sintomas”. (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 157)

“(…) desfazer-se dessa idéia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principal e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não-material).” (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 27; IHFL, 1996)

As doenças psíquicas e mentais recebem uma classificação diferenciada das demais doenças, reiterando a hipótese de uma outra entidade na constituição humana (mente), apesar destas enfermidades não constituírem *uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando*, servindo também como *um dos mais notáveis conjunto característico de sintomas*. É como se a mente interagisse com a unidade orgânica de forma uníssona.

“(…) Desse tipo são as chamadas doenças psíquicas e mentais. Elas não constituem, porém, uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando e, em todos os casos de doença, que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito.” (Organon, 6ª ed.; § 210; IHFL)

Reforçando a importância do *estado psíquico e mental* na formação das doenças, estado de alta hierarquia no contexto da vida humana, Hahnemann diz que *não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente*. Aqui também observamos uma relação direta da energia vital dos medicamentos com este estado mental, apesar de não sabermos como isto ocorre. Estaria esta “energia mental”, composta pelos pensamentos e sentimentos, envolvendo a estrutura humana juntamente com a energia vital, influenciando-se mutuamente e ambas ao corpo físico?

“Igualmente, o Criador das potências curativas levou em consideração, de maneira notável, esse elemento principal de todas as doenças, o estado psíquico e mental alterado, pois não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente, havendo, na verdade, uma maneira diferente de agir para cada medicamento.” (Organon, 6ª ed.; § 212; IHFL)

Do mesmo modo, as doenças psíquicas e mentais são curadas *por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão*. Os sintomas mentais e psíquicos são despertados pelo medicamento dinamizado, não estando explícito como isto ocorre, nem a relação da força vital medicamentosa com a estrutura mental e com a alma.

“O que tenho a ensinar a respeito da cura nas doenças mentais e psíquicas pode se reduzir a poucos tópicos, pois são curáveis da mesma maneira e não outra, que o são todas as outras doenças, isto é, por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão.” (Organon, 6ª ed.; § 214; IHFL)

No parágrafo a seguir, notamos a ligação da unidade mental com a unidade orgânica. As doenças mentais e psíquicas são encaradas como doenças do corpo, transpostas para a *mente*, nas quais temos uma exacerbação dos sintomas mentais em detrimento dos sintomas físicos. Estes sintomas mentais e psíquicos não possuem a sua sede nos órgãos físicos e sim nos *“órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis”*.

“Quase todas as chamadas doenças mentais e psíquicas nada mais são do que doenças do corpo nas quais o sintoma peculiar da alteração mental e psíquica aumenta, ao passo que os sintomas do corpo diminuem (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge acentuada parcialidade; quase como uma afecção local transposta para órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis.” (Organon, 6ª ed.; § 215; IHFL)

Ao relatar a observação de que distúrbios orgânicos graves são raros em portadores de perturbações psíquicas, conforme podemos explicar pela teoria da mudança do órgão de choque, Hahnemann deixa clara a concepção de que considera a mente como um órgão da constituição humana: *“as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os*

órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos jamais atingidos pelo bisturi”. Os órgãos físicos maiores seriam o nosso sistema nervoso central.

“Não são raros os casos em que as chamadas doenças físicas que ameaçam matar - (...) - degenera-se em loucura, em uma espécie de melancolia ou mania, mediante a rápida intensificação do sintoma psíquico presente até então, fazendo desaparecer, assim, todo risco de vida dos sintomas físicos, que melhoram até quase atingir o estado de saúde(...) em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos jamais atingidos e atingíveis pelo bisturi.” (Organon, 6ª ed.; § 216; IHFL)

Dando continuidade à abordagem das doenças psíquicas, chama de *verdadeira doença mental ou psíquica* aquelas que dependam de um mal físico, não melhorando, ou melhor, agravando-se *mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas*. Ao explicar o porquê da piora frente às exortações amistosas, reforça a idéia de órgãos mentais e psíquicos em relação direta com os órgãos físicos e a alma: *“Parece que a alma do doente, nesses casos, sente, com indignação e tristeza, a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles”*.

“Se a doença mental não estiver plenamente desenvolvida e se ainda existem algumas dúvidas para saber se realmente resultou de sofrimento do corpo ou se, antes, provém de falhas na educação, maus hábitos, moral corrupta, negligência mental, superstição ou ignorância; serve, então, de indício o fato de diminuir e melhorar mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas. Em contrapartida, uma verdadeira doença mental ou psíquica que dependa de um mal físico se agravará rapidamente com esse método; a melancolia se torna mais chorosa, inconsolável e mais reservada, assim como a loucura furiosa se torna mais exasperada e a linguagem sem nexos do louco tornar-se-á manifestamente ainda mais absurda.”* (* Parece que a alma do doente, nesses casos, sente, com indignação e tristeza, a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles.)” (Organon, 6ª ed.; § 224; IHFL)

Mais adiante, Hahnemann relaciona indiretamente os órgãos mentais e psíquicos (mente) à alma, como se estivessem subordinados a ela, ao dizer

que *“tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico mediante meios de cura psíquicos”*.

“Tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico (com regime de vida adequado, aparentemente até em bem-estar físico) mediante meios de cura psíquicos, tais como demonstração de confiança, conselhos amigáveis, argumentos sensatos e muitas vezes habilidosas simulações.” (Organon, 6ª ed.; § 226; IHFL)

Ao comparar a *conduta psíquica adequada* por parte das pessoas que cercam o doente mental grave, *como dieta auxiliar da alma*, exemplifica o modo de agirmos contrapondo os excessos do enfermo, abolindo qualquer repreensão, castigo ou tortura no trato com estes doentes.

“Nas doenças mentais e psíquicas resultantes de doenças do corpo que só podem ser curadas com medicamentos homeopáticos dirigidos ao miasma interno, a par de um regime de vida cuidadosamente regulado, deve ser observada uma conduta psíquica adequada por parte dos que o cercam e também do médico, como dieta auxiliar da alma. (...) Deve-se procurar somente impedir a destruição e dano dos objetos que o rodeiam, sem repreendê-lo por seus atos, dispondo tudo de modo a abolir completamente todo e qualquer castigo ou tortura física.” (Organon, 6ª ed.; § 228; IHFL)

Temos no estado do psiquismo, da mente e de todo o comportamento do doente, os sinais mais seguros e elucidativos da evolução do mesmo, seja de melhora ou piora. Aqui observamos a importância hierárquica desta instância chamada *mente* na organização humana.

“(…), em todos os casos de doença, que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito.” (Organon, 6ª ed.; § 210; IHFL)

“Isso possui um tamanho alcance, que o estado psíquico do doente, muitas vezes e principalmente, determina a escolha do medicamento homeopático, na qualidade de sinal possuidor de uma característica determinada: entre todos, é o que menos pode permanecer oculto ao médico observador criterioso.” (Organon, 6ª ed.; § 211; IHFL)

“Por conseguinte, jamais se poderá curar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente, se não se observar, simultaneamente, em cada caso individual de do-

ença, mesmo nos casos de doenças agudas, o sintoma das alterações mentais e psíquicas e se não se escolher, para alívio do doente, entre os medicamentos, uma tal potência morbífica que, a par da semelhança de seus outros sintomas com os da doença, também seja capaz de produzir **por si** um estado psíquico ou mental semelhante.” (Organon, 6ª ed.; § 213; IHFL)

“Entre os sinais que, em todas as doenças, principalmente as que surgem de modo rápido (agudas), indicam um ligeiro início de melhora ou agravação perceptível a todos, o estado do psiquismo e todo o comportamento do doente são os mais seguros e elucidativos. No caso do início de melhora, por menor que seja, nota-se um maior bem-estar, crescente tranqüilidade, despreocupação e mais ânimo - uma espécie de retorno ao estado normal. No caso da agravação, ainda que muito ligeira, porém, ocorre o contrário: o estado do psiquismo, da mente e todo seu comportamento passam a denotar retraimento, desamparo, requerendo mais compaixão, assim como as suas atitudes em todas as situações e atividades”. (Organon, 6ª ed.; § 253; IHFL)

Em sua obra **Homeopatia, Escritos Menores e Preceitos**, na lição “Correspondência de Órgãos e Direção de Cura”, Kent tece alguns comentários sobre a importância da mente humana em relação aos demais órgãos físicos. Cita a Lei de Hering, associando o *mais interno do homem* à mente e suas potencialidades (vontade, entendimento e memória), mostrando nitidamente sua *mais alta hierarquia* e exemplificando a influência da mesma nos órgãos materiais. Correlaciona o *intelecto* (razão) ao trato gastrointestinal, ao sistema geniturinário e aos pulmões; a *vontade* (sentimentos, afetos) correlaciona ao coração, ao fígado e aos órgãos genitais femininos.

“Hering foi o primeiro a introduzir a Lei de Direção dos Sintomas: de dentro para fora, de cima para baixo, na ordem inversa de sua aparição. Isto não aparece nos escritos de Habnemann. É a chamada lei de Hering. Pouco há desta lei na literatura homeopática, exceto a observação de que os sintomas vão de cima para as extremidades, e que aparecem erupções sobre a pele e descargas das membranas mucosas ou úlceras sobre as pernas quando desaparecem os sintomas internos.(...) No curso de dentro para fora, de acordo com a lei, nem sempre vemos as mudanças mentais serem seguidas por sintomas de pele - que é um desenvolvimento mais rápido. Este é mais lento e mais gradual quando o estômago ou o rim estão desordenados. Então isto passa através de séries de órgãos: enquanto o estômago melhora, aparecem catarros e erupções.” (Homeopatia, Escritos Menores, Aforismos e Preceitos)

“O *mais interno do homem* está constituído pela vontade, o entendimento e a memória, e isto se estende para o exterior através do organismo físico em geral. Esta idéia se relaciona com a direção dos sintomas - do *mais interno* para o *mais externo*. (...) Quando se está tratando um paciente insano em suas faculdades intelectuais, enquanto o paciente melhora, aparecem desordens estomacais ou intestinais,

cólicas e diarréia; a desordem estende-se através do canal intestinal. Em outro paciente aparecem afecções renais com albuminúria na urina, no curso de uma reação onde houve desordens mentais. (...) Às vezes, as faculdades intelectuais correspondem aos pulmões. Os pulmões fazem para o corpo o que o intelecto faz para o homem. (...) Quando um paciente está enfermo da vontade, quando o amor tornou-se ódio, quando deseja destruir a própria vida, ou fugir dela, ou odiar seus próprios filhos; quando uma mulher sente aversão por seu esposo, ou quando o sistema da vontade está pervertido; que ocorre quando se faz uma prescrição correta?; o coração ou o fígado serão afetados, estes correspondem ao sistema voluntário. Não ocorrerão afecções do estômago nem dos rins, senão que aparecerão distúrbios cardíacos ou hepáticos quando se prescreva para afecções da vontade. (...) O sistema voluntário corresponde ao coração e ao fígado." (Homeopatia; Escritos Menores, Aforismos e Preceitos)

Observamos neste capítulo a analogia dos termos alma e espírito, utilizados por Hahnemann frequentemente, sem distinção entre si. Quanto à *mente*, sede da vida psíquica, observamos que Hahnemann considerava-a como *órgãos mentais e psíquicos, órgãos de mais alta hierarquia, quase não-materiais, invisivelmente sutis*, com uma unidade própria, mas em relação direta com os órgãos físicos e a alma. Este psiquismo sofre a influência das emoções e dos medicamentos homeopáticos que despertem estas mesmas emoções na experimentação com o indivíduo sadio.

CAP. XI

Unidade Físico-Vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais

S. Hahnemann

A influência das excitações emocionais e psíquicas em nossa saúde é comparável a qualquer outra afecção dinâmica que possa nos atingir, seguindo as mesmas regras destas. Atuando como higienista e dietista, Hahnemann delega à prática de exercícios diários o mister de manter o equilíbrio psicossomático, criticando o uso excessivo da mente, como o fazem os eruditos. Como discutido anteriormente, relaciona a mente à *maquinaria corporal - a eles (homens) ofertada para usarem em prol de uma vida completa*. Nesta interação entre o corpo e a mente, temos na força vital o elo de ligação, sendo exaurida ou incrementada ao organismo, com o excesso de atividade mental ou a prática saudável de exercícios musculares, respectivamente.

“Concedo de bom grau, que o conflito de paixões opostas e de gozos multiplicados, a indolência e a falta de exercício podem ocasionar nos palácios das grandes cidades enfermidades mais numerosas e mais raras que as que se encontram sob o teto rústico de uma cabana de aldeia.” (Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 98)

“Não é somente o desgaste físico excessivo que prejudica a pessoa, mas, sobretudo, o estado constante de tensão mental; a mente esgotada, por sua vez, afeta o corpo de maneira negativa. (...) Gozar a vida com a mente tranqüila e corpo são é para o que o homem foi feito (...). O corpo e seus músculos devem ser mantidos em funciona-

mento e exercitados, para que a pessoa possa usar sua mente sem detrimento de sua saúde. Somente num corpo vigoroso é que a mente pode trabalhar com liberdade, energia e resistência. (...) Mas até mesmo o mais resistente dos corpos deve, inevitavelmente, arcar com a ruína do modo habitual de vida dos eruditos que, unilateralmente, usam apenas suas mentes e órgãos a elas associados, deixando o resto da maquinaria corporal - a eles ofertada para usarem em prol de uma vida completa - na inatividade. (Carta a von Villers; Samuel Habnemann: his life and work, cap. VII, suplemento 37 vol.II)

"(...) Estudos exaustivos e pensamentos profundos absorvem uma grande porção da energia vital necessária à debulha do trigo num celeiro. Esta atividade é uma coisa irrisória, comparada à primeira. (...) como pode tudo isto ocorrer sem que haja uma evidente alteração de toda a força vital, ou então o adoecimento daqueles órgãos que são os mais consumidos pelos estudos: cérebro, nervos e olhos?(...) O desenvolvimento do corpo e de suas forças vem muito antes que o desenvolvimento da mente. A mente só consegue atingir o mesmo nível de igualdade daqueles órgãos que, por um uso constante, a pessoa chegou a desenvolver com a perfeição possível, através de suas atividades diárias. (...) O tempo dedicado aos exercícios corporais é bem retribuído pela energia e pela disposição da mente que se lhe segue, pois pode atingir em meia hora o que teria custado um meio dia para alcançar". (Carta a um jovem erudito; Samuel Habnemann: his life and work, cap. VII, suplemento 37, vol. II)

"Eu, disse o próprio Habnemann, procurava assimilar o que lia; lia pouco, porém muito bem; e punha tudo em ordem no meu espírito, antes de passar adiante... Não esquecia, entretanto, de procurar exercício para o meu corpo, movimento ao ar livre, esta alegria e esta força, graças às quais facilmente podia manter a tensão contínua de meu espírito." (Iniciação homeopática, p. 18)

Uma paixão semelhante, mas mais forte, extingue outra mais fraca da nossa mente. Enquanto uma afecção dinâmica qualquer afeta nossa força vital imaterial, desequilibrando-a e sendo reequilibrada pela administração de uma potência semelhante mais forte, a mente é desequilibrada por paixões ou outras excitações psíquicas (afecções dinâmicas de natureza diversa), sendo reequilibrada por uma excitação semelhante e mais forte. A unidade mental (físico-mental) é afetada da mesma forma que a unidade orgânica (físico-vital).

"Algo parecido acontece na mente humana*. [* Por exemplo, uma moça mergulhada em mágoa pela morte do seu companheiro, se levada a ver uma família onde as crianças pobres e semínuas tenham recentemente perdido seu pai, seu único sustento, não se tornará mais triste por testemunhar esta tocante cena, mas será dessa forma consolada pelo seu infortúnio menor. Ela é curada de sua tristeza por seu

companheiro, porque a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio **homeopático** que extingue a primeira. A moça não seria tranqüilizada e curada de sua tristeza pela perda do companheiro, se sua mãe a censurasse colericamente (influência **heterogênea, alopática**), mas, ao contrário, sua mente estaria mais desolada por este ataque de tristeza de outra natureza. De maneira semelhante, a moça triste, se nós fôssemos causar um alívio aparente mas somente paliativo de sua tristeza, por meio de divertimentos, iria, em sua solidão, mergulhar em uma tristeza mais profunda e choraria muito mais intensamente que antes pela morte do seu amigo (porque esta afecção teria aqui somente um caráter **oposto, enantiopático**). Da mesma forma que ocorre na vida psíquica, ocorre na vida orgânica. A unidade de nossa vida não pode ser ocupada e receber duas afecções dinâmicas gerais da mesma natureza ao mesmo tempo; porque se a segunda for semelhante à primeira, a primeira é deslocada por ela, se o organismo for mais energicamente afetado pela segunda.]” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, pp. 69, 71)

O despertar da Psora e a agravação dos transtornos crônicos ocorre pelo *pesar e contrariedades diárias, pelos aborrecimentos que amarguram a vida e abatem o espírito, mais certa e mais freqüentemente que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo*. O propósito central dos cuidados e do amor fraternal do médico é aliviar o pesar e as contrariedades do paciente.

“(…) perdas tristes de parentes queridos abatendo o espírito pelo *pesar ou contrariedades diárias e aborrecimentos que amarguram a vida*; (...) nessas ocasiões, a Psora que até então estivera adormecida, *acorda e manifesta-se nos sintomas intensificados e aumentados enumerados abaixo, em sua transição até à formação de severas moléstias*”. (Doenças Crônicas, 1828; Natureza da Doenças Crônicas, p. 82)

“A *mais freqüente excitação da Psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais freqüente agravação dos transtornos crônicos já existentes, são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades*. Pesar e contrariedades ininterruptas acentuam em breve tempo inclusive os *mais diminutos traços de uma Psora adormecida tornando-a manifesta nos mais severos sintomas*; depois, o *pesar e as contrariedades desenvolvem estes sintomas numa manifestação ostensiva de todos os sofrimentos crônicos imagináveis, mais certa e mais freqüentemente que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo humano, na vida humana médica, apesar destes dois agentes aumentarem também tão certa e freqüentemente os transtornos já existentes*. Da mesma forma que o bom médico *ficará satisfeito, quando puder animar um paciente e mantê-lo afastado do tédio, a fim de fazer progredir*

uma cura que não está embaraçada por tais obstruções, em tal caso sentir-se-á mais do que nunca incumbido da tarefa de fazer tudo que for possível dentro do poder de sua influência sobre o paciente, seus familiares e circunstâncias, para aliviá-lo do pesar e das contrariedades. Este será e deverá ser o propósito central de seus cuidados e de seu amor fraternal.” (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 149)

Nas próximas citações, vemos a influência, no experimentador e no paciente crônico, das noxas psíquico-afetivas (pesar, mágoas e contrariedades), *elementos mais destrutivos da vida, em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente*. Hahnemann diz que *a filosofia, a religião e o controle sobre si próprio* dão subsídios ao doente para suportar *pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado*, e os *quais não está em seu poder curar*. Chega mesmo a negar a ação dos medicamentos homeopáticos, *que sejam os mais peculiares e os mais bem adaptados ao transtorno corporal*, desde que não sejam afastadas estas *impressões mentais perturbadoras*, que minam os *alicerces* da individualidade. Vemos aqui o nível hierárquico superior da mente e sua influência sobre a unidade físico-vital.

“A melhor oportunidade para exercitar e aperfeiçoar nossa capacidade de observação é proporcionada pela aplicação a nós mesmos de experimentações medicamentosas. Enquanto evita todas as influências medicinais exteriores e impressões mentais perturbadoras, nesse importante processo, o experimentando, após ter tomado o medicamento, tem a totalidade de sua atenção dirigida a todas as alterações da saúde que ocorrem sobre si e em seu íntimo, a fim de observá-las e registrá-las corretamente com a sensibilidade sempre atenta e os sentidos sempre alertas.” (O Observador Médico, 1825; The Lesser Writtings of Samuel Hahnemann, p. 724)

“Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar; se o pesar e as contrariedades abatem-se continuamente sobre ele e se foge à alçada do médico efetuar uma remoção duradoura destes que são os elementos mais destrutivos da vida, seria melhor que desistisse do tratamento e deixasse o paciente entregue à própria sorte, pois até mesmo o mais competente cuidado do caso com remédios que sejam os mais peculiares e os mais bem adaptados ao transtorno corporal de nada servirá, para absolutamente nada, no caso de um paciente crônico exposto deste modo às mágoas e às contrariedades e em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Prosseguir com a mais fantástica edificação é tolice, quando seus alicerces estão sendo diariamente corroídos, mesmo que apenas gradualmente, pela ação das ondas.” (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 149, 150)

A unidade vital do organismo (princípio vital), é afetada por *paixões debilitantes, infortúnios e preocupações*, que são **distúrbios da mente e do coração**.

“Durante os anos mais floridos da juventude e ao iniciar-se a menstruação regular, a par de um modo de vida benéfico à mente, ao coração e ao corpo, elas (doenças crônicas) frequentemente passam despercebidas vários anos; os afetados por elas aparentam, pois, saúde perfeita aos amigos e parentes, como se a doença neles arraigada por contágio ou hereditariedade houvesse desaparecido completamente. Contudo, nos anos seguintes, por ocasião de acontecimentos e circunstâncias adversas da vida, ela infalivelmente ressurge, desenvolvendo-se com maior rapidez e adquirindo um caráter mais grave quanto mais o princípio vital tiver sido afetado por paixões debilitantes, infortúnios e preocupações, mas, principalmente, mediante um tratamento médico inadequado. (Organon, 6ª ed.; § 78, nota; IHFL)

A mente, entidade distinta da unidade físico-vital, devido a seu nível hierárquico superior, atua sobre o princípio vital desequilibrando-o, desde que seja afetada pelas noxas psíquico-emocionais. Em vista disso, podemos pensar numa unidade mental, diretamente relacionada a entidade superior humana (espírito ou alma), que abarca as manifestações psíquicas e emocionais do ser, possuindo ascendência e interagindo com a força vital e o corpo físico.

CAP. XII

Saúde e Moral

S. Hahnemann

Conforme o exposto anteriormente, pela diferenciação entre a unidade mental e a unidade orgânica, deverá existir uma outra forma de buscar o equilíbrio dinâmico da saúde, atuando em níveis superiores da entidade humana, que não seja somente através dos medicamentos homeopáticos.

O fato de o equilíbrio vital orgânico (força vital-corpo físico), conseguido através do medicamento simillimum, não ser duradouro, podendo-se esgotar caso o homem não atue de uma forma digna e ética, direcionando seu livre-arbítrio (mente) para os mais altos fins de sua existência (moral), relatado na concepção miasmática de vários autores clássicos, corrobora a distinção entre a unidade físico-vital e a unidade mente-espírito, sendo influenciadas e necessitando de estímulos distintos para manterem seus estados de eqüanimidade.

Nas citações abaixo, Hahnemann vê o *caminho da moral* como o mais *elevado objeto da vida*, que aproxima o homem ao Criador através *de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo*, exercitados pelo *sopro* divino ou espírito racional na busca do crescimento interior e da evolução espiritual. Vai mais além, responsabilizando o afastamento dos preceitos morais ao *aumento*

do número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade.

“Habitante da terra, me dizia, quão limitado é o número de teus dias neste mundo, e quantas dificuldades encontra a cada instante para proporcionar-te uma existência suportável, quando queres permanecer no caminho da moral! Mas todos estes gozos que tão caro pagas, que são por si mesmos quando te falta a saúde? E com quanta freqüência não sucede que se desarmonize a saúde, e que seja perturbada por incomodidades mais ou menos graves? Como calcular o número de enfermidades e de dores sob cujo peso os mortais dobram-se e arrastam-se penosamente até o término de sua existência, e que não lhes perdoam nem mesmo no meio das lisonjas da glória, nem dos gozos do luxo? Sem dúvida oh homem! quão nobre é tua origem, quão grande teu destino, e quão elevado o objeto de tua vida! Não estás destinado a aproximar-te por meio de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo, ao grande espírito que adoram todos os habitantes dos sistemas solares? Seria possível que o sopro divino que te anima e que te inspira tão nobre atividade fosse condenado a sucumbir, sem que nada pudesse socorrer-lhe, sob a influência destes ligeiros desregramentos do corpo a que damos o nome de enfermidades?” (Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 91)

“(..) Não há possibilidade de existir alguma coisa in rerum naturam que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjogados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente...” (Carta a Stappf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Acredita numa outra existência além da terrena (*lá em cima*) e numa evolução moral adquirida gradualmente pela razão através de nossa *consciência, centelha da divindade*, precisando-se *cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes*. Claro está que o processo evolutivo é lento e progressivo, com necessidade de esforço e dedicação diários,

a fim de *manter subjugados os motivos de nossa natureza animal*, frutos de nosso estado primitivo anterior, contrariando totalmente o preceito involucionista da perda dos dons anteriormente adquiridos.

No texto abaixo, vemos a importância que Hahnemann dava ao desenvolvimento e enobrecimento do espírito inteligente, ou seja, à evolução espiritual do ser humano.

“Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações da vida; e notavelmente quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 133)

Entendendo por moralista o instrutor do espírito humano no caminho do crescimento interior ou progresso moral, Hahnemann exemplifica a forma de atuar através da *psicologia experimental* (empírica), conhecendo-se a *história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude*, negando a utilidade de qualquer *conhecimento ontológico da essência da alma humana*. Baseia seus fundamentos no exemplo prático de Sócrates, dizendo que o mesmo, para conduzir os homens à virtude, *jamaís necessitou entregar-se a especulações ontológicas a respeito do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma*. Claro está, a importância dada por Hahnemann de se atingir níveis mais profundos do homem (alma ou espírito), através de práticas outras além dos medicamentos homeopáticos (psicologia socrática).

“O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim poupa-se no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele, atém-se a ele a posteriori, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

“O moralista sabe que estando-lhe negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer

a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. (...) Jamais necessitou, para conseguir seu nobre objeto, entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco lhe teria servido de nada sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?" (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 138, 139)

Exemplificando qual deveria ser a postura do *observador médico* e assumindo o compromisso de divulgar a arte homeopática, Hahnemann mostra sua concepção de *missão humana, no aprimoramento íntimo e na prática do bem*, acima de qualquer bem material, que poderíamos entender como **evolução moral do ser inteligente capaz de agir segundo seu livre-arbítrio**: *"fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar"*. A sua visão é clara e profunda, submissa a Deus, universalista, sem assumir tal ou qual corrente mística ou religiosa.

"Escolhei de preferência um médico que jamais se mostre grosseiro, que nunca se irrite, salvo à vista de uma injustiça; que não desdenhe de pessoa alguma, salvo os lisonjeadores; que tenha poucos amigos, mas por amigos, homens de coração; que deixe aos que sofrem a liberdade de se lastimarem; que jamais emita uma opinião sem prévia reflexão; que prescreva poucos medicamentos, a maioria das vezes um único, e em substância; que viva modestamente e retirado, afastado do ruído da multidão; que não dissimule o mérito de seus confrades e não faça auto-elogio; enfim um amigo da ordem, da tranqüilidade, um homem de amor e de caridade. Antes de escolherdes um médico observai como ele se comporta com os doentes pobres e se, em seu gabinete, quando está só, ocupa-se com trabalhos sérios." (A escolha de um médico; carta a um príncipe, 1795; A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra, p. 24)

"Assim qualificado, o observador médico não pode deixar de alcançar seu objetivo, especialmente se mantiver à vista a elevada dignidade de sua vocação - como representante do Pai Protetor todo bondade a servir Suas amadas criaturas humanas, restaurando seus organismos devastados pela doença. Ele sabe que as observações em questões médicas devem ser feitas com uma disposição franca e respeitosa, como sob a vista de Deus onisciente, o Juiz de nossos pensamentos secretos, e devem ser registradas de modo a satisfazer uma consciência íntegra, a fim de que se possa comunicá-las ao mundo com o

discernimento de que bem terreno algum é mais digno de nossos esforços zelosos que a preservação da vida e da saúde de nossos semelhantes." (O Observador Médico, 1825; The Lesser Writings of Samuel Habnemann, p. 724)

"Se eu não soubesse para que fim fui posto aqui na Terra - para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar - teria de me considerar muitíssimo imprudente, se tornasse conhecida para o bem comum, ainda antes de minha morte, uma arte que só eu possa e da qual está dentro de mim fazer a mais proveitosa possível se guardando-a em segredo." (Doenças Crônicas, Prefácio à Primeira Edição, 1828)

"Agradeço com sincera gratidão a infinita misericórdia do único e grande Doador de todas as boas coisas, por ter-me preservado até agora com força e alegria de viver, em meio a tantos ataques de meus inimigos. E não tenho mais nenhum outro desejo que apresentar ao mundo de maneira digna o bem que o Ser Supremo permitiu-me descobrir, ou posso dizer, que a mim revelou, para o alívio dos sofrimentos da humanidade. Estarei então pronto para partir desta vida." (Carta a Stapf, 15/04/1827; Samuel Habnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 190)

"Existe felicidade maior que a de fazer o bem? Mesmo depois que tivermos partido daqui, o único e infinito Ser que promove a felicidade de todas as criaturas, irá mostrar-nos como nos aproximar de Sua perfeição e santidade, através de atos de benevolência, assim ensinando como nos tornarmos mais semelhantes a Ele por toda a eternidade." (Carta a Stapf, 14/01/1828; Samuel Habnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Incorporando uma **postura universalista frente às filosofias e às religiões**, enfatiza a necessidade do homem buscá-las como meio de auxílio *para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar*, sem no entanto dirigir seus ensinamentos para uma determinada corrente filosófico-religiosa. Mostra sim, como exemplo máximo de prática religiosa, *a vigilância constante das nossas ações, a constante supervisão de nossas paixões animais*, com o intuito de encontrarmos a paz de consciência, que nos faz repousar *na amizade do Único*.

"Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar (...)." (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 149)

"Distribua cuidadosamente suas horas. Cada hora perdida, não-empregada em nosso melhor proveito e no dos outros, é uma perda irreparável que uma consciência sensível não pode jamais esquecer. Nada há mais que precisemos vigiar e conter que

as nossas inclinações físicas, incluindo aí a imaginação. Nossa parte animal requer supervisão constante e um controle tão estrito e incessante quanto o que possui nosso poder de raciocínio. Somente por meio de uma vitória constante é que nos tornamos felizes por meio desta consciência elevada e saudável. Sentimos então que repousamos na amizade do Exclusivamente Único... Você quer alguma outra religião? Não existe. Tudo o mais é uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstições, verdadeira destruição da humanidade..." (Carta a um paciente, 16/10/1830; Samuel Hahnemann: *his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

"(...) Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benefeitor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior." (Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: *his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O irromper da Psora interna é facilitado com os vícios e desregramentos morais do homem, sendo necessário um trabalho na busca deste equilíbrio íntimo, embasado em valores elevados, para que os medicamentos homeopáticos possam atuar beneficentemente.

"Um grande e semelhante obstáculo à cura de doenças crônicas muito avançadas é freqüentemente encontrado na debilidade e na fraqueza em que caem os jovens estragados por pais ricos e que são desencaminhados pela superabundância e pela devassidão daqueles, seduzidos pelas companhias depravadas, por paixões e excessos destrutivos, por pândegas, por abuso do instinto sexual, pelo jogo de azar, etc. Sem a menor consideração pela vida e pela consciência, corpos originalmente robustos são debilitados por tais vícios até tornarem-se meros simulacros de humanidade, sendo além disso arruinados pelo tratamento perverso de suas doenças venéreas, de modo que a Psora, que muitas vezes está emboscada no interior do organismo, avoluma-se e emerge como a mais digna de pena das doenças crônicas as quais, mesmo que a moralidade do paciente tenha melhorado devido a um remorso deprimente e que haja um pequeno remanescente de seus poderes vitais desperdiçados, aceitam apenas face a maior das dificuldades o alívio antipsórico. Estes casos deveriam ser abordados pelos médicos homeopatas como curáveis somente com as maiores cautelas e reservas. (Doenças Crônicas, 1828; Psora, pp. 152, 153)

"No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como Dynamis, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita,

possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência.” (*Organon*, 6^a ed.; § 9; IHFL)

Novamente citamos o parágrafo nove do **Organon**, no qual Hahnemann sintetiza claramente a maioria dos conceitos anteriormente abordados: “*força vital imaterial, autocrática, que anima o corpo material como Dynamis*”, aonde descreve a função da força vital instintiva em animar e dar vida ao corpo físico, formando com este a unidade físico-vital do organismo humano; “*mantendo todas as partes do organismo em harmonia vital nas suas sensações e funções*”, responsabiliza a força vital pelo equilíbrio psicossomático do homem; “*nosso espírito racional que nele habita*”, demonstra a diferença entre força vital irracional e espírito racional e reitera sua concepção dualista corpo-espírito, estando o espírito ligado ao corpo enquanto ocorra a vida; “*possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência*”, mostrando-nos a utilização do organismo vivo pelo espírito, como um instrumento que lhe proporcionará condições para evoluir moral e espiritualmente.

CAP. XIII

Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas

S. Hahnemann

Desde o início de seus escritos, Hahnemann critica o excesso de especulações, que não auxiliem a cura do doente. Na citação abaixo, apesar de aceitar *uma espécie de explicação que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite*, afasta-os terminantemente de sua prática clínica, dizendo que se estes são válidos no indivíduo sadio, não o são no indivíduo doente.

“É verdade que reunindo experiências puras e meditações imparciais aos dados fornecidos pela anatomia, pela física e pela química chegamos a formar uma grande massa de proposições verossímeis acerca das funções e dos fenômenos vitais do corpo são, porque no corpo são os fenômenos reproduzem-se com bastante semelhança(...). Mas não é menos certo e muito desanimador que as noções antropológicas ou fisiológicas começam a ser-nos inúteis precisamente no momento em que o corpo se afasta da saúde.(...) Não há dúvida que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite dar uma espécie de explicação, porém esta é sempre uma ilusão e um erro capaz de extraviar-nos.” (Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, pp. 107, 108)

Mantendo uma postura estritamente prática, habilidade que permitiu à Homeopatia permanecer atuante até os dias de hoje, afirma *como uma pro-*

posição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático. Frisando ser a Homeopatia um método terapêutico com fundamentos simples e claros, diz não haver necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades.

Apesar de suas críticas, em geral, estarem direcionadas para a medicina da época, vemos nas suas justificativas a acertiva da inutilidade de discussões filosóficas que se afastem do modelo curativo, incluindo a **escolástica**¹, filosofia que fundamenta o modelo homeopático antropológico tomista.

“Ele continua desiludido afirmando que medo e pesar são graus menores de confiança e alegria. Se eu fosse me atrever em fazer essas alegações, eu poderia deduzir qualquer coisa de qualquer premissa, sendo muito fácil, dessa forma, ser um escolástico sofista. Não meu querido amigo! há duas escalas; no topo de uma permanece a indiferença, e abaixo dessa mesma escala vem aborrecimento, pesar, desespero. A outra escala tem a indiferença na sua parte mais baixa, e subiremos na mesma escala para confiança, alegria e êxtase.” (Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801; The Lesser Writtings of Samuel Hahnemann, p. 350)

“Isto então soma todas as terapêuticas de Brown para doenças de, e acompanhadas por fraqueza! Aquela boa índole e juventude, assistida por um regime apropriado, (não sendo nada mais que isto) e mesmo por si só, curará doenças que tenham outras causas que não sejam a deficiência e o excesso de excitabilidade, é um fenômeno diariamente testemunhado pelo observador sem preconceitos, o qual, entretanto, deve ser explicado ou negado por Brown para suportar seu sistema escolástico.” (Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801; The Lesser Writtings of Samuel Hahnemann, p. 350)

“Bem! dizia eu. Visto que deve haver um meio seguro e certo de curar, assim como há um Deus, o mais sábio e melhor de todos os seres, deixarei o campo ingrato das explicações ontológicas, não ouvirei mais as opiniões arbitrárias, qualquer que seja a arte com que hajam sido reduzidas a sistemas, não me inclinarei mais ante a autoridade dos homens célebres; porém buscarei alreod de mim, onde deve estar,

[Verbete: escolástica (Fem. substantivado do adj. escolástico, do gr. scholastikós, pelo lat. scholasticus, partidário da escolástica). Doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séc. IX ao XVII, caracterizadas sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã. Desenvolveram-se na escolástica inúmeros sistemas que se definem, do ponto de vista estritamente filosófico, pela posição adotada quanto ao problema dos universais, e dos quais se destacam os sistemas de Santo Anselmo, de São Tomás de Aquino e de Guilherme de Occam.]

este meio em que ninguém pensou, porque era demasiado simples, porque não parecia bastante sábio, porque não estava envolvido em coroas para os mestres na arte de construir hipóteses e abstrações escolásticas.” (Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 122)

“Então não pude deixar de olhar como uma proposição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático; que basta ao que quer curar, considerar cada enfermidade como um grupo de sintomas e de sensações, para poder extingui-la sem resistência com o auxílio de uma substância medicinal, capaz de produzir por si mesma sintomas morbosos análogos num sujeito são, (...) e que já não havia necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades, dessa mania de racionalismo, que nunca conduziu mais que a métodos quiméricos de tratamento.” (Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 124, 125)

Demonstrando sua antipatia às teorias filosóficas e **sofistas**², quanto à *vitalidade do corpo organizado* e à *força intelectual que atua dentro dele*, diz que o *verdadeiro sábio* e o *filósofo modesto olham-nas com repugnância*.

“Durante os últimos dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e de medicina, não se deu o menor passo no conhecimento a priori da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. Todas as frases desprovidas de sentido, através das quais acreditou-se estabelecer demonstrações, todas as sutilezas dos sofistas sobre este objeto, cujo conhecimento nos é inacessível, não vieram demonstrar nada; o verdadeiro sábio, o filósofo modesto olham-nas com repugnância. Nem se poderia conceber um meio que fosse suscetível de conduzir-nos a este conhecimento. Não, jamais, jamais chegarão os mortais à intuição do que se oculta no santuário das idéias do Deus criador, infinitamente superior à nossa limitada inteligência.” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 135)

Reiterando sua visão experimental e funcional, se por um lado critica os filósofos sofistas com suas elucubrações teóricas sobre a organização sutil do ser humano, por outro enaltece Sócrates com sua abordagem prática da *psico-*

[Verbete: sofista (Do gr. *sophistés*, sábio, pelo lat. *sophista*). Cada um dos filósofos gregos contemporâneos de Sócrates que chamavam a si a profissão de ensinar a sabedoria e a habilidade, e entre os quais se destacam Protágoras (480-410 a.C.), que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas, e Górgias (485-380 a.C.), que atribuía grande importância à linguagem. Os sofistas desenvolveram especialmente a retórica, a eloquência e a gramática.]

logia experimental, que, após observar as faltas humanas, conduzia os homens ao caminho da virtude argumentando com seu próprio exemplo: “*jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma*”. Apesar de profundo filósofo natural, Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que procurasse explicar a natureza íntima das doenças.

“*Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. (...) Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. (...) Sem dúvida, se as especulações e os sistemas metafísicos sobre a essência íntima das enfermidades, supondo que tivessem algum fundamento, fossem úteis para o homem que quer curar as enfermidades, (...) não seria de presumir que os fabricantes de sistemas e seus adeptos fossem melhores médicos que os demais, posto que possuíam o que eles chamavam a verdadeira, a mais sólida base da medicina?*” (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 139, 140)

Assim como Sócrates não procurava conhecer a *natureza metafísica de tal ou qual vício da alma*, Hahnemann não se interessava por especular sobre a *natureza metafísica do terror, do medo, da aversão, da cólera, do pesar, etc.*, pois em nada auxiliaria na busca do medicamento correto que cure suas conseqüências. **Evitando qualquer especulação metafísica acerca da teoria miasmática**, a qual ancorou em patologias físicas conhecidas, diz que os *miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem; ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, ainda quando nosso espírito fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria todavia ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito.*

“*O terror, o medo, a aversão, a cólera, o pesar, um resfriamento, etc., são impressões que não podemos submeter a uma análise física. Ignoramos como e até que ponto estas impressões modificam o corpo humano, e quais são precisamente as enfermidades que ocasionam. Nossa ignorância neste ponto é tal, que não damos um*

passo a mais no tratamento, quando nos indicaram o nome da causa presumida, quando nos dizem que eram o terror, o medo, o pesar ou a cólera. As especulações, mesmo a mais abstrata sobre a natureza metafísica do terror, não fornecem ao prático o menor indício que lhe ilustre acerca da marcha que deve seguir para curar suas conseqüências, jamais pronunciam o nome do remédio específico dos acidentes agudos do terror, que é o ópio. É fácil dizer que a sarna depende do vício psórico, a sífilis do vício venéreo, a varíola do vício variólico, a febre quartã do ar dos pântanos. Mas ao articular estes nomes, não estamos mais adiantados relativamente ao conhecimento e ao verdadeiro tratamento destas enfermidades. Os miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem. (...) Ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, aonde não pode penetrar o olho do anatômico; ainda quando nosso espírito, que não tem receptividade mais que para as impressões vindas pelos sentidos, fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria todavia ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito.” (Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades, 1809; Opúsculos de Hahnemann, pp. 166, 167)

O fenômeno da *vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações*, assim como na medicina, profissão que trata da *vida humana, nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado*, ou seja, apenas os sintomas e sinais do paciente interessam para, ao defrontá-los com a Matéria Médica, escolhermos o medicamento correto em cada caso.

“O que é a vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações, mas nenhuma concepção a respeito dela pode ser formada através de qualquer especulação metafísica a priori; o que a vida é, em sua natureza essencial, não pode ser averiguado ou mesmo suposto pelos mortais.” (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 65)

“Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada, a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, e deve guiar nossos passos (escolher conjeturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e de mais a mais um crime e traição contra a humanidade)”. (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Critica o uso exclusivo da razão para estabelecermos modelos e explicações *sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito*, dizendo que *toda e qual-*

quer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Não aceitando os devaneios da imaginação, acrescenta que, se na sua operação, desviar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade.

Afirma que a *razão meramente especulativa não pode ser ouvida* numa ciência experimental como a Medicina, pois certamente degenerará *em fantasias e especulações vazias produzindo somente hipóteses arriscadas*. Exemplifica na medicina teórica de sua época, *em que concepções a priori e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças. É enfático ao criticar a fusão em moldes escolásticos destas doutrinas e suas deduções falsas e ilógicas.*

(...) Em se fazendo deduções de premissas similares falsas, eu deveria com igual justiça dizer, que uma dieta vegetal líquida, e sopas animais fortes são uma e a mesma coisa, pois as duas diferentes dietas (no primeiro efeito no corpo) causam saciedade. Os mesmos efeitos têm a mesma causa, portanto, o nutrimento vegetal líquido e o caldo de carne são uma e a mesma coisa. Então esta falsa dedução escolástica é feita.” (Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801; The Lesser Writtings of Samuel Hahnemann, p. 350)

(...) E quão fácil é perseguir, maledizer e manipular, o qual tem até agora sido fundamentado em máximas incertas, nas quais pela força da autoridade, utilizaram, terminologia vazia, sofistismo, escolasticismo, dogmas esteriotipados, e experiências imaginárias, preto fazendo-se parecer branco, de uma forma que todos ficassem contentes, especialmente onde o julgamento era pervertido pela depravação do coração, do egoísmo e pela falta de liberalidade.” (A Visão da Liberalidade Profissional no começo do Século XIX, 1801; The Lesser Writtings of Samuel Hahnemann, p. 362)

“A razão, sem ajuda, nada pode saber por si (a priori); não pode, só por si, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; toda e qualquer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade. Nas ciências puramente experimentais, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá onde aja por si, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades. Tal tem sido

até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que concepções a priori e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças. (...) Todas essas doutrinas artificiais, depois de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se devota à divisão, subdivisão e tabelamento e... pronto! O artigo fabricado, a arte médica, está pronto para uso - a coisa mais oposta à natureza e à experiência que é possível conceber, uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões, de espécies várias, de milhares de mentalidades, diferentemente constituídas.” (Organon, Prefácio à Segunda Edição, 1818)

“Julgo não ser a pequena extensão de nossos conhecimentos, mas unicamente o mau emprego que deles fazemos, a causa que impede ao médico de atingir a certeza e a simplicidade.” (Os obstáculos à certeza e à simplicidade da medicina prática serão inatingíveis?; Iniciação homeopática, p. 51)

Observamos, na citação abaixo, o cuidado que deveríamos ter ao ditar *conclusões especulativas* da intimidade humana, pela incapacidade *de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito.*

“Não temos meios de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito, e só algumas poucas vezes nos é concedido conclusões especulativas a partir do que está ocorrendo, relativas à maneira pela qual o processo pode ter ocorrido ou acontecido (...).” (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838)

Acreditamos estar evidente, o fato de Hahnemann abolir qualquer tendência filosófica e metafísica do modelo homeopático, pois apenas a comprovação experimental e prática poderia dar o substrato necessário para a divulgação da Homeopatia em sua época.

Em cima deste pensamento, tece suas críticas à complexidade da filosofia de Kant, dizendo que *a totalidade de sua filosofia deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas.* Valoriza a compreensão e a clareza dos pensamentos filosóficos, postura simplista que sua genialidade e erudição não ousou esconder.

“Admiro muito Kant principalmente porque ele delinea os limites da filosofia onde terminam todas as formas de conhecimento humano, onde se findam as experiências. Se

o restante do que ele pensou e escreveu tivesse apenas se desdobrado um pouco mais nitidamente diante de sua visão interior, acho que ele não teria envolvido a si mesmo numa nuvem de sentenças tão obscuras. A totalidade de sua filosofia, a meu ver, deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas, e ter sido tão compreensível que dela nenhuma incompreensão pudesse surgir. Contudo, apenas minha humilde pessoa é quem pensa desta forma, e talvez eu esteja enganado. É por este motivo que só valorizo Platão quando ele é bastante compreensível e fala com clareza. Se os assim chamados filósofos que seguiram Kant não houvessem escrito ainda mais misteriosamente e permitido à sua imaginação tantas piruetas, se, em uma palavra, tivessem mantido, como era desejo de Kant, a si mesmos dentro dos limites da experiência, minha luta atual com a reforma da ciência médica teria sido muito mais fácil..." (Carta para o Sr. von Villers, Torgau, 30/01/1811; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 188)

CAP. XIV
Concepção
Filosófica de Hahnemann

S. Hahnemann

1) Visão Espiritualista

Se por um lado Hahnemann critica o excesso de especulações no campo da filosofia e da metafísica para explicar as enfermidades, por outro assume uma postura teísta, com valores morais distintos e conceitos espiritualistas. Demonstra acreditar numa continuidade existencial, após a morte do corpo físico, do espírito imortal que nele habita, conseqüente à brevidade da vida terrena atual, a qual funciona como uma *escola de aperfeiçoamento para a eternidade*.

*"(...) fie-se em minhas instruções e quando chegado sua bora de deixar esta existência terrestre, venha encontrar-se comigo, pois estarei aguardando por você. (...) Prometi-lhe tudo que desejava; depois ele acrescentou: Deus a recompensará, e cinco minutos antes de partir, disse-me cheio de ternura: **Você será minha na eternidade**. Estas foram suas últimas palavras."* (Anotações Confidenciais da Senhora Hahnemann; Samuel Hahnemann: *bis life and work*, vol. II, cap. XVIII, suplemento 156)

"Por minha parte sempre olhei como um dos fatos dos mais importantes da minha vida os partos da minha esposa e o aumento da minha família. Um ser que eu contribuí para formar em um esforço comum com aquela que me é estreitamente ligada, um novo homem nascido de nosso sangue, vem ao mundo aumentar as ale-

grias e os sofrimentos salutarres de seu pai e de sua mãe, a quem devem dirigir na vida e prepará-lo para uma existência superior na eternidade. Repito, o nascimento de meus filhos tem sempre influído profundamente sobre minha vida interior e eu considero cada aumento de minha família como uma prova que o grande Príncipe do bem, o Pai dos espíritos, impôs-me para purificar minha consciência.” (Iniciação homeopática, p. 47; Carta a Stapf, 17/12/1816)

“(...) Em breve irei abraçá-lo (Confúcio) no reino dos espíritos felizes (...).” (Carta a Stapf, Köthen, 1826; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“(...) essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente...” (Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“(...) esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos (...).” (Organon, 6ª ed.; § 289; IHFL)

“(...) esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível cobertura os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza.” (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 44)

“Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o mais pequeno passo no conhecimento a priori da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 135)

“1. Antes de mais nada, recomendo minha alma imortal à graça e à mercê de Deus, na inabalável crença que este Guia maior e mais poderoso de meu destino irá permitir-me participar de Sua glória celestial.” (Testamento de Hahnemann; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XVIII, suplemento 162)

“(...) O molde material está esgotado foi a expressão que usou. Parece que seu sofrimento foi pequeno e apenas poucos dias antes de falecer (provavelmente somente uns dias), sobreveio uma dispnéia em paroxismos que piorou até a derradeira, de treze horas de duração, e que terminou em sufocação.” (“Sobre a Morte de Hahnemann”, Dr. Hull, Homeopathic Examiner, vol. III, p. 257; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

“Tentem tornar-se tão felizes quanto possível nesta curta vida terrestre (escola de aperfeiçoamento para a Eternidade) e se vocês tentarem arduamente não encontrarão dificuldade para assim proceder.” (Carta às Suas Filhas; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

2) Hahnemann e Confúcio

Assim como segue o exemplo de Sócrates na *psicologia experimental* (primado pela simplicidade e clareza de conceitos), enaltece os ensinamentos de Confúcio, *este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus*, comparando-o com o *arqui-visionário* Jesus Cristo. Criticando, mais uma vez, os excessos filosóficos e religiosos, diz que Confúcio *transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições*.

“A tradução para o alemão dos trabalhos em chinês de Confúcio, realizada por Scott, é de nível muito desejável... Transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições. É um importante sinal dos tempos: que agora Confúcio possa ser lido em nosso país. Em breve irei abraçá-lo no reino dos espíritos felizes; este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus, seis séculos e meio antes do arquivisionário (Cristo-RH).” (Carta a Stapf, Köthen, 1826; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Para melhor entendermos o pensamento filosófico de Hahnemann, traremos concepções básicas deste educador chinês (500 a.C.) retratadas em seus *Diálogos*. Aqui veremos os mesmos preceitos de moral e caráter, ensinados por Hahnemann para a manutenção da saúde psicossomática, como normas de conduta para a formação do bom político e governante.

No meio do caos governante da China Antiga, Confúcio coloca suas preocupações com o reequilíbrio político, falando sobre *a perda do Caminho (dao)*, ou seja, o *Caminho dos Sábios Reis da Antiguidade*. Assume a missão celeste de *“despertar o mundo como um gongo” e de fazê-lo reencontrar o Caminho perdido*.

Com caráter agnóstico, seu pensamento assume uma *ética essencialmente fundada sobre a afirmação dos valores humanos e das exigências morais, centrado num ideal prático*. Dentro deste conceito de *“homem de bem” (jun-zi)* a significação essencialmente moral assume lugar central na formação do político ideal.

O *homem de bem* deve contribuir para a realização do Bem Soberano, que é o *ren*, termo central da ética de Confúcio. O *ren não designa, pois, um Bem abstrato, absoluto, mas o bem que um homem pode fazer a outro*.

“O parágrafo XV, 23, nos dá uma abordagem negativa, sob o nome de mansuetude: O que não quiseres que te façam, não o inflijais aos outros. A mesma idéia é

retomada de forma mais positiva em VI, 28: **Praticar o ren é começar por si mesmo(...). Busca em ti a idéia daquilo que podes fazer pelos outros - eis o que te porá no caminho do ren! Tal é, em suma, o sentido da resposta de Confúcio a Fan Chi, que lhe pergunta o que é o ren: É amar aos homens. (XII, 22)**” (*Diálogos de Confúcio*, pp. 22, 23)

Entram na composição do *ren* do *homem de bem* algumas virtudes como: a *piedade filial* (*xiao*); a *lealdade* (*zhong*) e a *fidelidade* (*xin*) compoem a honestidade; o *discernimento* (*zhi*) e a *coragem* (*yong*), que conferem a responsabilidade.

Atribuindo à Educação, assim como fazia Sócrates, o fator de melhoramento constante, comparava a figura do soberano ao grande Educador, sendo necessário *governar* (*zheng*) por *retidão* (*zheng*): “Um soberano não pode governar se não for ele mesmo reto, digno de ser exemplo e norma para seus súditos.”

“Longe de preconizar uma adesão cega, dogmática, a uma forma qualquer de etiqueta ou de regras arbitrárias, confere toda a sua importância à experiência e ao julgamento de cada um. O *vi* é este sentimento do Justo, essa capacidade de julgar por si mesmo sobre o que é justo e prudente fazer em tais ou tais circunstâncias. Nos negócios do mundo, o homem de bem não tem uma atitude rígida de recusa ou aceitação. O Justo é a sua regra.” (*Diálogos de Confúcio*, p. 28)

Sem se fixar a qualquer religião ou filosofia, a conduta moral e ética confuciana é o guia para se atingir os atributos do *homem de bem*, que sendo exemplificada na prática diária torna o ser humano cumpridor fiel da missão a que se propôs. Seus ensinamentos estão isentos de especulações ou complicações metafísicas, mostrando claramente o ideal a ser atingido, absorvível por todos os discípulos, independente de seu nível cultural.

3) Filosofia Natural

Hahnemann demonstra admiração pela *filosofia natural*, aonde através da observação dos fenômenos e manifestações da Natureza, *infallível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus*, teremos os fundamentos básicos da *verdadeira religião*, conceitos estes defendidos por pensadores de todos os tempos.

"O livro sobre Entomologia que você me enviou é muito bom e acho que seria difícil obter informações melhores (se bem que isso seja um pouco obscuro) a respeito dos movimentos contínuos da aranha; trata-se de uma espécie de vôo, num plano horizontal, para frente e para trás e perpendicularmente para cima. Se este ramo da História Natural (entomologia) não fosse uma infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus, em síntese, se não revelasse tudo o que é necessário para instar os homens de bem a realizarem com alegria sua Vontade, tal como se manifeste em sua consciência... se não pudéssemos apreender a verdadeira religião nem com isso, então eu teria sido espiritualmente cego. (...) Oh meu Deus! A verdade e a isenção de preconceitos são tão raras e têm que se ocultar tanto diante dos ocupados bandos de mundanos insensatos, que desejam condescender com suas paixões animais até o último alento de vida e também anseiam por adquirir furtivamente a felicidade eterna, por um caminho errado!" (Carta a Stapf, Köthen, 19/07/1827; Samuel Hahnemann: *his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

"(...) Não há possibilidade de existir alguma coisa in rerum naturam que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente..." (Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: *his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

A título de ilustração do que viria a ser esta *filosofia da natureza* (de natureza experimental e contrária à filosofia especulativa), alicerce da postura científico-filosófica hahnemanniana, que encontrou adeptos em todas as épocas da Humanidade, citaremos as idéias de Goethe, contemporâneo e admirador de Hahnemann, que utilizou-a em suas pesquisas científicas.

"Duas espécies de filosofia existem: a doutrinária e a não-doutrinária. A doutrinária não parte da investigação da natureza, mas lança mão de concepções que ela mesma arquitetou para explicá-la e assim procura efetivamente fazê-lo. É especulativa e manipula sistemas. A não-doutrinária parte da investigação da natureza, integra-se nela, esforçando-se para explicá-la através da observação e da experiência,

distendendo-se cada vez mais. É a filosofia natural. Essas duas correntes de pensamento correm paralelas na história das idéias. Platão e Aristóteles encarnam na Antiguidade a filosofia como sistema. Nos tempos modernos ela atinge o seu ápice no começo do século XIX com Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer, contemporâneos de Goethe. A filosofia natural nasceu na Jônia, mundo grego da Ásia Menor. Surge com Tales, Anaximandro, Heráclito, Empédocles, que se empenham em explicar o aparecimento da vida na matéria e sua evolução. Tempos depois surgem o epicurismo e o estoicismo, que timbram em se apegar à natureza, sendo, assim, pelas características que oferecem, filosofia natural. No Renascimento, em que uma nova preocupação com as coisas da natureza se manifesta, repontam tentativas de uma renovação da filosofia natural, cuja figura máxima é Giordano Bruno. Contudo, o Renascimento não consegue impor, nos tempos subsequentes, o predomínio de uma filosofia natural. Spinoza renova a filosofia natural estoíca. Goethe, moço, recebe o influxo de Giordano Bruno e de Spinoza. Torna-se naturalista e, como pensador, encarna a filosofia natural científica, justamente no período em que os grandes sistemas filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel pretendem ser a expressão última, definitiva e perfeita em matéria de concepção do mundo e visão da vida. Goethe conhece as obras da filosofia sua contemporânea, como aliás é muito lido na filosofia em geral. Toma por obrigação estudar Kant, senta-se aos pés de Schiller; intérprete do filósofo, e deixa-se catequizar.” (Goethe - Quatro Discursos, pp. 125, 126)

*“Final, ele mesmo se convence de que nem a Teoria do Conhecimento, de Kant, nem os sistemas filosóficos de Fichte, de Schelling ou de Hegel podem realmente oferecer-lhe algo. O pensamento deles pertence a um outro mundo que não o seu, porque procura aproximar-se da natureza, ao passo que o seu tem nela o seu ponto de partida. (...) **Já se gastou tempo bastante com a crítica da razão; preferia uma crítica do entendimento humano. Seria uma verdadeira benção para o gênero humano se pudéssemos penetrar até o íntimo do senso comum e aí verificarmos a sua capacidade de compreensão, ou seja, nada mais nada menos do que ele precisa para viver perfeitamente bem a vida terrena.** O empreendimento de Goethe firma-se, portanto, na filosofia do entendimento humano, no que ele possa oferecer de mais acertado e saudável.” (Goethe - Quatro Discursos, p. 127)*

“Direção segura para a vida, segundo o seu modo de ver, só é possível partindo do conhecimento nascido da observação da natureza. Prender-mo-nos à realidade para daí alcançarmos a espiritualidade: eis a salvação que nos propõe para o caso. O conhecimento principal que cada um recolhe da observação da natureza é o fato de que o natural e o espiritual sempre se apresentam simultaneamente. O espiritual age sobre o natural como força plasmadora, ordenadora e consumadora. Conduz para fora do caos e do primitivismo. Manifesta-se através da superior evolução das formações naturais. Olhando com os olhos do espírito para dentro da natureza, como se mostra dentro de nós próprios, temos de reconhecer sem demora que em nós coexis-

tem o natural e o espiritual, que pertencemos ao reino das coisas naturais mas forçoso é nos entregarmos à direção das forças espirituais. A filosofia de Goethe consiste, pois, na observação dos fenômenos materiais e espirituais da natureza, como se manifestam dentro e fora de nós e das conseqüências que decorrem dos mesmos. O espiritual é o elemento luminoso que reluta com as trevas da densidade da matéria. Nesse embate desenrolam-se os acontecimentos do mundo e neles decorre a nossa vida." (Goethe - Quatro Discursos, p. 128)

O método goethiano de observação da Natureza baseava-se na experiência pura, não permitindo em nenhuma situação que algo subjetivo atrapalhasse a sua pesquisa, restando somente ao observador arrumar o objeto de uma forma específica para que este revele o seu conteúdo, pois a verdade é inerente ao fato observado, bastando retirar o envoltório que a esconde para que surja: "*O verdadeiro é parecido com Deus; não aparece imediatamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações.*"

"(...) Goethe procura descobrir em cada coisa um lado pelo qual esta se nos torne sagrada. (...) Esse lado do seu caráter está indissoluvelmente ligado a outro. Ele nunca procura aproximar-se diretamente desse elemento superior; aborda-o sempre através da natureza. **O verdadeiro é similar ao divino; não aparece diretamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações.** Além de crer na idéia, Goethe tem ainda a crença de que a desvendamos pela observação da realidade; não lhe vem a idéia de buscar o divino em outro lugar senão nas obras da natureza, mas nestas procura sempre descobrir o caráter divino. Se Goethe, ainda menino, ergue um altar ao grande Deus **que está diretamente ligado à natureza**, tal culto já procede nitidamente da convicção de podermos chegar ao que de mais sublime está ao nosso alcance, cultivando fielmente as relações com a natureza." (A Obra Científica de Goethe, pp. 123, 124)

"Goethe vê a origem da moral no mundo das idéias que o homem possui. Não são normas objetivas nem o mero conjunto dos instintos que regem os atos morais, mas as idéias, claras em si, pelas quais o homem imprime um rumo a si próprio. Não as obedece por dever, como deveria fazer com relação a normas éticas objetivas; nem por coerção, como faria sob o domínio dos instintos e paixões. Serve-as por amor. Ama-as como se ama um filho. Deseja a sua realização e empenha-se por elas, porque fazem parte do seu próprio ser. **A idéia é o critério, e o amor a força ativa da ética goethiana. Para ele há dever quando amamos aquilo que ordenamos a nós mesmos.** Um agir no sentido da ética goethiana é livre, pois o homem não depende de nada senão de suas próprias idéias. Só fica responsável por si mesmo." (A Obra Científica de Goethe, p. 191)

Introduzindo-nos no pensamento de Lessing, que iremos abordar no próximo tópico, vejamos como seu conceito de *religião natural* condiz com o pensamento de Hahnemann:

“Reconhecer um só Deus, procurar formar sobre ele os mais dignos conceitos, tomá-los em consideração em todas as nossas ações e pensamentos: aí está a soma completa de toda religião natural. Todos os homens estão inclinados e obrigados, na medida de suas forças, à dita religião natural.” (Escritos Filosóficos y Teológicos, p. 171)

4) Hahnemann e Reimarus

Dando particular importância aos **Fragmentos** de Reimarus, Hahnemann atribui a este material importante papel no despertar das consciências humanas, afastando os homens da *satisfação de suas paixões animais* e aproximando-os da *Aprovação Superior*:

“(...) Agora, no tocante ao livro de Wild. É um fragmento inteiramente desconhecido pelo excelente Reimarus. Nada sabemos a seu respeito exceto que a porção do meio refere-se à passagem de Moisés pelo Mar Vermelho. O Antigo Testamento é aí devidamente apreciado... (...) Não deixe de procurar para mim, se puder, nas obras de Wild, todos os fragmentos, independente de quanto custarem...” (Carta a Stapf, Köthen, 19/07/1827; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“Estou constrangido por você estar tendo tanto trabalho para conseguir os fragmentos. Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benefeitor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior.” (Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“Grandes são os inomináveis trabalhos do Senbor da Criação, incomensurável Sua sabedoria, Seu poder, Sua bondade. Espero que você tenha a grande sorte de encontrar no leilão de Mobrenzoll os “Fragmentos” de Reimarus, homem que não se sujeitou a ser subornado pela superstição...” (Carta a Stapf, Köthen, 24/03/1828; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O que seriam estes **Fragmentos** de Reimarus, que Hahnemann tanto cita e anseia por conseguir a qualquer preço? Provavelmente tratar-se-á de um assunto que em muito nos auxiliará a entender a concepção filosófica do Mestre. Em vista disto, trataremos estes conceitos e o que eles representavam para o pensamento religioso da época.

Hermann Samuel Reimarus (1674-1768) estudou teologia, filosofia e filologia em Jena e Wittenberg e viajando pela Inglaterra e Holanda, analisando os problemas e controvérsias do cristianismo e da filosofia desde Toland, Sherlock, Warburton, Espinosa, Grotius, Bayle, etc., considerou que “*ao cartesianismo teria que tirar o jugo e explicitar-lhe a intenção de fundamentar o conhecimento em todas as áreas da vida, da vida prática*”. **Publicou sua Doutrina da Razão, ou seja, instrução para usar corretamente a razão e o conhecimento da Verdade, baseando-se nos princípios e regras naturais da identidade e da contradição.**

“*Baseando-se nos princípios de identidade e contradição, e mediante análises dos conceitos, tenta fundamentar a existência de atributos divinos, a providência, a imortalidade da alma, etc., porém concluindo o livro com a clara proposta de levar a sério a dúvida razoável: por que criaram a revelação?*”, finalizando este trabalho na obra **A Apologia**, conforme nos relata Agustin Andreu Rodrigo em **Escritos Filosóficos e Teológicos**, de Gotthold Ephraim Lessing, que, além de amigo pessoal, foi o grande editor, comentarista e “salvador” da obra de Reimarus.

Lessing publicou **Os Fragmentos** como se fora obra de um *anônimo*, por desejo dos familiares de Reimarus, pois o material fazia sérias críticas aos dogmas das Igrejas. Baseado na opinião de Reimarus que dizia: “*o povo crê tão fortemente que se deixará matar por sua fé, e matará aos que não creiam o que ele crê*”, Lessing se propôs a *reinterpretação dos dogmas da religião cristã, dos dogmas do pecado original e da satisfação.*

Contra os resquícios da inquisição clerical, que dificultava a divulgação de **Os Fragmentos**, Hahnemann diz:

“*Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor (...)*”. (Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Em **Escritos Filosóficos y Teológicos**, “Os Fragmentos” de Reimarus, publicados como um *anônimo* por Lessing, são comentados por Augustin Andreu Rodrigo, professor de Teologia Sistemática, Antropologia e Ética, que

iremos retratar resumidamente, atendo-nos aos tópicos que possam auxiliar no esclarecimento do pensamento filosófico de Hahnemann.

Primeiro fragmento: *sobre o descrédito da razão nos púlpitos.* (púlpito: tribuna onde pregam os oradores sagrados)

“Tratava o primeiro fragmento do anônimo sobre a relação entre a razão e a revelação. Uma relação que os púlpitos estão tratando mal, comenta Lessing. Pois que, enquanto os teólogos ortodoxistas caluniam a razão declarando-a corrompida pelo pecado original e exigindo, portanto, seu completo submetimento, os outros teólogos, os progressistas (chamados então neólogos) pretendem identificar maravilhosamente a razão com a revelação, convertendo esta numa mera ratificação dos comentários daquela, de sorte que a revelação, propriamente, não revelaria nada. A tese de Lessing é que não faz falta recorrer ao pecado original e ao homem carnal de São Paulo, etc., etc., para provar que a razão está corrompida e debilitada; a razão é débil por outros conceitos, e uma certa escravidão da razão sob a obediência da fé se deduz do próprio conceito de revelação. A revelação é um avanço de uma luz maior. Uma vez a razão haja se assegurado da realidade da revelação, deve entregar-se a compreender essa luz maior - tarefa que pode ser milenária. Uma certa escravidão não significa que é uma escravidão ao meio; significa que a razão há de se assegurar previamente da realidade da revelação. Assegurada, a escravidão há de ser verdadeira luta por compreender o novo motivo de ação prática que da luz maior aparece. No entanto, a revelação prova-se com um tipo de prova distinto do da estrita demonstração racional, baseada na necessária conexão de causa e efeito. Pois a revelação é histórica, empírica, questão de fato.” (Escritos Filosóficos y Teológicos, pp. 436, 437)

Comentando o **lamentável pecado original**, citado por Reimarus, esclarece um ponto de fundamental importância à Homeopatia, em vista do tema ancorar determinada corrente filosófica que se baseia no modelo escolástico, tantas vezes criticado por Hahnemann.

“Porém, ao parecer da exégesis de Gênesis 3 (relato mosaico do pecado original) como lugar onde se assinala a causa da corrupção da razão e de sua conseqüente incapacidade, Lessing adianta uma reinterpretação do dogma do pecado original, mostrando praticamente como a razão há de aprender na revelação e como não é indiferente relacionar com o mistério uma idéia ou outra. - O recurso ao pecado original para explicar que o homem nasce pecador e culpável, era comum às igrejas católica, luterana e reformada: as três o consideram uma doutrina bíblica, especialmente do Novo Testamento. A Teologia leu dita doutrina em Gênesis 3, a partir de Santo Agostinho, e a relacionou com outros textos do Novo Testamento. Além de pecador, o homem é agora concebido diminuído de faculdades. Essa diminuição, pelo que corresponda à razão, a víam uns (geralmente os luteranos e calvinistas, e depois os jansenistas e Port-Royal) como uma corrupção integral, ou praticamente integral, da mesma; outros (católicos e jesuítas) como uma mera privação de certas ajudas de que,

com anterioridade ao pecado, gozara (dons preternaturais). - Lessing intercala e **adianta** aqui uma interpretação da queda originária, na qual **já não utiliza propriamente o conceito de culpa: Todos pecamos em Adão (cf. Reimarus) porque tínhamos todos que pecar... Conforme em Educação, n. 74, Lessing diz: ...no primeiro e ínfimo dos degraus de sua humanidade, [o homem] não é absoluto senhor de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais... E aí vê Lessing a necessidade do Filho, ou seja, da pluralidade própria do divino. Com o pecado original, pois, Lessing não vai explicar a perda de nada ou a corrupção posterior de um bem preexistente; aqui se limita a dizer isto; depois dirá mais: esse relato de Gênesis 3, fala - diz - dos intentos do homem para passar do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão. De outra maneira, Lessing disse: na queda que dizem do pecado original não se morre a razão, senão que luta por nascer. A inteligência humana não se formou senão paulatinamente (cf. Reimarus, fragmento IV).** - Deste modo, a Humanidade está às portas de uma de suas grandes e novas etapas. Assim como está lutando pela liberação do jugo da letra, assim mesmo está lutando pela liberação da moral da culpa, ou melhor dizendo, do mérito e seus conseqüentes prêmios e castigos eternos. Quando Lessing escreve este comentário à doutrina do anônimo sobre a **ruína da razão humana**, têm já presente o que representa a doutrina do pecado original e, em geral, da culpa, na educação do gênero humano e nos próximos passos a dar." (Escritos Filosóficos y Teológicos, pp. 439, 440)

"O anônimo havia escrito: **No estado de inocência, dizem [os teólogos], tinha o homem uma imagem de Deus incriada (não criada), ou seja, uma suficiente visão de Deus, do mundo e de si mesmo, assim como sabedoria, justiça e santidade. Incriada e suficiente** são termos técnicos para indicar a **sobrenaturalidade** dessa imagem e desse conhecimento. Também havia escrito: **...quem tenha e queira usar sua razão natural, pode convencer-se de que sua razão inata [= natural] não é em absoluto agora menor embora sob a visão das perfeições de Deus...** Os adjetivos **incriado (anschaffen)** e **inato (angeboren)**, que no texto do anônimo referem-se ao elemento superior (imagem de Deus, Razão), Lessing refere-se ao **poder que têm nosso apetite sensível e nossas escuras representações**: esse poder é o **incriado**. (...) O **incriado e anterior**, diz Lessing, é esse poder escuro, que faz **com que tenhamos que pecar** (entre outras coisas, das quais pecar não é a pior - ao que parece)." (Escritos Filosóficos y Teológicos, p. 440)

Segundo a análise deste *primeiro "fragmento"* da obra elogiada por Hahnemann, a queda do paraíso não significou a perda de nenhum dom preexistente e sim o ganho da Razão, atributo divino, que o homem adquiriu no seu caminho evolutivo normal. Ao diferenciar-se dos animais, que vivem sob as leis restritas da Natureza Criadora, o ser humano recebeu o *Princípio Inteligente ou Espírito*, que lhe conferia condições de evoluir segundo seu livre-arbítrio, sua vontade e seus esforços próprios. Para que ele pudesse ser *senhor absoluto de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais, passando*

do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão, incorporando com isto mais um estágio no seu crescimento espiritual, logicamente deveria caminhar por si próprio, trocando a Responsabilidade Divina pela responsabilidade pessoal. O fruto proibido representa a inteligência e o livre-arbítrio, que se mal utilizados levam o homem ao sofrimento e à dor, mas por outro lado, aumentam-lhe as experiências que fazem-no amadurecer moralmente.

Esta idéia encontramos na referida citação de Hahnemann.

“Porém a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com que satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem-estar, e criar os imensos recursos através dos quais eleva-se de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito que é imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza. (A Medicina da Experiência, 1805; Opúsculos de Hahnemann, p. 44)

Segundo fragmento: impossibilidade de uma revelação na qual possam crer todos os homens de modo fundamentado.

“Todos e cada um dos indivíduos hão de ter um conhecimento fundamentado da revelação, de sua realidade acontecida ou histórica e de sua origem divina. Mas, tendo-se em conta o tipo de provas que requer a revelação, considerando-se que cada um tem que acompanhar estes fatos vendo clara e distintamente sua realidade e seu caráter extraordinário, deveria haver propriamente uma religião e uma revelação para cada homem. E, como não é possível que uma única revelação alcance a todos os homens de modo fundamentado, assinalará Lessing que entre haver uma revelação para cada homem e haver uma só revelação para todos (coisa que comportaria a impossibilidade de que todos se salvassem), há que optar pela via do meio: diversas revelações, simultâneas e contemporâneas, para diversos povos (judeus, cristãos, muçulmanos, brâmanes...), e diversas revelações sucessivas para a Humanidade. A revelação é algo que pertence à estrutura da razão, segundo o primeiro fragmento. O indivíduo exímio é sujeito ativo/passivo de revelação, uma revelação que serve e se orienta, desde já, aos demais do seu povo e depois à Humanidade inteira. Pertencendo à estrutura intrínseca da razão, é impossível que Deus deixe a um homem sem revelação direta ou indiretamente.” (Escritos Filosóficos y Teológicos, p. 437)

Observamos na postura *universalista* de Hahnemann, frente às diversas filosofias e religiões, uma grande afinidade com o pensamento de Reimarus exposto neste “fragmento”, incorporando ao seu pensar *revelações* que encontrava em diversas fontes. Segundo Lessing, “as provas das verdades da

razão são distintas das provas das verdades reveladas, pois estas baseiam-se em testemunhos ou, ademais, versam sobre fatos empíricos, históricos, condicionados por lugar e tempo, sendo impossível que uma revelação seja universal: se todos os homens hão de gozar de igual ajuda e dispôr de uma revelação, terá que haver mais de uma revelação”.

Terceiro fragmento: Passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho.

*“O terceiro fragmento propõe um tema que serve para ilustrar a loucura e o ridículo em que acaba uma exégesis (seja ortodoxa ou neóloga) que pense que a defesa eficaz de uma revelação consiste em defender o caráter divino e infalível de todas e cada uma das afirmações históricas, geológicas, etnográficas, biológicas, mineralógicas, geográficas, topográficas... e, enfim, éticas contidas nessa coleção de escritos que recolhem uma sucessão de tempos e condições de vida diversíssimos. Lessing contrapõe a miséria dessa exégesis, inclusive a apetrechada com a melhor filologia e demais subsídios, à sensível e religiosa atitude de quem sabe que é a fé, do fiel - a atitude que deveria adotar o ortodoxo e que não faria por uma parte invulnerável e inacessível a ataques, convertendo-o, de outro modo, em um norte orientador (ao invés de ser pura inconstância neológica, praticando a elevação apologética ao preço tremendo de não compreender quase nada). A exégesis desconhecadora das limitações do princípio da prova histórica, e entregue à inspiração verbal ou literal e à sua conseqüente infalibilidade, tem que acabar recorrendo a golpes de engenhosidade e ocorrências para explicar a milagrosa travessia do Mar Vermelho por 600.000, ou 60.000, ou somente por 6.000 (que a infalibilidade não cobre o risco de corrupção do texto)..., sendo assim que há deixado de ser capaz de renunciar à interpretação literal das **asas de águia** que concede Deus a Israel para que fuja bem veloz... Em lugar de tão nervosa, dispersa, insegura (de si! de sua fé!) atitude, exposta a não acertar nem por casualidade na defesa da revelação e a ter que recorrer ao cabo da autoridade civil como reforço da argumentação ridícula, a atitude religiosa poderia ser a da fidelidade e a conseqüência, em manter-se no lugar próprio, a saber, **nesse pequeno porém insuperável círculo** que é a fé.”* (Escritos Filosóficos y Teológicos, pp. 437, 438)

Quarto fragmento: que não se escreveram os livros do Antigo Testamento para revelar uma religião.

“Destas coisas (insuficiente concepção da unidade de Deus; ausência de concepção da imortalidade da alma), pelo menos, nada se pode concluir sobre a divindade dos livros do Antigo Testamento. Pois esta terá que se provar de muitas outras maneiras que com as verdades da religião natural que neles se encontram. Qualquer outro livro tão antigo pode conter as mais evidentes, elevadas, profundas verdades deste tipo, e disso hoje temos provas. Provas que invalidam mais de um douto silogismo que conclui a condição divina da

Bíblia, na qual é elo de ligação a unidade de Deus, que se ensinaria somente no Antigo Testamento. Os livros santos dos brâmanes poderiam competir, pela antiguidade e dignidade de suas representações sobre Deus, com os livros do Antigo Testamento, se o que desconhecemos ainda destes livros santos corresponde aos exemplos que deles nos têm dado a conhecer pessoas fidedignas. Pois que, se a inteligência humana não se formou senão paulatinamente; se as verdades que são hoje evidentes e claras para o homem mais sensível, foram outrora muito incompreensíveis e, em consequência, tiveram que produzir-se inspirações imediatas da Divindade e embora só puderam ser aceitas como tais; não obstante, houve em todos os tempos e países almas privilegiadas que, com suas próprias forças, pensando, saíram da esfera dos seus contemporâneos, corriam ao encontro da luz maior e, se é verdade que não podiam comunicar a outros seus sentimentos sobre esta luz, não obstante podiam indicá-los. Não é possível dar prova alguma sobre a origem divina imediata do que provém desta classe de homens que também hoje surgem de quando em quando sem que lhes faça sempre justiça. Porém, se não se pode provar essa origem onde ocorra, tampouco se lhe pode negar onde falte, e bem poderia ser de Deus um livro, ser composto de uma mais alta inspiração divina, embora nele se encontre poucos traços ou nenhum da imortalidade das almas ou das penas posteriores a esta vida. Inclusive é possível que estes livros contemham uma religião beatificante, ou seja, uma religião com cuja observância pode o homem assegurar a felicidade mais além do que alcance o pensamento.” (Escritos Filosóficos y Teológicos, pp. 430, 431)

Quinto fragmento: sobre a história da ressurreição.

Neste último *fragmento* de mais de cem páginas, Reimarus questiona as inúmeras contradições encontradas nos testemunhos dos Evangelistas sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

*“O comentário ao quinto fragmento, distinguindo entre o **testemunho** do fato empírico e histórico da revelação (ressurreição de Jesus Cristo) e o **cronista**, devolve a cada indivíduo seu direito e faculdade para fazer-se com uma fundamentação de sua atitude religiosa: remete o sujeito para fundamentar a fé.” (Escritos Filosóficos y Teológicos, p. 438)*

Provavelmente, **a destituição dos dogmas religiosos e, conseqüentemente, de qualquer modelo ou sistema especulativo que afastasse o homem dos resultados e das observações práticas, tenha sido o encanto que aproximou Hahnemann de Reimarus e dos demais pensadores afins.** Na análise pura dos fatos, livre de qualquer hipótese preconcebida, vemos a bússola que sempre norteou o pensamento e a produção científica de Hahnemann, despertando seu interesse por filósofos que comungassem com os mesmos ideais.

CAP. XV

Conclusões

S. Hahnemann

A partir deste estudo, observamos aspectos nítidos do pensamento de Hahnemann quanto à concepção imaterial e filosófica do homem, que iremos abaixo relatar.

Primeiramente, torna-se evidente a identidade da força vital hahnemanniana com a *vis medicatrix* hipocrática, ambas possuindo as características de instintiva, automática, irrefletida, irracional, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo.

Esta força vital, instintiva e automática, possui a propriedade de manter o equilíbrio orgânico, *enquanto ocorra a saúde*, perdendo esta capacidade quando o processo de doença se instalar. Nas enfermidades, os esforços cegos da força vital para manter a homeostase, é feito às custas de ações automáticas, impensadas, caóticas, ocasionando sérios estragos à constituição orgânica. Se a força vital conservadora da vida e da saúde for afastada do corpo físico, este fica entregue às leis da química e da física, entrando em decomposição.

Formando uma unidade inseparável (composto substancial) com o corpo físico, a força vital imaterial proporciona ao mesmo a capacidade de afastar-se

das leis da matéria morta, envolvendo-o com o fenômeno da vida. Hahnemann denomina este conjunto com a expressão *força vital orgânica*. Assim como na matéria inanimada temos a *massa* expressa pelo núcleo atômico e a *energia* constituída pelas camadas de elétrons circulantes, no ser vivo temos o princípio vital imaterial plasmando e animando o corpo físico material.

A força vital imaterial, incorpórea, invisível reage com energias da mesma natureza, **não possuindo nada de *espiritual* no sentido metafísico do termo**. Hahnemann compara a energia vital a outros tipos de energia conhecidos em sua época, como magnetismo, eletricidade, eletromagnetismo, galvanismo, etc. Vai mais além, orientando na utilização do magnetismo animal ou mesmerismo para o reequilíbrio da força vital alterada, aceitando a interação (influxo ou descarga) de energias entre mesmerizador e paciente.

Toda doença ocorre pelo desequilíbrio da força vital, manifesto ao médico, apenas, pela totalidade dos sintomas mórbidos existentes. A cura, através dos medicamentos homeopáticos, é desencadeada pela reação da força vital orgânica contra a energia medicamentosa despertada pela dinamização (efeito secundário), por serem de natureza e qualidade semelhantes. Daí podermos concluir que a força vital humana assemelha-se *em qualidade* à energia contida nas diversas substâncias dos demais reinos da Natureza, pois de todos eles produzimos remédios homeopáticos.

A força vital irracional difere em natureza e espécie do espírito racional e inteligente *que habita em nós*, o qual se utiliza da unidade físico-vital para cumprir sua missão durante a vida terrena. **Este espírito ou alma não está ligado substancialmente ao corpo físico nem à força vital**, diferenciando-se destes como uma entidade separada, *habitando a morada corporal com o fim de cumprir os altos fins de sua existência*. **Não encontramos nenhuma citação, nas obras de Hahnemann consultadas, sobre o composto substancial corpo-espírito do modelo aristotélico-tomista.**

Hahnemann relaciona a energia vital às fibras nervosas, atribuindo a estas o papel de distribuir a influência dinâmica à unidade orgânica, como um substrato material-energético através do qual a força vital interage com o corpo físico. Por outro lado, **chama os órgãos mentais ou mente (sede das ativi-**

dades psíquicas) por órgãos de mais alta hierarquia, invisivelmente sutis, quase não-materiais correlacionando a unidade mental à unidade orgânica, apesar de serem consideradas entidades distintas.

Nestes órgãos psíquicos, *quase não-materiais, invisivelmente sutis*, temos a base da vida inteligente, ou seja, do espírito racional, que através do psiquismo mental interage com a força vital e todo o organismo. Daí a grande relevância dada por Hahnemann às noxas psíquico-emocionais, responsáveis pelo despertar da Psora, no adoecer do indivíduo.

Procurando englobar todas estas instâncias num todo harmônico e lógico, apresentaremos um modelo, que acreditamos estar o mais próximo às idéias de Hahnemann.

O espírito imortal possui sua sede orgânica nos órgãos psíquicos e mentais, semimateriais, invisivelmente sutis, também chamados de mente, por onde este princípio inteligente se manifesta através dos pensamentos e sentimentos. Desta instância de mais alta hierarquia, emana para a unidade orgânico-vital, esta energia mental oriunda do psiquismo e da vida afetiva, influenciando de alguma forma a força vital, por ser de natureza não-material como esta, apesar de possuírem qualidades distintas. No sistema nervoso temos a manifestação material destes órgãos semimateriais.

Assim como esta vida psíquicoafetiva pode desequilibrar a força vital orgânica causando as enfermidades, a energia do medicamento homeopático pode restabelecer o equilíbrio perdido na unidade orgânico-vital, que só será efetivo caso o indivíduo se esforce na manutenção deste estado de eqüanimidade interior. Da mesma forma que a atividade mental atua sobre a força vital, o influxo vital transmite à mente estímulos que despertam sentimentos semelhantes, que chamamos de *sensação de bem-estar geral* no caso em que escolhemos um medicamento adequado, sintomas mentais ou psíquicos no caso de doenças mentais orgânicas, ou então serão os sintomas mentais despertados pelos medicamentos nas experimentações.

Por outro lado, Hahnemann orientando quanto à busca dos princípios elevados da moral e da ética, ensina o homem a atuar diretamente sobre os órgãos mentais e psíquicos *de mais alta hierarquia*, através de *sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conheci-*

mentos que abraçam o universo. A fim de manter a integridade orgânica, mostra o ideal a ser perseguido pelo ser humano, através do exemplo pessoal: *“fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar”.*

Quanto à moral propriamente dita, entende-a como o afastamento dos instintos animais que obnubilam a consciência humana, adquirindo uma visão mais clara dos valores a seguir pela sintonia com a Consciência Cósmica.

Resumindo, observamos nas obras de Hahnemann uma hierarquia de influências mútuas entre as entidades imateriais do homem, aonde o espírito manifesta suas propriedades através da mente ou órgãos mentais, que, emitindo seus pensamentos e sentimentos, atuam sobre a força vital orgânica, influenciando o corpo físico. Por sua vez, a força vital desorganizada atua sobre a mente, causando os sintomas mentais e psíquicos das enfermidades mentais ou das patogenesias.

No penúltimo tópico deste trabalho, frizamos a aversão de Hahnemann quanto às especulações filosóficas e metafísicas a respeito do modelo vitalista que nos legou, o qual procuramos demonstrar dentro da maior fidedignidade possível.

Vimos também que Hahnemann possuía concepções filosóficas próprias, aceitando que a existência terrena funcionava como uma escola de aprendizado ao espírito imortal, que continuava sua vida de relações e seu caminho evolutivo após a morte. Enquanto repreendia qualquer modelo filosófico que pregasse conceitos distantes da simplicidade prática, enaltecia Sócrates e Confúcio com seus ensinamentos educativos, pautados no esforço constante em busca do aprimoramento moral. Admirava a *filosofia natural*, aonde através de observações puras da Natureza poderíamos atingir o conhecimento de tudo que necessitássemos para adquirir os valores espirituais de uma verdadeira religião. Assumindo postura crítica em relação aos dogmas religiosos, fruto da visão extremamente prática com que encara todos os fatos de sua vida, entusiasma-se com pensadores que se posicionam racionalmente analisando e criticando as chamadas “revelações bíblicas”.

Do trabalho em questão, observamos a semelhança do modelo vitalista hahnemanniano com as idéias de *Barthez (1734-1806), símbolo médico e filósofo da Escola de Montpellier, contidas na obra Ensaio Para um Novo*

Princípio para o Homem (1772) e discutidas em **Homeopatia e Vitalismo**, de onde citaremos suas principais concepções.

*“Barthez enunciou sua grande hipótese - tumultuando novamente o sempre receptivo **establishment** científico - de um princípio vital (que para ele não era idêntico à alma) “que é ativo, natural e unitário e que manifesta sua atividade entre outras formas na sensibilidade, na contração, no tônus, etc... e se acha unido à matéria orgânica”. (Homeopatia e Vitalismo, p. 62)*

“Barthez, admirador das teses de NEWTON (1642-1727), amigo pessoal de enciclopedistas como D’Alembert, nutria idéias diferentes das de Stahl, “a natureza - dizia ele - e as faculdades deste ser não são definidas por noções puramente metafísicas ou teológicas”, na medida em que operam no corpo humano “dois princípios diferentes onde a ação não é mecânica, um é a alma pensante, o outro o princípio de vida”. (Homeopatia e Vitalismo, p. 65)

Com várias semelhanças aos relatos de Hahnemann, a começar pelo título de sua obra (**Ensaio Para um Novo Princípio para o Homem**), dizia que *importava menos explicar o que é, e como é constituído este princípio vital, mas como ele pode ser demonstrado no processo da experiência.*

“Seu princípio vital não era material, nem mecânico, nem inteligente, mas uma mistura que procurava intermediar a alma e os fenômenos físico-químicos; sendo que tudo que fosse observado seria efeito desta intermediação. Chamo de princípio vital do homem à causa que produz todos os fenômenos da vida no corpo humano. O nome desta causa é bastante indiferente e pode-se escolher a vontade”. (Homeopatia e Vitalismo, p. 65)

“(...) Barthez elucidou, na obra que o immortalizou, que o princípio vital é escravo das propriedades físicas da matéria introduzidas nos corpos viventes. Além disso, Barthez também entra na extensa lista de médicos pesquisadores que aceitavam, através de suas observações clínicas, a possibilidade terapêutica da similitude (...).” (Homeopatia e Vitalismo, p. 66)

*“O princípio vital representou uma solução provisória - podemos dizer seguramente, um adiamento do problema - para que não permanecesse a confusa identificação com sua verdadeira regente: a alma racional. Ao mesmo tempo admitia um agente intermediário, co-regente, cujo encargo estava em atuar especificamente nas sensações e funções. Esta sua visão permitiu a manutenção da visão de unidade, mas esta estaria partilhada pela divisão de funções. (...) Barthez, assim como Galeno, enfatizou que a ação instintiva do princípio vital, - por suas propriedades de defesa e conservação do animal - precederia à formação completa dos órgãos, **identificando o princípio vital com um princípio formativo**. Para Barthez, a doença seria o resultado final do desequilíbrio apresentado entre a sensibilidade e a motilidade.” (Homeopatia e Vitalismo, p. 66)*

Desinteressando-se, assim como Hahnemann, a respeito da verdadeira natureza da força vital, Barthez enfatiza a unidade que o princípio vital forma com o corpo físico, distinguindo nitidamente o *princípio vital invariável* para a maioria dos indivíduos, da *alma que individualiza os seres*, conforme nos relata Moura Ribeiro em seu artigo sobre o vitalismo.

*“(...) O verdadeiro e maior serviço que Barthez prestou aos fisiologistas, foi o de lhes lembrar a unidade, a grande unidade do princípio vital. <... eu chamo de PRINCÍPIO VITAL, A CAUSA que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem >>. Estas questões são tratadas em seu livro **Novos elementos da ciência do homem**, no capítulo intitulado Considerações séticas sobre a natureza do princípio vital do homem, onde não nos traz grandes luzes sobre a natureza do princípio vital, sob pretexto de que a questão é de nenhuma importância para a verdade do sistema, e que nós somos condenados a uma ignorância absoluta sobre a natureza das causas, seja em geral, seja em particular. Apesar disto, ele não hesita em afirmar que princípio vital, não é uma faculdade da alma racional... E aqui se situa a sua polêmica com Stahl e o animismo, pois ele acha impossível que o princípio vital seja uma faculdade da alma. E diz que quando o princípio vital age, a alma não tem esse sentimento interior que corresponde à consciência do que se passa no automatismo fisiológico. As determinações do princípio vital não variam; elas são as mesmas em todos os homens, enquanto tudo o que provém da alma, suposta livre, varia mais ou menos de indivíduo a indivíduo. Portanto, é essencial distinguir o princípio vital do homem em relação à sua alma; e sendo ele distinto da alma, é necessário saber se ele existe por si mesmo, ou se é uma substância a parte ou uma modalidade do homem, um modo inerente ao corpo humano, ao qual ele dá vida.” (O Vitalismo, Similia)*

Referências Bibliográficas

S. Hahnemann

- 1) CONFÚCIO. **Diálogos de Confúcio**. Trad.: Anne Cheng e Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- 2) GALHARDO, José Emydio Rodrigues. **Iniciação homeopática**. Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1936.
- 3) GRUPO de Estudos Homeopáticos de São Paulo "*Benoit Mure*". **A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra**. Trabalho apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Homeopatia, Salvador, 1984.
- 4) HAEHL, R. **Samuel Hahnemann: his life and work**. Trad.: M.L. Wheeler. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989. 2v.
- 5) HAHNEMANN, Samuel. **Organon Del Arte de Curar**. 5ª ed. Traduzido da 5ª ed. escrita em alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática-Universidad de Madrid, 1844.
- 6) HAHNEMANN, Samuel. **Varios Opusculos de Hahnemann**. Traduzidos do alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática-Universidad de Madrid, 1844.

- 7) HAHNEMANN, Samuel. **Études de Medecine Homoeopathique**. Paris: CHEZ J.-B. BAILLIÈRE, 1855.
- 8) HAHNEMANN, Samuel. **Matéria Médica Pura**. Trad. da última ed. alemã por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1980.
- 9) HAHNEMANN, Samuel. **The Lesser Writings of Samuel Hahnemann**. Coletados e transcritos por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1995.
- 10) HAHNEMANN, Samuel. **Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar**. Traduzido da 6ª ed. alemã. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit Mure", 1984.
- 11) HAHNEMANN, Samuel. **Doenças Crônicas, sua Natureza Peculiar e sua Cura Homeopática**. Tradução da 2ª ed. alemã, 1835. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit Mure", 1984.
- 12) HAHNEMANN, Samuel. O Espírito da Doutrina Médica Homeopática. Trad. de Cecílio A. Roque. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, vol. 53, p. 65-72, nº 2, 1988.
- 13) HAHNEMANN, Samuel. **Opúsculos de Hahnemann**. Traduzidos e transcritos ao castelhano pelo Dr. Jose Sebastian Coll, Madrid, 1844. Buenos Aires: Editorial AMHA, 1993.
- 14) HAHNEMANN, Samuel. **Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar**. Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izaó Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, IHFL, 1995.

- 15) HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar. Organon der Heilkunst.** Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izaio Carneiro Soares, IHFL. São Paulo: Robe Editorial, 1996.

- 16) HIPOCRATES. **Aforismos.** Tradução de Leduar de Assis Rocha. Recife: Arquivo Público Estadual, 1957.

- 17) KENT, J. Tyler. **Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos.** Buenos Aires: Editorial Albatros, 1981.

- 18) LESSING, G. Ephraim. **Escritos Filosóficos y Teológicos.** Edición preparada por Agustin Andreu Rodrigo. Madrid: Editora Nacional, 1982.

- 19) MARZETTI, Angel N. **La Homeopatia. Medicina Del Porvenir.** 3 ed. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1946.

- 20) REIMARUS, Hermann. **Fragmentos.** Atlanta: Scholars Press Reprints and Translations, 1985.

- 21) RIBEIRO, A. Moura. O Vitalismo. **Similia**, São Paulo, nº 61, p. 9-13, 1984.

- 22) ROSENBAUM, Paulo. **Homeopatia e Vitalismo - um ensaio acerca da animação da vida.** São Paulo: Robe Editorial, 1996.

- 23) SCHWEITZER, Albert. **Goethe - Quatro Discursos.** São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.

- 24) STEINER, Rudolf. **A Obra Científica de Goethe.** São Paulo: Editora Antroposófica, 1984.

COMENTÁRIOS

S. Hahnemann

“Quem já ouviu falar de Reimarus? Alguém se lembra de alguma referência de Hahnemann em relação a Confúcio? Ou algum relato explícito acerca de sua admiração pela “Filosofia Natural”? Enfim, algo aparentemente novo no campo das concepções filosóficas de Hahnemann.

O Dr. Marcus nos traz, após extensa e ampla pesquisa, não segundo suas próprias palavras ou interpretações, mas através dos inúmeros escritos e cartas, o relato de Hahnemann quanto a inúmeros aspectos, senão desconhecidos, muito pouco comentados.

Isto foi propiciado, inicialmente, graças a uma inquietude interior do autor, insatisfeito com as explicações e interpretações acerca do pensamento vitalista de Hahnemann, até então em voga. Este sentimento motivou-o numa empreitada de pesquisa, num trabalho de organização dos inúmeros escritos de Hahnemann e sua sistematização segundo vários aspectos: *Vís medicatrix*; dinamicidade, automaticidade e espiritualidade da Força Vital; mesmerismo; e, por fim, a concepção filosófica de Hahnemann pelo próprio Hahnemann, detalhando aspectos até hoje muito pouco divulgados quanto aos seus conceitos de ética e moral, e sua racionalidade.

Sabemos que o pensamento e o compromisso do autor, neste livro, não é com a criação de mais uma escola ou linha de pensamento homeopático, ou muito menos a formalização, julgamento ou crítica direta a qualquer modelo antropológico, mas sim com a busca das bases em que se fundamentou o Mestre de Meissen, e quais eram suas idéias com relação ao tema em questão. O compromisso foi, com a realização de um levantamento bibliográfico fiel, amplo e organizado, a criação de uma fonte de pesquisa, deixando o exercício do entendimento sob a responsabilidade de cada um.

Esta obra nos chega num momento crucial, onde a busca de novos conceitos assentados na doutrina homeopática desenvolvida por James Tyler Kent no final do século passado, vem de encontro ao entendimento das bases que o fundamentou.

É interessante observar a proliferação de trabalhos originais e o desenvolvimento da Homeopatia em nosso país, nos últimos anos. Esta obra faz parte deste cabedal, pois amplia nossos horizontes e traz novos subsídios para compreender a formação conceptual do pensamento do Mestre, dando-nos parâmetros para uma visualização ainda melhor da genialidade e do grande número de fatores que o influenciaram na formalização dos conceitos vitalistas no decurso de sua vida.

A ânsia de não se acomodar diante do inexplicável e a busca incessante da verdade são as grandes molas propulsoras que, apesar de inúmeros percalços, têm feito com que a Humanidade siga em evolução. E foi a chama deste sentimento que deu a Hahnemann, e todos os primeiros homeopatas, coragem para seguir em frente. Neste seletto grupo, vejo o Dr. Artur de Almeida Rezende Filho. E, nesta mesma linha, tentamos vislumbrar a compreensão maior desta nobre arte médica, no fundo tão simples, que é a Homeopatia. Por isto, eu congratulo o autor pelo seu esforço na concretização deste trabalho.”

Ariovaldo Ribeiro Filho

Vice-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira

Vice-Presidente da Associação Paulista de Homeopatia

Autor do Novo Repertório de Sintomas Homeopáticos

“Surge com esta obra, mais um trabalho de extensa pesquisa dos escritos de Hahnemann ao longo de sua vida. O *Organon*, as *Doenças Crônicas*, os *Escritos Menores*, suas cartas a médicos e amigos, tudo foi minuciosamente analisado para se atingir o intuito final.

E qual foi este? Entender qual a visão que o Mestre de Meissen tinha do Homem. Era sua concepção antropológica realmente aristotélico-tomista ou quem sabe dualista? No afã de encontrar a resposta, Zulian foi além de Hahnemann e encontrou entre outros Reimarus, filósofo alemão, como possível norteador da imagem que o fundador da Homeopatia tinha do ser humano.

Vários trechos da obra *Fragmentos*, de Reimarus, são citados. Esta, foi publicada por outro filósofo alemão, Gotthold Lessing, que também era escritor. Entre seus trabalhos, existe o poema dramático: *Nathan, o Sábio*. Deste, famosa é a história dos três anéis, contada pelo sábio ao ser inquirido sobre qual das três religiões (cristã, judaica, muçul-

mana) era a verdadeira..A moral da história é que o mais importante não é o nome da religião, mas a conduta humana, desde que o homem seja guiado pela ternura, pela virtude, pela igualdade de caráter, pela caridade, pela confiança no Ser Superior.

Por isto, independentemente da conclusão que Zulian chega sobre a visão de Hahnemann, esta obra deve ser lida. Não só por causa do cuidado, esmero e fidelidade aos textos com que este trabalho foi feito, mas pelo amor à verdade e à humanidade que nele estão contidos.”

Corrado G. Bruno

*Vice-Presidente da Liga Médica Homeopática Internacional
Diretor da Associação Paulista de Homeopatia*

“Nesta obra, que certamente interessará a todos os colegas preocupados com a compreensão profunda da doutrina homeopática, vislumbramos, através de citações das obras de Hahnemann, sua concepção clara de temas extremamente polêmicos entre nós: força vital, mente e espírito.

Vemos reafirmada a idéia de que Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que explicasse a natureza das doenças, e temos a percepção do seu espiritualismo baseado em pensadores como Confúcio e Reimarus.

Estas questões vitais de nossa ciência são tratadas neste trabalho de uma forma consistente e séria, o que recomenda sua leitura como imprescindível.”

Sumaia Salume

*2º Secretário da Associação Médica Homeopática Brasileira
Editora da Gazeta Homeopática*

Impressão e acabamento:

VERVI

Indústria Gráfica e Editora Ltda.

Fones: 275-1764 / 5589-5284

“Ao esquadrihar a literatura hahnemanniana, perscrutando também os escritos menos acessíveis, o sagaz pesquisador nos desvenda, em detalhes, a intimidade do vitalismo em Hahnemann, demonstrando uma vez mais a precocidade do Mestre de Meissen em relação aos de sua época.

Sua aceitação do conceito de força vital em uma unidade indissociável do corpo físico, ao mesmo tempo vítima (instintiva e irracional) e coagente (ao ser passível de estimulação), coloca-o em meio à física do século XX e remete-o à teologia do século XXI, onde o théos, vibracional na essência, matematiza-se no $E = mc^2$, estabelecendo um binômio interativo passível de aceitar e responder a estímulos de ambas grandezas.

Fica bastante claro que Hahnemann, dando costas à beatitude, afasta-se da filosofia medieval, retoma o caminho do bem supremo do homem com a sua felicidade projetada na comunidade, ao mesmo tempo que contribui com o pensamento moderno onde o responsável pelo fim último (télos) é o próprio homem.

A perspicaz linearidade do autor, na condução do tema, nos brinda com uma obra de inestimável valor e, sem sombra de dúvida, referência a todos que quiserem discutir a visão vitalista de Hahnemann. Sugiro sua versão para o inglês e o espanhol. Mais uma vez, parabéns.”

Matheus Marin